

Per
2.5.94

592
A NOITE DO CASTELLO,

OS CIUMES DO BARDO

POEMAS

SEGUIDOS DA

CONFISSÃO DE AMELIA

TRADUZIDA DE

M.^{ELL} DELFINE GAY:

POR

A. FELICIANO DE CASTILHO

Bacharel Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade Juridica e da Associação dos Amigos das Letras da mesma Cidade, da de Medicina e Litteratura do Porto, do Instituto Historico de Pariz, da Academia Real de Sciencias e Bellas Letras de Roão.



L I S B O A :

1836.

NA TYP. LISBONENSE A. C. Dias,

Rua larga de S. Roque N. 12.



A NOITE DO CASTELLO

POEMA EM 4 CANTOS



AO CAVALHEIRO

ANTONIO BRICCOLANI

PELA SUA TRADUÇÃO DOS

LUSIADAS

Em penhor de respeito, benevolencia, e gratidão,
e em nome da *Litteratura Portuguesa,*

OFFERECZ

A. FELICIANO DE CASTILHO



Prefacio.

O dia em que determinamos lançar milhares de copias do nosso pensamento aos olhos e juizos de tantos homens que não passando, sem o esperarem nem nos conhecerem, é um dia de muito grande temeridade. A alma de um poeta namorada do espirito da solidão, livre no inviolavel asilo do seu mundo fantastico, aquecida a todos os fogos da mocidade, fogos brilhantes e perfumados, aonde nós mesmos lançamos tanta vez as flores da nossa arvore da vida, e não raro a propria arvore, a alma do poeta impregnada de um sopro celeste concebe com delicias, e com delicias produz longe de estranhos, no silencio da noite. No seu filho se revê; n'elle põe todas suas complacencias; por elle se considera excedida e folga; com os alheios o compara, e se ufana; na sua educação se emprega toda; emenda-lhe os defeitos, advertte-lhe os descuidos, communica-lhe a cada instante graças novas, estuda-lhe outros enseites, afiança-lhe benevolencias e futuro. Mas á hora de o emancipar, estremece, ao abrir a porta, por onde

o vai ver sair da sombra amigavel dos penates para o mundo da fortuna, mundo confuzo, movediço, frio, desdenhoso, onde o objecto de tanto amor despido de prestigios bem pode ser que nem se quer encontre justiça ou misericordia, e donde já então, uma vez visto, não poderá mais fugir para se tornar a esconder sob as azas maternas. Estas sollicitudes e temores, nunca tão fortes os senti publicando passatempos de minha poetica infancia, como agora que se vai erguer o pano entre as minhas concepções solitarias e o seculo. E com quanto pouco aproveitem escusas perante os julgadores de livros, e nessa conta vão comprehendidos todos quantos bem ou mal lêem ou ouvem, uma como verdadeira quero eu aqui pôr, e como de algum pezo m'a hão de tomar, se por ventura não é ella cabal para a venia de imparciaes: e vem a ser, que este voluminho (se me não engano) o não compuz eu para os outros, senão só para mim, e douz ou tres amigos de meu intimo trato. Mal cuidava eu que me acharia com um livro rematado quando, alguns annos ha, no retiro de umas serras, sem mais visinho que uma fonte e uns carvalhos desterrados entre urzes, e uma pobre Igreja rustica, posta a minha felicidade

em me esquecer da patria, temendo aventurar um passo além de tão estreito e abençoado horizonte, e persuadido de que já nunca em nossa vida amanheceria para esta terra dia de redempção, me consolava com a natureza, com o estudo, e com as minhas fantasias. O poctar não é já para mim trabalho assíduo; não era uma cultura, para a qual andasse preparando terreno, semeando, vendo crescer, mudando, vigiando, colheendo, medindo: era antes uma caçada á ventura. Se nos meus passeios por entre brenhas vinha uma imagem poetica, um verso, um hemistichio, ora nascidos do meu proprio cogitar, outr'ora suscitados por algum som campestre, com esse pobre achado voltava eu rico, e muito contente com ter assim enganado a compridão das horas, que tão arrastadas passam pela aspereza dos ermos. Por este modo insensivel concluí não só este, mas outros muitos opusculos, os quaes, ainda que para isso não nasceram, irão já agora successivamente saindo do seu esconderijo não ambiciosos de louvor, quehem sei eu quam pouco merecem, mas ao me nos como estímulo a melhores ingenhos. Triste cousa, e muito miseravel de vêr, é certamente o profundo e geral desprezo a que entre nós são chegadas as boas artes, mor-

mente a da poesia. Terra, aonde a natureza a está por si derramando; onde céo amoroso, como o de Grecia e Italia, a inspira; onde ingenho e imaginação vem nativos e espontaneos como as boninas cheirosas aos prados na primavera; terra, onde se falla tão formosa lingua e tão sonora como esta portugueza, tão fluente, tão matizada de figuras, tão viçosa de graças, tão arrojada em pompas, tão refeita e abundosa de antiga seiva, tão flexivel para todos os usos, sente fugir uns apoz outros os annos, sem que nella se estampe um vestigio luminoso e duradoiro de ingenho, para onde apontemos, quando estrangeiros nos disserem soberbos = A vossa poesia morreo como viuva do Indostão, com o vosso Camões. = Nem da terra é, nem do povo que a habita, essa tão feia necdoia: culpa é só dos que a seus destinos presidem (*) que sempre hão sido o que forão em tempo de Camões. Oh! se ~~inda~~ hoje,

..... na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza
de longe em longe se dá a ouvir algum de-

(*) A creação de um Conselho Supremo de instrucção publica, a de um Instituto de sciencias phisicas e mathematicas, de Escolas primarias, a de um Conservatorio musico, são, (não serei eu quem

bil gorgueio de esmorecida poesia; que fora se um pouco favor viesse lá de cima a tão donosos estudos! Se com honras e premios, tão mal gastados em gente infructifera, e por ventura damnosa, se buscasse espertar ingenhos, emulações, brios, amor de gloria! Mas não nos cansemos em votos inuteis, que a hora de acordar ainda me parece vir longe: e tornemo-nos depressa ao nosso livro.

A primeira censura, com que muitos o hão-de desdenhar, até sem o lerem, será que vem elle intempestivo nesta quadra epidemica dos Jornaes; que onde se ouvem de toda a parte queixumes e lamentos, sustos e desconfianças, um cantar de amores dissoa, como canção de noi-

o negue) utilissimas. Mas que providencias se hão dado para virmos a ter o tão necessario, e já hoje, tão possível, Diccionario de nossa lingua? Que se tem feito para virmos a possuir uma collecção decente e regular de nossos Classicos, e a traducção dos estranhos? Que auxilios se tem imaginado, para tornar possíveis as impressões de obras boas, cujos auctores forem indigentes? Que Sociedades propriamente litterarias se tem promovido? Que impulso recebeo ainda o nosso Theatro, para sair do lodo, em que apodrece? A este proposito publique-se, ao menos para desafago, que desde 9 de Junho de 1834 o Governo possui um Projecto, que lhe eu presentei, pelo qual, sem despeza alguma

vado em cemiterio; que levantar ficções de poeta entre animos attentos a vêr como correm as ondas e nuvens do mundo positivo mais parece escarneo de indifferente, que indício de coração generoso; que neste terreno prosaico da vida real só poderiam ser ainda acceitos aquelles canticos patrioticos, em que a alma cívica e violenta de um Tirtéo assopra o fogo da guerra, ou a alma cívica e desenfasiada de um Beranger pune e enfraquece os tyranos com os risos do povo. Tudo isso será assim: mas nem a mim me coube esse condão de arrastar as multidões; nem som de trombetas resuscita defuntos; nem eu quero desperdiçar mais com ingratos estes restos de minha mocidade. Tarde conheci os homens e o seculo: mas ainda a tempo lhes fugi atirando-me para o seio

para o thesouro, elle nos poderia grangear um Theatro excellento, edificio, dramas e actores; e ainda até hoje, não achou uma hora de boa vontade, ou para o mandar executar, ou para o mandar a informar a alguma commissão de peritos na materia, que o terião aperfeiçoado. Veremos se em fim o Conselho Supremo de Instrução Publica se encarregara de promover cousa tão essencialmente ligada com a mesma instrução; ou se a Camara Municipal, a quem nada esquece, toma a si este cuidado; ou se o Ministerio novo emenda espontaneamente descuido tão vergenhoso 28 de Novembro de 1835.

do passado, para a conversação dos que já não vivem, e depois para os meus sonhos innocentes de poesia. Se ha ali ainda um ou outro, que retirado como eu, componha sua felicidade dos deleites do imaginar, a esses envio, como amigo a amigo, os meus romances; que bem certo estou de que á sua poisada serão bem vindos: e se aos taes dou assim algumas poucas horas de saboroso passatempo, o cuidar em como o fiz, ha-lo-hei por mui folgada recompensa. Esses me lerão, e me comprehenderão: a esses, por dita minha agradarei, como voz de caminhante, que ao longe vai cantando por noite de tempestade quando no concheço domestico, e de nosso leito agazalhado, a ouvimos nas quebradas do vento e chuva, que vãmente nos açoitão por fora o tecto e as paredes. Ora pois a esses, que não aos politicos, aos do meu mundo, que não aos ambiciosos, dirijo agora os poucos reparos que acerca da Noite do Castello me importa fazer.

E a invenção parte muito principal no merito do que se escreve: e dado que muito menos obras se hajão salvas do esquecimento pela originalidade do que pelas galas e donaires do estilo, nem por isso decãe de sua valia. Todos reconhecem, que o Principe dos poetas Romanos

só se immortalisou pela doçura d'aquella sua linguagem sandosa, clara, concisa, ornada, e eloquentissima, com que repetindo o que de outrem fora achado, o fez a todos os olhos parecer novo, ou de mor preço. E todavia, reconhecendo-o, não ha hoje autor que não enfie, se do mais leve plagiato se vê accusado. Nessa conta vou eu tambem; e não sem forte causa: que, se a invenção do que publico não fosse minha, não erão as eores da minha poesia só por si poderosas para o alevantar do desprezo. Minha he pois a idea fundamental da Noite do Castello; mas a questão, que sobre isto se poderia travar, não me convem debatê-la já aqui, por não damnar aos leitores do Poema o goso da novidade: ao cabo d'elle a averiguaremos.

A disposição, que he o segundo dote de qualquer poema, poderá na Noite do Castello descontentar a muitos: e dirão, que nos dous ultimos Cantos, comparados com os dous primeiros, não anda assaz movimento; que em dialogo sobejo nos derramamos; e que o fogo que no principio acendêramos, o deixamos quasi apagar, quando mais importava reforça-lo. Bem recceio eu que essa grave censura tenha bom fundamento; pois que ja de mui competentes Jui-

zes a ouvi. Uma unica resposta lhe posso dar, a qual bem pode ser que ainda agrave o delicto: como quer que seja, porque he verdadeira, a declaro. Foi a minha intenção pintar o ciúme com todas as suas tempestades, delirios, incertezas, contradicções, sensualidades, fraquezas, horrores, vinganças, crimes remorsos: por onde, todos esses dialogos e monologos do terceiro e quarto Canto constituem, para mim, o essencial da obra; e os dous primeiros só os dou como accessorios, ainda que tambem do todo sejam parte necessaria.

Á elocução he para muitos o maximo ponto onde bate a verdadeira poesia. De linguagem, estilo, e rythmo se compõe. Quanto á linguagem, procurei que portugueza fosse, limpa de fézes de archaismos, e de liga de neologismos barbaros: se o não consegui, a critica não se esquecerá de m'o apontar, nem eu de corrigir para a outra edição os desmandos d'esta — Para o estilo não procurei exemplar: e se um antigo, por o saber de cór, se me offerecia muitas vezes entre o sismar, tão sublime he esse, e eu tão baixo, que não servirei a meus inimigos, caindo aqui na vangloria de o nomear. Tão pouco estudei adstringir-me ao estilo da antiga escola, ou da moderna.

Amo, e venero os classicos, com quem me ericci: aprazem-me, e maravillhão-me algumas das obras romanticas: aqui ha por ventura mais natureza, lá por ventura mais arte; aqui mais ousadia, e lá mais delicadeza; lá mais esmero e lustre, e cá emfim mais desenvoltura e arrojô: n'uma e n'outra parte se contão grandes homens; dos eseritos modernos alguns talvez terão de durar sempre; os antigos certo não se afundarão nos seculos até nós, nem já agora deixarão de ir com gloria até á ultiã idade em que durarem letras. Conçetti sãm compôr um Poema Romantico: mas não abjurei o Classico. Não sou transfuga dos velhos para os novos ar-raizes: mais depressa como explorador os entro. Verdadeiramente não sou eu hoje nem de uns, nem de outres; e isto por duas razões; a primeira por amar em tudo minha independencia; a outra por me não ter a natureza dotado com as forças grandissimas, que se requerem para militar constante e victorioso, quer n'estas quer n'aquellas phalanges. Neutral-sou: com romanos e gregos palestro, se me apraz; se mais me contenta, visto as armas, e debaixo das ameias feudaes venho como d'esta vez tentar fortuna; se me ella desamparar, não volverei a campo, e não serei o primeiro

nem o ultimo, a quem sua confiança haja
 burlado. Mixto por tanto de um e outro he
 o estilo; a phrase, as imagens, as compa-
 rações ja de um, ja de outro dão ares: a
 nenhum invoquei; só ouvi o meu particu-
 lar gosto: pude talvez a espaços pizar alheios
 vestigios, porem me présco de ter sido sem-
 pre eu mesmo e não outrem — Do rythmo e
 contextura metrica, sei que nem todos os
 meus leitores serão contentes. O bem agaza-
 lho que em Portugal se deu ás Cartas de
 Echo e Narciso, em grande parte nasceu, se-
 gundo entendo, de ser sua versificação um
 tanto fluida, e melodiosa; esses dotes não
 são em verdade os do presente Poema: e
 direi agora quaes motivos me moverão a
 desviar-me d'onde tão bem me tinha ido.
 Considerarei eu que alguma cousa mais do
 que fluidez e melodia se havia de reque-
 rer nos versos; e era a harmonia. Não pas-
 sa a melodia de uma vã musica, mui gra-
 ta a principiantes, mui prezada de gente
 mōça, que mais que tudo ama os gōsos
 passageiros de seus sentidos, e mui brilhan-
 te capa para pobres e ruins poetas. A har-
 monia jorem, no sentido que lhe aqui dou
 não sei se propriamente, varia essa musi-
 ca do metro, que aliás podera ser unifor-
 me, adaptando-a ás ideas, como vestidos

a corpos, como cores a desenho ou como diferentes tons a diferentes affectos; ajuda a phrase, aerescentando pelo som a idea significada pelas palavras, fazendo, para que assim digamos, com que a alma não só receba o pensamento, mas o venha buscar, e palpar logo no ouvido: do que se segue, que accommodado o metro, sua força ou brandura, suas vogaes ou consoantes, seus impetos, suas quedas, e suas pausas á indole do seu conteúdo, a variedade e os contrastes se exprimem taes como se concebêrão, e dando em cheio no coração e na intelligencia, nos abalão a seu bel-prazer para todas as partes. Este merito da harmonia, que tanto estremou a Virgilio entre os poetas antigos, e entre os modernos ao seu traductor Delille, muitos poetas aliás famosos ou não tiverão, ou sem razão o desprezárão, ou talvez, por fugir a trabalhos, o taxarão de futil, chegando até a haver quem negasse a existencia da melodia adaptada, ou harmonia *imitativa*. A moderna escola comprehendeo quanto importava dar á poesia esta parte de força, de que tanto ha andava despojada, e esquecida: convertendo a lira em alaude, deu-lhe portanto maior bôje para que os seus sons se repercutissem com mais valentia.

Verdade he que alguns corifeos estão encarecendo esta vantagem até o extremo de ridicula affectação; e versos ha que para resoarem o seu assumpto, degenerão em doida prosa, do que seria facil juntar aqui mil exemplos em curioso embrechado. O meio entre os dous extremos he o caminho do poeta. Nem se hade desaproveitar a onomatopeia por difficil, ou pelo vão receio de deslizar da melodia Boeagiana; nem se hade immolar á onomatopeia a cadencia e numero do metro, a brandura e elegancia da phrase, como a cito o praticou Filinto. Poema que em sonoros versos nada pinta, não tem poesia, ou não a mostra: e poema que pinta muito em versos sempre duros, difficéis, péssimos, só tem meia poesia: falta-lhe o canto. O primeiro descontenta ao bom leitor, provando-lhe como o poeta se não quiz cançar para lhe agradar; o segundo por duas vias lhe descontenta, já porque lhe balda o esperado gôso dos sons, já porque lhe vem confessando todo o artificio, e esforços, que se empregarão para o mover. Quando eu na primeira mocidade improvisava as Cartas de Echo, e a Primavera, (cabem-me declara-lo aqui) não acreditava em poesia de sons; antes d'ella me ria como de muito ambi-

ciosa affectação; por isso também reina por essas duas obras uma não sei que monotonia, e pezo, que me agora cansa. Na Noite do Castello (parece-me) entendi um tanto melhor o segredo de versificar: oxalá que do proposto meio termo me não haja desvairado; e que para dar variedade, e relêvo ao metro, não haja de sobejo desatendido á sua melodia.

Mais haveria que notar; mas fiquemos por aqui: nem para ver contra mim em campo os Aristarchos, julgo necessario o tocar-lhes eu mesmo a rebate: a obra ahí está, e assim como satyres lhe não desluzirão o bom, também prologos lhe não taparão as faltas. —

Lisboa, 29 de Novembro de 1835. —



A NOITE DO CASTELLO.

Canto primeiro.

Todo por dentro e fora illuminado
 O Castello feudal pernoita em festa
 Na margem negra do espaçoso lago.
 Inda corseis de nitidos jaczes
 Contra o vasto clarão trotão rinchando
 Dos longes do arredor: ja muitos pascem
 Aos grossos troncos presos; vôão velas
 De toda a parte demandando a praia,
 E dos toldos as lampadas pendentas
 Mostrão Senhores, Cavalleiros, Damas,
 Em que o oiro reluz por entre as cores.
 Pelas francas janelas se difundem
 Na alvorçada noite os sons que alegrão
 Os gothicos salões: a todo o instante
 Na ponte levadiça, agora baixa,
 „ Quem vem la? „ brada alerta a sentinela,
 Pára, e escuta em resposta um nome illustre.
 Era o dia natal de Ignez, a herdeira
 Do Senhor do Castélllo, o Conde Orlando.
 O convite do Pai, da filha as graças
 A vizinhança ao largo despovôão.

E um mundo de alegria enche o palácio.
 O Céu calado e grosso esconde a lua;
 Soão na torre oito horas. Cavalleiro,
 Armas simples, viseira derrubada,
 Sáyo negro, ante as grades se apresenta,
 Pede ás guardas ingresso, e cala o nome.
 Requerem-lho; emudece.... e apoz instantes
 Responde ,, Cavalleiro das Cruzadas,
 Amigo do Castello, e antigo socio
 Do Castellão ,, Sua resposta isenta
 Findou subindo affoito a escadaria.

Na sala de honra, antiga, abobadada,
 Avulta a flôr da pompa; insignes mestres
 Nos circumfusos razes memorárão
 Da Terra Santa as mai gentis proesas,
 A meia lua, os rabidos turbantes,
 A cruz, em torno d'ella os paladinos,
 E os do antigo Castello antigos donos,
 Mil tochas aromaticas se alegrão
 Por entre os festões largos que serpeão
 Ao longo das altissimas columnas.
 Orna purpurea seda aqui janelas
 Arqueadas, alem balcões abertos
 Que juntão gala a gala, e vem mostrando
 Os jardins, o arvoredado illuminados.

Convidados sem conto as salas enchem:
 Tres rodas de compridos espaldares
 Com densa turba a principal guarnecem.

Prole unico do Condé, entre as mais damas
 A's mui formosas sobreleva; e muito
 Ignez; he Deusa em festa a ornarseu templo.
 Entre frontes e seios arraiados
 De pedraria e de oiro, entre bellesas
 Dignas que em seu favor se rompão lanças,
 Uma grinalda de açucena e rozas,
 Cinto azul em vestido cor de neve
 E vinte annos de idade obtem triumphos.
 Não ja porque a estampasse a natureza
 Cópia do que o cinzel sonhára em Grecia.
 Quando a amores deu mãe, e o crerão homens:
 Não era a môça etherea, a joven fada,
 Só vista entre os abraços voluptuosos
 Do sonhar juvenil: mas se existirão
 Mais brincadas feições, e formosuras
 Rasgo a rasgo autepôr-se-lhe poderão,
 Ha nesta um não sei que melhor que as graças;
 Diz-se, aquella é mais linda, e busca-se esta.
 No composto volver dos olhos pretos
 Como que estão de dentro ressumbrando
 Assomos de benevola ternura.
 Da estreita bôca no sorrir não ledô,
 No suspiroso arfar do seio occulto
 Fallar os corações co' o seu presunem
 Casos de ignoto amor, de ignotas penas.
 Como aves, que piando se respondem
 Uma aqui, outra alem, no escuro enleio
 De arvoredo em folhuda primavera.

Alva de lirio ou neve a tez não brilha :
 D'almas frias he véo candor sobejo ;
 Sob uns cabellos de ebano lustroso
 Ama-se um rosto , em cuja côr alembrem
 Effeitos de amoroso estio da alma .
 De pallidez uns longes duvidosos
 Davão-lhe inda um realee ; he como estatua
 Grande e airosa de jaspe em gruta opaca ,
 Depois que a aza do tempo lhe ha roçado
 Veneranda descôr em formas virgens .
 Mui potente incentivo de vontades ,
 Grão renome a precede ; e não por filha
 E última flor de generosa estirpe ,
 Senão porque parece áquellas pompas
 Tão estranha , que a choça mais humilde
 Nos arredores do feliz Castello ,
 Apenas sente um mal vê nella um anjo .
 Mão compassiva a socorrer affeita
 Namora-vos ; seguis em festa uns passos ,
 Que languidos ali , sabeis tão leves
 No acodirem a miseros ; e bôca ,
 D'onde a consolação chover costuma ,
 Por força vos atrahê se a voz desprende .
 Dece era a voz de Ignez , maga , sublime
 Na harmonia e no affecto : hymno a discreis ,
 Digno do Sanctuario onde nascia :
 Suave , como a brisa que madruga
 Sonora entre os rosaes , de si vertia
 Pelo ouvido um frescor e uma innocencia .

Como celeste orvalho. O que a não visse,
 Escutando-a fallar, sentira amores;
 O que accenas paixões nutrisse inquieto,
 As esquecera ouvindo-a; e cada frase,
 Simples, indifferente em labios de outra,
 Assunha nos seus matiz, perfume;
 Voára, e inda nos animos trementes
 Ficava resoando, como pomba
 Que fugindo pelo ar, estampa n'agua
 De um lago attento as azas côr de neve.
 E o preço aos dons de Ignez, Ignez ignora!
 Como ella ás mais, aos mais excede Adolfo;
 Ilustre Castellão da opposta margem,
 Intrepido e cortez: mais de um combate
 Lhe ganhára troféos, lhe alçára o nome:
 Temido aos infieis, acceto ás damas,
 Na guerra vencedôr, na paz vencido.
 Podéra, se inda então durasse a usança
 De fantasiar divisa, abrir no escudo
 Aguia entre as nuvens, empolgando raios,
 Pombas aos beijos entre crespas murtas,
 Cisne em gorgeios, de alta palma á sombra.
 Ninguem lho estranharia, que ao Levante
 Guerreiro trovador não foi como elle.
 Quando apoz o combate a quente lança
 A gotejar depunha, a mão tão fera,
 Da mandora uas cordas se ameigava
 Para a casar co' os improvisos cantos.
 Era amor o seu estro, amor sua alma,

A quem por brinco mascarar-sei aprôuve,,
 Taes em praça apinhada as conjecturas
 Fervem várias á hora em que rutila
 Cometa de igneo sangue em ceo profundo
 Da commoção geral, pada percebem
 Ignez e o seu cantor; ella embebida
 No mui doce da voz, no amor das frases
 Que a fazem palpitár, lhe accendem cores:
 Elle porque o fervor que dentro lhe arde,
 Afóra Ignez anniquilou-lhe o mundo.
 Inveja e flor das bellas a proclama
 Beijando com ternura o laço verde,
 Que adornava a mandora .. Haja no mundo
 .. Um cavalleiro ou mil que ousem nega-lo:
 .. Na estacada, no campo, á lança, á espada,
 .. No arção, de pé, lhe provarei que mente,
 E ao meio arroja a luva do duello.
 Ninguém a ergueu, ninguém, mas volteou leve
 De boca em boca ironico susurro,
 E uma ou outra na turba das Donzellas
 Talvez a seu pesar córou sorrindo.
 Não fosse a festa, e o Conde, que esta luva
 Achava oitenta mãos: venee o respeito.
 Cessa o bulicio, o trovador prosegue.
 Depois que pelas mentes esvoaçadas
 Com brando preludiar calou brandura
 E as vontades prendeo, restaura o canto
 Revelador de suspeitado arcano:
 Orlando o quer seu filho, Ignez he sua;

Já para a lauta festa he convidada
 A chusma circunstante, a nova aurora
 Os verá na capella unir-se esposos:
 E o banquete natal vai prolongar-se
 Por dias nove convertido em bodas.

Alvo de invejas, ebrio de alegria,
 Beijada a mão de Ignez, volta a sentar-se
 Rutilante de gloria o cavalleiro.

Rompem na sala musicas festivas:
 Os annuos senhores felicitão
 Ao Conde, a Ignez as donas, poucas vezes
 E essas frias a Adolfo. A Estatua viva,
 O Cavalleiro negro inda lá pára

Arrimado á columna! Em quanto attentos
 Todos foram ao canto, um pagem disse
 Que o vio trez vezes sacudir a fronte,

E ficar-se de novo: a fronte agora
 Jaz encostada ao marmore: a direita
 Pésa nos copos da pendente espada,

Em quanto o esquerdo braço vai caído
 Ao longo do festão, de que entre os dedos
 Rápido esmaga uma por uma as flores.

Para a geral saude já circula
 Encanecido vinho em fundos vasos.
 Ninguem se escusa ao brinde: ao Cavalleiro

Chegou a sua vez, „ Só bebo sangue..
 Disse, engeitando a taça, e mais não disse.
 Esta voz que só proximos lhe ouvirão,

Parecco vir dos intimos do peito,

Sepulchral no sódo e em tom prof. t.;
 Mas penosa, mas debil, semelhante
 Ao da brisa autumnal murmúrio escago
 Na folha morta que tapisa as campas:
 Se ao fantasma de um barbaro assassino
 Dêsse Deos que fallasse, assim fallára.

No entanto um menestrel dá no alande
 O rebate da dança: acodem parés.
 Parece estreito espaço o grão recinto.
 Cabe romper o baile a Ignez e a Adolfo.
 Como quando entra zefiro eo' as flores
 De quêdo ajardinado tabolceiro,
 Que a principio em sua hasta dobradiça
 Duas altas papoulas se embalanço
 Usanas e a par, e logo um iris
 De flores mil lhes labirintha em roda
 Taes do alaude o menestrel derrama
 Torrentes de harmonia, que revolvem
 Os grupos, o matiz, figuras, passos,
 Confusão ordenada, enleio aos olhos.
 D'esta musica antiga, antiga dança
 Se alegra a velha abobada, lembrada
 Que iguaes as teve em bodas do seu Conde
 E dos Condes Avós: desde o alvo dia
 Que n'agua sancta a Ignez purificárão,
 Esta a primeira vez que torna a havel-as.
 Folga a abobada, e lagrimas gotejão
 Da viseira do heroe misterioso,
 Orvalho que reluz no peito'd'aço.

Um círculo de círculos que girão
 Gira em vortice leve ao som troado
 De uma torrente harmonica : transmuda
 A mão experta as cordas de repente,
 E de repente o vortice desata
 Em phalanges que estende a um
 Aqui o menestrel da arte ingeniosa
 Apura todo o amor : musica etherea,
 Parece a sua um mixto de promessas,
 De beijos, de queixumes namorados,
 De suspiros, de supplicas, de sonhos.
 Ao som desta harmonia vem descendo,
 Como dois cisnes em sereno arroio
 Por entre flores e arvores das varzeas,
 O noivo e a noiva em voluptuosa dança,
 Vão-lhe unidas as mãos, risonho o aspecto,
 Mutuamente inclinado, e mutuamente,
 Seus olhos em seus olhos embebidos :
 E como que este amor applauso excite,
 Revertem n'um momento os seus brilhantes,
 O tumultuar do baile — De improvisão
 Restruge os altos tectos assombrados
 Bronzeo signal de morte ! os altos sinos
 Da Torre da capella estão dobrando !
 A mão do menestrel, os pés da turba,
 Como por vara magica tocados,
 No mesmo ponto párao ! Nunca a torre,
 Que alça por grimpas o archanjo da trombeta,
 Estremece co' as lugubres toadas

A não ser que um dos seus baixasse á terra :
 Ignez brilha na festa, o Conde a anima ;
 Donde vem pois que acôrde áquellas horas ?
 Atterrado e choroso o bronze escuro ?
 Qual he a mão que ou temeraria ou louca ,
 Na noite do prazer por lago e montes
 Faz ondular pavôr ? e porque he que nadão
 Nas horas de oiro idéas do sepulchro ?
 Eis de todos a mente e a vez de pomeos !
 Ignez demuda a côr : pallido assombro
 Tingio-lhe as rosas do contente aspecto.
 Sondará ella arcanos d'este agoiro ?
 Será ella mais tímida que as outras ?
 Quem o sabe ? em sua alma todavia
 Pésa, qualquer que seja, idéa turva
 Que uma vez dissimula outras repelle.

Voltam-se por instincto os olhos todos
 A' columna fatal : o Cavalleiro
 Já lá não apparece, e há pouco estava ;
 Dos signaes ao principio inda foi visto !
 Por salas, por jardins o Conde o busca ,
 E em vão ! Menos terror dera a presença
 Que a desaparição d'este homem negro,
 D'este enigma sinistro, odioso a todos.

„ Pagem, diz o Senhor, corre á capella,
 „ Indaga tudo e torna-te voando „

Paffio. Um pouco ha já que a torre he muda.
 Assim recem viuva, em flôr de idade,
 Exhausta de expir n'um leito frio.

Languida fronte encosta e cerra os olhos,
 Talvez porque de dôr cansada a mente
 Já não pôde co' os tumulos, e adeja
 A' superficie de illusões passadas.
 Mas apenas a amarga realidade
 Em sobresalto a esperta, recomeça
 Com mais violencia na explosão da angustia;
 Semelhante rebenta outra vez todo
 No monotono tétrico alarido
 O campanario gothico do Archanjo.
 Nunca trouu mais lugubre ou mais forte
 Um pregão de finados sobre lutos
 De antiga cathedral. Qual foi mão de homem
 Que escreveu esta musica primeiro?
 Ignora-se e talvez nem foi mão de homem!
 Talvez o Anjo da dôr, entre ciprestes,
 N'um mausoleo recente recostado,
 Em lua baça de orvalhado outomno,
 Inspirado a compôz: como viesse
 A se espalhar depois por toda a terra
 Sabe-o elle! Nós mudos a escutamos,
 E nunca sem terror: mistura estranha!
 A campa, o ceo, o abismo ali juntarão
 Uns como halitos seus; o ouvido os bebe,
 E a mente estremecendo emtanto absorve
 Dos tres um cheiro mixto, uma amargura
 Em que o ceo entra, um doce em que entra inferno!
 Onde existe o feliz que o não conhece?
 Dobra em vaivem pesado o sino grande,

Que a espaços desiguaes solenne e horrendo
 Vozea *morto morto!* Então quacs rompem
 A' voz de *morto* os gritos da familia,
 Clamor de infantes, uivos de mulheres,
 Tal nos metaes que se embanção, ferve
 Alto estrepito, quérulo, revolto,
 Que n'alma echôa trémula: dissereis
 Que fundidos de dôr, que delirados
 Forcejão desfazer-se ao som de morte,
 Morte que o rei da torre está bradando.

Reina o silencio no salão pasmado;
 Tempo há que o bronze he mudo; o pagem volta,
 Entra tremente e pallido! Não ousa
 Co' a voz ninguem, co' os olhos o interrogão.
 Um copo lhe enche Orlando e lho apresenta;
 „ Bebe, anima-te e falla „ Alçando o vaso
 Na vacillante dextra, antes que á boca
 O leve, o Pagem diz „ Para que voem
 „ A's terras de infieis os mãos agoiros! „
 Bebe, alimpa o suor, e assim começa:
 „ A torre está sem luz, a entrada em-baixo
 „ Fechada, a outra . . . ignoro: duas vezes
 „ Como pude gritei, ninguem lá falla!
 „ A porta da capella está cerrada,
 „ Espreitei cá de longe, e vi . . . ! „ Callou-se.
 Instarão: proseguio. „ Se alguem duvida
 „ Pôde ir ve-lo como eu: vi claramente,
 „ A alampada do altar está bem viva,
 „ Um guerreiro, uma campã alevantada

„ O guerreiro está curvo sobre a cova
 „ Com o capacete, e por signal doirado
 „ Que luz como uma estrella, a cavar fundo
 „ Para quem não sei eu. No meu relance
 „ Não vilá mais ninguém e sei mais nada. „
 Ardua, incrível parece a infanda historia;
 Mas os signaes . . . ouvirão-se; mas todos
 Virão na sala o cavalleiro ignoto!
 „ Não cabe outro prodigio onde ha já estes?
 „ Senhores, paladins, Adolfo exclama,
 „ Cada qual diga ou pense o que lhe agrada;
 „ Ou eu me engano ou solapada astucia
 „ Nos prepara traição: que um brinco apenas
 „ Seja tudo isto, he vão acredita-lo:
 „ Que n'uma força occulta e sobre humana
 „ Infernal ou celeste origem tenha
 „ Bem póde ser, mas não he certo ainda.
 „ Segui-me, armas na mão, corramos tudo,
 „ Cabe ás damas tremer, e a nós audacia.
 „ De quantos aqui somos reunidos,
 „ Cavalleiros da Cruz, qual ha que affeito
 „ Não se arrojasse ás lanças agarenas?!
 „ E os a quem mil exercitos não turbão,
 „ Tremem de uns sons, de uma visão, de um homem?
 „ Dado o passo primeiro o resto he fácil;
 „ Demol-o: cada qual tome uma dama:
 „ De um anjo ao lado quem teria sustos?
 „ Longe receios vãos: espada em punho
 „ Quem temer! Vedcalua, he bello um giro

„ Agora pelo parque: em meia hora
 „ Da noite no frescor se esvae a febre.
 „ Demos o exemplo, Ignez „ — Toma-lhe o braço,
 Partem, seguem-no os mais: bem quererão
 Ficar d'elles gram parte e todas ellas,
 Mas força-os a vergonha, o medo as fórça.
 Fórcça-as o medo, he vasto, he denso o bosque,
 Frio o ar, triste a hora, os mõeños pião,
 Porém antes por lá com os cavalleiros
 Que sós nestes salões abobadados,
 Vacuos, immensos, povoados de echos,
 E inda ora impressos do soldado escuro.
 Partirão pois: só fica Orlando e o pagem.
 „ Senhor Conde, diz este apenas longe
 „ Sentio da immensa turba ospés e as vozes,
 „ Perdoai, Senhor Conde; hei-vos calado
 „ Do segredo uma parte, e a mais terrivel,
 „ Terrivel hem que falsa: ah! preparai-vos!
 „ Tende valor! . . . mas funestar-vos devo
 „ A alma paterna com iguaes absurdos?!
 „ Não: de um pagem fiel não temaes nada.
 „ Fallece em minha idade experiencia,
 „ Mas nunca se dirá que eu perturbasse
 „ Os vossos dias ultimos! „ — „ Acaba
 „ Clama o velho aterrado, acaba, pagem,
 „ Não me assassinem mais: que sabes? dize-o. „
 — „ Sim: sim: mas... não he nada. Que terrivel
 „ l'allidez vos demuda? oh! se eu soubera...
 „ Já vo-lo disse he uma mentira, um nada,

„ Uma palavra só... Ceos! por piedade
 „ A mim vos encostai. ; — „ Targa-me, falla „
 „ — Vossos joelhos tremulos vacillão! „
 „ — Falla, demonio algoz, ou cae no inferno
 Grita o Conde furioso „ O pagem chora.
 Beija-lhe a mão, sustenta-o nos seus braços,
 E diz „ Já eu voltava da capella
 „ Quando ouvi d'entre uns dentes que rangião „
 „ Mas não sei d'onde, éstas palavras roucas,
Chora Conde infeliz, morreo-te a filha.
 „ Vedes vós? ella vive! eu nada temo!
 „ Ou foialguem... ou medo em mim... que importa
 „ O que isto foi, se a vossa filha existe?
 „ Bom foi que eu lho occultasse, e agora osinto
 „ Pelo vosso terror „ — „ Eu não me aterro:
 „ Vai, enche um copo, traze-mo: socega,
 „ Não me falles; mas fica-te comigo.
 „ Esperta-me essas tochas: fecha tudo „
 Assim dizia o Conde, e a passo largo
 Passeava inquieto, rapido: retumba
 Seu pizo só pela erma galleria,
 E sons do proprio andar terror lhe acrecem.
 Senta-se: — „ Pagem, lembra-te de Henrique? „
 — „ Morreo na Terra Santa ha já seis annos „
 „ Lembra-me bem: não passa uma só noite
 „ Que eu não reze por elle „ — „ Era valente
 „ O meu sobrinho Henrique! „ — „ Aos Ceos prouver
 „ Que o fosse menos! „ — „ Lembra-te de ouvires
 „ Contar da sua morte? „ — „ Arremeçou-se

„ Longe dos seus no ange da batalha,
 „ Onde mais apinhado andava o turco.
 „ Mergulhando em seu E'bano as esporas
 „ E açoitando-o com a lança, á redca sôlta
 „ Voon, qual pé de vento, ao que dizião;
 „ Para traz em torrentes ondeavão
 „ A cauda esparsa, as esvoaçadas crinas.
 „ Em quanto o virão, á direita, á esquerda
 „ Hia deixando um lastro ensanguentado
 „ De cadaveres e armas; veio escrito
 „ Que ao outro dia uns cavalleiros nossos
 „ Junto ao cavallo morto, o achárão morto
 „ Com uma lança no peito e degolado:
 „ Eis o que ouvi. „ -- „ E ouviste o que hé verdade:
 „ E dize-me, recordas-te que exequias
 „ Lbe fizemos aqui? Todo o castello
 „ Deitou luto, carpio, e orou por elle:
 „ Todos amavão meu sobrinho Henrique,
 „ Não he verdade, pagem? „ -- „ Senhor Conde,
 „ Elle era a flor dos nossos cavalleiros,
 „ O prazer do castello, o nosso amigo:
 „ Todos nós o adoravamos! . . . agora
 „ Nunca mais se ouvirá nos vossos pateos
 „ Relinchar o seu E'bano, já nunca
 „ Subirá mais o heroe nossas escadas,
 „ -- „ Assim o peço a Deos! Ha gente sabia,
 „ Outra ignorante: nunca ouviste fallas
 „ De gente denta á cerea dos finados?
 „ * Suppões que voltem cá? „ -- „ Diz-se qua ás vezes

„ Se viverão má vida, e se hão deixado
 „ Ou divida ou thesoiros enterrados
 „ Costumão... -- „ Bem o sei, não fallo n'isto,
 „ Fallo nos homens bons, nas almas nobres
 „ Como era Henrique: os tees não creio, amigo,
 „ Que toraem cá,, -- „ Nem eu, mas Deos conhece
 „ Os segredos do tumulo,, -- „ Bom pagem
 „ Fallas sabio; mas senta-te ao meu lado,
 „ Conversemos mais baixo. O que tu viste
 „ Na capella a cavar, esse guerreirô
 „ Não era Henrique, não., -- „ Segundo entendo
 „ Até muito diverso em gesto e corpo,,
 „ E entendes bem: nem era delle a falla,
 „ Querouquejava entre o ranger dos dentes?,
 „ Creio... que não: mas n'uma voz como essa
 „ Quem pôde entender nada?! Estas perguntas
 „ Mea terrão, Sr. Conde!,, -- „ Oh! não he nada:
 „ He preciso entreter as horas mortas
 „ De tão comprida noite: outra pergunta,
 „ E nada mais: tu viste o cavalleiro
 „ Que negrejava além? . . seu ar, seu todo,
 „ Quando Henrique era vivo, era o de Henrique! „
 „ Callai-vos, Sr. Conde, eudisse o mesmo! „
 „ Como! disseste o mesmo?! tu mentiste,
 „ Mentimos ambos. Illusões do acaso,
 „ Brincos da natureza, engano de olhos....
 „ Que sei eu?... já lá vão seis annos hoje!...
 „ Impossível! delirio!... Atiça as luzes,
 „ E toca no alaude alguma dança.

„ Que horas são? „ - „ Vai bater a meia noite „
 - „ Meia noite?! hora má!!! que importa? cantar
 „ Até que eu adormeça ou rompa o dia „
 Preza a voz na garganta, uma só nota
 Cantar não pôde o pagem: mas seus dedos
 Errarão longo tempo no alaude
 Discordes sons, mas unicos na sala.

FIM DO CANFO PRIMEIRO.

A NOITE DO CASTELLO.

Canto Segundo.

QUASI todos os lumes que alegravão
 Os jardins e arvoredos extinctos pendem.
 Só lá de longe a longe se embalança
 E retine da brisa ao solto embate
 Lanpeão mortício que perturba as trevas.
 Dorme submersa a lua em mar de nuvens.
 Cava-se o lago undisono, braveja,
 Muge na escuridão e os sues, que ás soltas,
 As chuvosas tormentas apregoão.

Triste como ora vai, apraz ás damas
 Mais que o castello o bosque; no castello
 Sentirão-se os signaes, andou o espectro,
 Ouvio-se o pagem!... cada uma agora
 Leva um seu defensor e aperta um braço
 Que fez morder a terra aos inimigos!
 Se o vento imita um grito, se despega
 Do ramo onde pernoita ave aturdida,
 Se um som confuso o ouvido lhe amedronta,
 Applica-o mais attenta;... e sente a espada
 Que nua em punho ahí vai riscando ceiosa
 A terra ao lado seu: não ha nos labios
 Um só leve descuido, ou frase incerta.

Ou som de voz que d'alma indique os transes!
 Valor que a todos falta inculção todos.
 Mutuamente enganados e enganando
 No vão animo alheio o seu restáurão:
 Falso commercio que enriquece a todos!
 O medo igual a amor, igual ao odio
 He como o fogo: se lhe abris passagem
 Cobra força, rebenta, arrasa estorvos,
 E a quanto o cereal em suas côres tinge;
 Porém se cauto instinto o deixa occulto,
 Manso e manso enfraquece até que expira.
 Força é pois distrahir: razão tão justa
 Releva alguma audacia aos cavalleiros
 E do usual rigor dispensa as damas.
 Amor pelo revolto, escuro bosque
 Disfarçado em guerreira cortezia,
 Vem dar soltura e novo assumpto ás fallas.
 Quanto he sagaz amor! extrae de tudo,
 De veneno, de mel, de absinthio ou nectar
 Sustento que seu faz, que em si converte;
 Em triunfo os obstaculos transforma,
 E ao seu, todo o outro affecto escravo serve!
 Nasce a conversação, recresce o int'resse:
 Vai fugindo o pavôr, já brota um riso.
 A occasião, as horas fugitivas,
 A mercê do arvoredo, a noite umbrosa,
 E a segurança co' o rugir dos ventos
 E alto rumerejar das selvas amplas
 Vão dispersando aos que apinhava o susto.

Adolfo audaz, o temerario Adolfo,
 Encomendada aos mais de Ignez a guarda,
 Tinha-se ido sem luz, sem companheiro
 Contra a capella gothica, ronda-la
 E profundar o areano: ao perto, ao longe
 Tudo correo, sondou; socego he tudo.
 Não se escuta alma viva; o templo, a torre
 Tacitos dormem, jaz fechada a porta,
 Negro o recinto, a alampada sem lume.
 Volta por tanto, e á turba que o rodeia
 A boa nova dá; tão fero em vozes
 Tão seguro de si, que estas certezas
 Embebidas os animos afegão;
 Mormente a Ignez, que mais afoita agora,
 Pelo braço fiel do esposo invieto
 Já soffre no arvoredo extraviar-se.

De alta espaçosa rua abre-se ao fundo
 Ampla cabana de perenne folha,
 A' lua, ao sol, aos zephiros vedada;
 Correm-lhe em rocha assentos de cortiça;
 De visiuha cascata, que espadana
 Rota, espumosa, vem-lhe todo o anno
 Viço, frescór, murmúrio: as pombas amão
 Este abrigo cheiroso; uma só noite
 Jámais esquece em Maio á Filomela
 Vir d'alli gorgear ternura aos bosques:
 Lugar suave á mente, ao seio, aos olhos!
 Como se busca a patria, os amadores
 Chorando ou ledos proeura-lo viuhão;

Confidente, calado, conselheiro,
 Benigno e protector, ha largos annos
 Que dos fastos de amor grã parte esconde.
 Aceito à mocidade, aceito aos velhos,
 Ora offerta o deleite, ora as saudades,
 Quantas vezes a Filha do Castello
 Ali vinha sem aia! ali usava
 Naquelle mais formosa parte do anno,
 Em que o amor palpita em cada veia,
 Se exhala em cada voz e enfeita o mundo,
 Vir, quando o sol já eae, já sobe a lua,
 Lua de amor benquista medianeira,
 Lua espreitada entre arvoredos ao longe,
 Sentar-se livre a delirar, não vista,
 Juvenis aneias d'alma! Oh! quem soubera
 Escrever as porfias solitarias
 Daquelle delirar! Seu dessocego,
 Seu a revezes cambiar de côres
 Já pállida, já rosa, orvalho de olhos
 Sobro longo sorriso, e o mui penado
 Suspirar com que a espaços se encostava,
 Davão mostras de muito: e aquelle muito
 Que encher podera a chácara mais triste,
 Nunca o soube ninguem: talvez memorias
 De infáusto amor, talvez tambem saudades
 Da mãi que a tanto amou; sim porque juntas,
 Em quanto ella foi viva, alli se estavão
 Séstas gastando em praticas de amigas
 Sobre os deveres de donzella e dona,

De amante esposa e mãe, nutrindo esp'ranças
 Com que inda mais no coração da virgem
 O filial amor fôra crescendo,

Ali tambem Adolfo muitas vezes
 Só, com a sua mandóra se entranhava
 Pagando ao sitio eulevos de ternura
 Com louvores de Ignez; na ausencia della
 Só esta solidão, que a minto a goza,
 Completa lha debuxa á fantasia.
 Por gratidão e affecto á mata escusa,
 Para ali sob a noite o forte Adolfo
 Vai conduzindo Ignez: porque o não sintia,
 Nem suspeite de amor subtil cilada,
 Conversando a distrae, de amor não falla.

Erão junto da entrada: absorta a dama
 Para e emudece: ou timidez nativa
 Que de um assalto proximo estremece,
 Ou do frondoso alvergue esquivo ao mundo
 Sedução tanta vez exp'imentada,
 Ou antes um presagio... um medo ás trevas
 Lhe grita dentro na alma „ Ignez recua,,
 - „ Entremos, diz Adolfo, e em paz te assenta,,
 - „ Não: he tarde, outro dia, meu amigo,
 „ Outro dia,, - „ Em dez legoas de redondo
 „ Sitio não ha mais cómodo!,, - „ Partamos:
 „ Temo... „ Que temes tu?! não sou contigo?,,
 - „ Tornemos ao castello, em todo o parque
 „ Já talvez somos unicos., - „ Entremos...
 „ Um só beijo... um só beijo além colhido

- „ Nesse duro sofá, já leito brando
 „ De teus favores utímes... — „ Adolfo
 „ Amanhã verei tua... — „ És hoje minha,
 „ Ignez, o tempo vôt: uma leve melante...
 Dizia, e parte a custo e parte á força,
 Com pé tardio a tímida boldade
 Entrava palpitando as trevas gressus,
 Co' as mãos e ouvidos tentando em torno.
 Junto ao musgoso assento „ Adolfo! Adolfo!
 „ Que pretendes?! exclama, o beijo toma-o;
 „ Tornemos ao castello, as mais voltarão
 „ Já agora todas, que dirão se eu salto?
 „ Poupa em mim não Ignez, mas tua esposa.
 „ Algumas horas mais... e tudo... e sempre...
 „ Pára! escuta! senti... — „ Baldada astucial! „
 — „ Pára em nome dos Ceos! cruel! meu pranto
 „ Mover-te já não póde? ás tuas preces
 „ Não cedi aqui mesmo honra e virtude?
 „ E ás minhas hoje um teu prazer não cedes?!
 „ Oh! minha mãe, se vês a tua filha,
 „ Semão grado ao meu crime inda me queres,
 „ Lá dos Ceos me socorre; ou tu meu Aujo,
 „ Guarda invisível que me Deos ha posto,
 „ Vale-me neste aperto. Oh! Ceos, no dia
 „ Em que purificada aos pés das Aras
 „ Recebi na alma indigna o pão da vida,
 „ Meus protestos a Deos dest'arte os cumpro!
 „ Dá credito a meu susto e a meus terrores „
 Com taes queixas Ignez se debatia

Entre os braços de Adolfo; o qual de acceso
 Nada já lhe escutava. Um grito agudo
 Da boca afflicta pela mata vóa,
 E apoz elle nem voz! Sentíra a triste
 Muito perto uns anhelitos penosos.
 E sons de um coração, batendo aos pulos,
 Sem o querer, tocára um corpo e armado,
 Frio, occulto, e a tremer. Ao toque, ao grito,
 Qual morto, a quem nocturna feiticeira
 Faz saltar de seu tumulo aturdido.
 Subito surge o estranho e áranea a espada:
 --“Levanto a liva, arma-te e morre,-- Adolfo
 Desnuda o ferro, Ignez cae fulminada,
 O amante esquece o prigo, a espada arroja,
 Corre a salva-la. Um braço irresistivel
 Trava do seu, o empuxa, o fôrça a rastos
 Da escura rua ao longo. Entrado apenas
 N’uma larga clareira entre a espessura,
 Onde um pouco de ceo branqueava a noite,
 Adolfo he solto: a espada lhe apresentão;
 Olha e conhece.. o espéctro da columna!
 Pasma, eriça-se a coma, a voz lhe gela,
 E um frio estremeção lhe abala os membros!
 Parecco-lhe sentir o Anjo invisivel.
 Dos cemiterios rei, tocar-lhe no hombro,
 Dar-lhe no repellão fatal presagio.

--, Das bellas flor e inveja a proclamaste?
 ,, Inveja e flor em que? no aspecto ou na alma?,,--
 ,, Na alma e no aspecto, lhe responde Adolfo,

Que ao som da humana voz audacia cobra ;
 ,, Disse-o, digo, e direi ,, -- " Mentiste ,, -- Provo-o ,, --
 --,, Defende-te ,, -- Eis a frase derradeira
 Que entre elles houve. Os bosques acordarão,
 E amotinou-se a noite ao repentino
 Cruzar de ferros, tropeçar de plantas,
 Ranger de dentes, retinir de golpes.
 Logo ao continuo horrisono fracasso
 Seguiu silencio fundo. Assim fenece
 O som dos enxadões n'um templo escuro
 Depois de recalçada a ultima terra
 Do morto, que encarcera eterna lagea.

O agudo som do estrepito longinquo
 Resoou no Castello -- " Armas no bosque!
 Batalha-se! bradou primeiro Orlando. ,,
 Ja então pelas salas toda a turba
 Entrando vinha, e mais serena em rosto.
 -- " A minha Ignez, Ignez! inda-a não vejo!
 " Ignez, a minha Ignez, não veio ainda!
 " Cruéis! porque a deixastes na floresta
 " Em noite assim? A minha espada e lança;
 " Pagens, a minha espada. Accendão fachos,
 " Corão! Voai, Senhores Cavalleiros!
 ,, Minha Ignez! minha filha! O' cãs, ó morte! ,, --
 Diz, e accusa de inerte ao pagem destro
 Que despendura a aposentada lança,
 A' mão em que foi brinco, agora carga.
 Rapido andar, clamor femineo, ameaças
 Restrugem ar tão ledo ha poucas horas.

De toda a parte as laminas fulgentes
 Lampejão morte; arrancão-se e divagão
 Grossos brandões a melhor uso accesos.
 Destraneão-se janellas que revelão
 Todo o escuro da noite e horror da briga.
 Os lampeões de escadas, corredores,
 Girão nas mãos dos servos perturbados:
 N'um volver de olhos a ululada estancia
 Entregue ás damas fica. Entrava o parque
 O alumiado, armigero tumulto,
 Quando o estrondo deu fim — «Convem que soltos
 “Batamos todo o bosque, Orlando grita:
 “Se o temerario ou temerarios verdes,
 “Com vida ou morte os quero.. — “A quella parte
 Era o fragor, diz um. Junto á caseata
 Cuido que era, outro diz.. — Incerto he o rumo.

Debandão-se, alumião, girão, correm
 Do bosque os seios intimos — “Acudão!
 Homem morto! .. — Um tropel acode. He elle!
 Adolfo! e nada em sangue! Oh! quão disforma
 E quão mudado d'esse antigo Adolfo!
 O capacete e o cranco estão fendidos,
 Juncão a terra as peças da armadura,
 O rosto, o peito, em negros rios se abre.
 Jaz emfim tanto amor e tanto orgulho!
 De duas horas gémeas, a primeira
 Ao banquete da vida o aehou folgando
 Cheio de mocidade, ebrio de esperanças;
 A outra vio fexar-se em meia eserita

Sua doirada historia, e tronco inutil
 O deixa á compaixão e horror dos vivos!
 Fundo silencio extatico domina
 A turba espectralora: indifinivel,
 Simpathico interesse impresso aos mortos!
 Dor sem ais, dor sem lagrimas, dor negra
 Mil insaciaveis torvos olhos prende
 Sobre o quadro infernal, de autor ignoto.
 Só ao geral torpor não cede Orlando,
 Sonha no mal que observa um mal que ignora:
 Vê Adolfo estendido e Ignez não acha.
 — “ Ide, correi, buscai a minha filha,
 “ Buscai, ide, correi! Se a não achasscis...
 “ Antes que a nova, remessai-me as lanças!
 “ Oh! se a encontráis, negai-lhe o que estais vendo.
 “ Adolfo, onde ficou a minha filha?
 “ Porque a trouxeste aqui? porque a deixaste?
 “ Porque?... — „ Dissera mais, se a custo abrir-se
 Os olhos, se voltar-se a custo a fronte
 Do misero não visse. Aproximou-se:
 — “ Inda respira! agua depressa, he vivo! „ —
 Corre-se ao tanque a encher um capacete,
 Voltão voando, inundão-no: despéga
 Fundo suspiro emfim! Acorda e admira
 Tanta luz, tanto rosto, um bosque e noite!
 — “ Quem foi teu matador? exclama Orlando:
 “ Ignez he nossa ou morta? he d'elle ou viva?
 “ Quem ma rouba? onde está qual seu caminho? „ —
 A tal clamor se abriu entrecortada

A voz languida — » Alguem, se inda ha piedade,
 « Salve Ignez se inda he tempo!... em quanto eu pude
 « Defendi-a, e por isso me assassinão.
 « Ai! vamo-nos, a terra muge e treme!...
 « Estes troncos desprendem-se!... apagai-me
 « Essas luzes... Meu Deos! fujamos! Vede-o...
 « O Cavalleiro negro!... .. — As mãos retorçe.
 Volve-se a um lado, e n'um soluço expira.

Brandão na esquerda, na direita a espada,
 Nuas as cãs, o triste Pai transvôa
 Aqui e ali: vai, torna, sobe, desce,
 Multiplica-se, assoma em toda a parte,
 Bradando „ Ignez „ e pondo o ouvido aos echos.
 Sentio junto á cascata um ai dorido:
 Corre ao visinho albergue: a luz e o ferro
 Mette adeante, e avança. He ella?! he sonho?!
 Por terra jaz, inanimada, immovel,
 Submersa em pallidez, fechada a vista:
 Mas não lhe mancha sangue o albor da veste.
 Ja menos infeliz co' a filha em braços,
 Viva ou morta, elle a tem, e a aperta ao peito.
 Tenta-lhe a medo o pulso, escuta a boca:
 A boca inda respira, o pulso bate,
 Ja he Pai! Remoçado co' a esperança,
 Submette á pia carga os hombros debeis:
 E ora invocando auxilio, ora excitando-a,
 Só, curvado, anhelante, ao lar se arrasta.
 Como rosa em botão ceifada á planta,
 Em quente mão de rustico desinha,

Depois recobra na agua o viço, as cores :
 Ou como passarinho esmorecido
 Na rede que o tolheu , se a Mãe presente
 Estremece , renasce , esquece as malhas ,
 Pipilla , quer voar, suppõe-se livre :
 A' doce voz, doce halito paterno
 Tal volve Ignez a si, ao mundo , a Adolfo.
 Ai d'elle ! que onde está ja lá não chega
 Esta voz meiga que enectou a vida
 Chamando-o seu Adolfo ! Aqui se aclara
 Na alma do velho o espirito do agoiro :
 Foi profetica a voz que ouvira o pagem,
Chora Conde infeliz, morreo-te a filha !
 Sim, sim, diz em si mesmo, em seu esposo,
 Um seu amado, em seu Adolfo he morta !
 Mas se amor no que he seu póde illudir-se,
 A certeza fatal ser-lhe-ha roubada ,
 Ao menos differida : a Terra Santa...
 Um chamamento á Corte... amores novos
 Se tanto for preciso... e até repudio...
 E até outro consorcio... arme-se tudo ,
 Creia-o não seu, mas nunca o saiba extinto,
 E maldição perpetua ao que a desvende !
 Com tão piedoso intento se occupava
 A alma paterna , em quanto raudamente
 Abraça a filha, que lhe pede o esposo.
 „ Cedo virá: que tremes tu ? não temas ,
 „ Vê teu Pai : olha os muros do Castello,
 „ Tudo está em socego ! Encosta ó filha ,

„ O teu rosto ao meu hombro, e vem tranquilla ;
 „ O braço meu te sostará , -- Ja sobem ,
 Ja do quarto de Ignez á porta chegão ,
 Onde o horror dos salões juntara as damas.
 Entrão: furtivo dedo encosta aos labios
 Orlando , e que se ausentem lhes supplica.
 Ignez as vê sair , senta-se e pasma.

Ahi a deixa o velho : pressuroso
 Corre a chamar Leonor : por alto a horrenda
 Catastrofe lhe narra , e impoem segredo.

Menos aia de Ignez que amiga sua ,
 Tremeu , voou Leonor. Aia como ella
 Nunca servio Castello. Uma cabana
 Visinha a vio nascer , ha só vinte annos.
 Herdou dos pobres pais , que ja não vivem ,
 Virtude : herdou da Mãi ternura e graças ,
 No demais indigencia. Orfã , menina ,
 Tomou-a o Conde : come o pão alheio ,
 Mas como lar paterno ama o Castello ,
 D'onde a choça em ruina avista ao longe.
 Corre pois assustada : e quem como ella
 Pode avaliar da ama o estado e as penas ,
 Ou sentil-as mais dentro ? Ignez ao vel-a
 -- „ Vem , vem , minha Leonor , fiel amiga ,
 „ Abraça-me , lhe diz , se te eu fui cara
 „ Nunca me deixes , nunca ; o ceo negou-te
 „ Uma irmã . da-ta em mim . Vês o meu pranto ?
 „ Ah ! tem dó do meu pranto . Pelos restos
 „ Da tua cara mãi ; pelo sepulchro

„ De um pai que te adorou; pelos teus filhos.
 „ Se um dia os deves ter, onde está elle?
 „ Meu Adolfo, onde está? Sabes se eu te amo,
 „ Se em ti me fio, não me enganes, falla.

Leonor.

Senhora, o Cavalleiro... mas sentai-vos
 E socegai

Ignaz.

Não ve-lo, e que socegue?!?

Leonor, Leonor, o peito mo adivinha,
 E o teu segredo mata-me.

Leonor.

Segredo?!?

Eu segredo, Senhora?! Pois que á força
 Quereis sabel-o... o Cavalleiro trota
 Talvez ja agora para lá das sérras.

Ignaz.

Pela primeira vez mentir-me queres;
 Que foi fazer? que subito motivo
 O arrancou a taes horas do Castello;
 Em tal dia, em tal vespera?

Leonor.

Vós mesma

Lhe dareis não desculpa, antes louvores;
 Chegou-lhe a toda a brida um mensageiro
 De sua irmã Beatriz; seu Pai n'esta hora
 Talvez não vive ja.

— Alguns momentos

Pensativa á janella a dama esteve
 Olhando os ceos e os montes; inda inquieta

Vaga desconfiança a rói por dentro :
 Duvidar, ah! não ousa e erer não póde.
 Uma a nna as idéas apagadas
 Lhe vem surdindo na alma ; emfim lhe avulta
 A mais confusa , a mais terrivel d'ellas.
 -- „ Mentiste-me , mentirão-me , vozeia ;
 „ Alguem que ignoro mo arraneou dos braços ;
 „ Ouvi não sei que ameaça e estrondo de armas ,
 „ Depois perdi-o, he morto! Adolfo, és morto!

Leonor.

Não, em nome do ceo, Adolfo he vivo,
 No duelo do estranho obteve a palma.
 Tendes de o ver, vivei para ser sua ;
 Não estragueis com lagrimas uns olhos,
 Que tão caros lhe são, tão lindo seio
 Não firais que he ja seu, ja não he vosso.
 Crede, Senhora, volverá; não tarda,
 Que inda agora partio: e que tardasse?
 Suas letras de amor não tardarão.
 Expelli d'alma ideias importunas.
 Olhai o nosso lago, olhai que frota
 Vai do cães do Castello abrindo as ondas!
 Por hoje a vossa festa está desfeita.
 Ouvi... ja se ergue a ponte levadiça:
 Preza aos ceos vezes com mandar tal dia.
 Não, a vossa Leonor e o vosso Adolfo
 Nada mais pedem. Por favor voltai-vos.
 Olhai o pégo ao sul: como nos fogem
 A remo e á vela as barcas em cardume!!

Tantas luzes fervendo abaixo e acima
 Que reflexos tão tremulos, tão vivos
 Dão pelas serras d'agua que rebentão!
 Não pensaes vós que he susto de tormenta
 Que as faz voar tão rapidas? Eu vejo
 Todo fechado o ceo: se não me engano,
 Arma-se la por cima horrenda noite.
 Oh! Deos os leve em lem, que cheguem breve,
 Que este lago ja tem bastantes mortes!

Ignaz.

Mas o dobrar da torre? aquelles sinos
 Não fallarão comigo? Ah! minha amiga
 Presinto que me espera um grão desastre!

Leonor.

Mui timida sois vós, agora o vejo;
 Porque um sino tocou ja são desastres!

Ignaz.

Mas quem o fez tocar?

Leonor.

Uns montanhezes,

Segundo ouvi dizer.

Ignaz.

E a causa?

Leonor.

Ou vinho...

Quem sabe? ou talvez antes... Recordais-vos
 De ouvir a vosso Pai, que os das montanhas
 Erão de seus vassallos os peiores,
 Rebeldes ao tributo, indocéis, feros?

Vil-o-hião fazer só pelo gosto
De nos dar susto e perturbar a festa.

Ignex.

¿ E o espéctro da columna, (inda estou vendo
O talhe, o rosto occulto, as armas negras)
Foi tambem montanhez ?

Leonor.

Talvez seria :

Mas fosse ou não, que importa um louco ? havemos
Mortes sonhar por ver um rosto occulto ?

Ignex.

Chamas-lhe um rosto occulto, e só Deos sabe.
A que veio, quem he, que mundo habita.

Leonor.

Não digais isso, não chameis os mortos !

Ignex.

O templo está cavado, a mão divina
Ja riscou algum nome : ¿ esse guerreiro
Co' o capacete d'ouro abrindo a cova,
(Se Adolfo o não viu ja, o pagem vio-o)
Era algum montanhez ? *Leonor*, existem
Muito mais cousas do que os livros resão.

Leonor.

E vós credes na historia perturbada
De uma creança tímida ? foi sombra
Que viu no templo : a alâmpada apagada,
Fronteira da que ardia, afigurou-lhe
Um capacete de ouro. Quantas vezes
Tenho eu tido de noite iguaes terrores !

Ignaz.

Bem, bem, tu nada temes ; engenhosa
Explicas tudo , e o rosto te desmente :

Leonor.

Afastemos, Senhora, estas conversas ;
Tod'a a casa já dorme, as duas horas
De a'õ ha pouco , precisais descanso.
Ouvi . . . lá canta o gallo ; oh ! como he tarde !
Quereis que eu vos destonque ?

(destoncando-a)

Esta grinalda

Muito bem vos ficava : as açucenas
São da pureza, as rosas da ternura ,
O todo o vosso emblema.

Ignaz.

Ao lago atira

Essa grinalda impropria , que me pésa
Como uma reprehensão : o abysmo a engula
N'esta noite fatal , em que a alegria
E as esperanças me desertão d'alma.

Leonor.

Volver-vos-hão com o sol as esperanças ,
Com Adolfo a alegria.

Ignaz.

Eis o meu einto ;

O cavalleiro mo gabou : se eu morro
Tu mo porás para ir comigo á cova.

Leonor.

Deixemos á velhice essas lembranças ,

Na nossa idade a vida inda amanhecê:
 Porque uma nuvem lhe desfeia a aurora,
 Tem de ser curto ou tenebroso o dia?
 Oh! que inda vós heis de cerrar meus olhos,
 E eu quero viver muito.

Iguéz.

No teu peito
 Não habita o remorso, e quando amares
 Será uma só vez, será sem crime.
 Para trocar com a tua a minha sorte
 Dera eu tudo e ametade da existencia.
 Olha o mundo como he! ninguém te inveja,
 Não tens um trovador, vives obscura,
 Morrerás ignorada: e tantas damas,
 E cū mesma a quem tu serves, nada somos
 Comparadas contigo! A consciencia
 E Deos pêsão de um modo, o mundo d'outro.
 Pura o mundo me cré, ea alma de Henrique
 Me aguarda ao Tribunal da Omnipotencia,
 Do meu perjurio accusadora horrivel.
 Eu to confesso: o espéctro, ou cavalleiro
 Ou montanhez, que hei visto, horrorisou-me,
 E pôz-me, não sei como, Henrique aos olhos!

Leonor.

Como! sempre esse nome? amail-o ainda?!
 Senhora, inda vos resta um sentimento
 Para quem já não vive?! Os do outro mundo
 Pedem-nos orações, mais nada querem;
 Nem se ha de no jardim plantar cipreste,

Nem roseira em sepulchro.

Ignez.

O que ha ca dentro
 Não to sei eu pintar! Amei Henrique
 Com a abundancia, o extasi, o delirio
 De um virgem coração, immenso e ardente,
 Que ha muito sonha um Anjo, acorda e o acha.
 N'elle encontrei, confesso, iguaes extremos.
 Filhos de irmães, e quasi irmãos na idade,
 Na educação, em habitos, em gostos,
 Jurámos mutuamente amor eterno,
 Sem restricções, sem clausulas; jurámos
 Até viver leaes um do outro ás cinzas.
 Minha Mãi, (bem podera dizer nossa,
 Que bem sabes se o foi) madura em annos,
 Amava esta união, temia extremos;
 Da promessa ametade lhe aprazia,
 Temerario era o mais: razões lhe oppunha,
 E tempo longo o fez: porém vencida
 Do muito amar de Henrique, annuo piedosa,
 Foi testemunha da insensata jura,
 Aproveu-a, e nos ees consigo a guarda.
 Ao partir para a guerra, no amargoso
 Do ultimo abraço, em lagrimas rando
 En seu peito de ferro, elle o meu seio,
 Renovámos solemne o antigo voto.
 Vês este relicario, o companheiro
 Do coração materno em toda a vida,
 E por ella ao morrer a mim legado,

E doce eseuo meu vedado aos olhos?
 Pois sobre elle, um e outro os labios pondó,
 Tornámos a affirmar inteira inteira
 Por vezes tres a sacrosanta jura.
 O céo, a terra, o inferno em testemunhas
 E em vingadores deprecámos: fez-se
 Voto, ai de mim! que dentre nós o morto,
 Trahido em seu amor, perseguiria
 No mundo e eternidade o vivo ingrato.
 Partio, ficou vasio este Castello,
 E eu sem tino, sem luz, só corpo errante
 Cuja mente vagava estranhos climas!

Leonor.

Por que vos affligis com taes memórias?
 Não sei eu tudo? assidua no Castello
 Não vi eu dia e noite o vosso pranto?
 Não vi com que alvoroço recebicis
 As cartas do Oriente? quantos beijos
 Lhes daveis, quantas vezes se relião?
 Que digo! não vi mesmo o vosso ausente
 Prevaler a nós? a nós, continuos
 Em vos cercar de não menor affecto!
 Tudo então vos tançava; aqui fugieis
 Que eu vos fallasse: a passear no bosque
 Deseicis só; passavão-se as semanas
 Sem que os vossos pavões, cysnes, e flôres
 Lograssem ver-vos ... perdoai Senhora,
 Mas até nas pousadas da indigencia
 Vosso pão não faltava e vós faltaveis.

Ignaz.

Sim, por minha vergonha sabes tudo.
 He para me humilhar que hoje o confesso
 A ti, ao Deos que me ouve, e á sombra inulta
 D'esse infeliz trahido: ah! possão elles
 Como tu me perdoas, perdoar-me,
 N'esta hora pavorosa, em que presinto. . .

Leonor.

Senhora, basta já.

Ignaz.

Não, falta o resto.

Despreza-me, Leonor, fuge-me: virgem
 Não profanes em mim teus olhos puros.
 De sua morte á nova eu dei meu pranto,
 Copiosissimo pranto; igual, não menos
 Do que o ja dera ao tumulo materno.
 Devêra durar sempre; a mão de Adolfo
 Veio enxugar-mo. A idcia do meu voto
 Aterrou-me ao principio; e enfraqueceo-se!
 De dia em dia, de hora em hora a imagem
 De Adolfo, a quem debalde repellia,
 Não sei como teimosa e seductora
 Me foi ganhando o peito! Era primeiro
 A' de Henrique inferior, não me deo susto:
 Cresceo sem o eu sentir: em pouco tempo
 Vi-as iguaes, tremi: mas foi ja tarde.
 O vencedor entrava triunfante
 Por este coração, donde ia expulso
 Em fuga Henrique, as juras e os remorsos;

Ficou senhor do campo e eu fui perdida!
 Mas que podia eu mais? d'aqui me instavão
 As paternas razões, o ardor do amante,
 Os planetas; d'ali me fallecia
 A antiga a tão chorada conselheira.
 Tu que ignoravas meu solemne ajuste,
 Me influias na insania; o monge austero,
 O que em nome de Deos me absolve as culpas,
 Dos ceos em nome permutou meus votos
 Em jejuns longos e oblações ao claustro.
 Um genio inspirador e algoz dos crimes.
 Me guia desde então, me observa os passos.
 Céu, inferno, pudor, teu proprio exemplo
 Calquei tudo, arrojé-me ao precipicio:
 Adormeci no fundo e acordo agora!
 Não, não culpo a ninguem, ceguei-me eu mesma.
 Santos restos dos Martyres que adoro,
 Materno dom, thesoiro do meu seio,
 Vós o sabeis, meu coração de todo,
 Mão grado ás oblações, esmólas, preces,
 Nunca perdeo de um voto a consciencia.
 Adolfo, Henrique, um e outro adoro, offendo,
 Ambos sois meus, sou de ambos: repartio-se
 Por milagre de horror minha alma em duas.
 Uma toda paixão, outra saudade:
 Escura mas ardente a que he de Adolfo,
 A de Henrique serena, ingenua, casta,
 O' de amor puro, imagem delectosa,
 Amavel innocencia! a que te perde

Perde o perfume da alma, as harmonias
 Reveladas do céo! esses amores
 Rosas são, que inda murchas embalsamão;
 Também o crime as dá, talvez tão bellas,
 Talvez mais, mas veneno he seu effluvio,
 Seus espinhos são barbaros, e murchas
 Tornão-se em peste: passão como um sonho
 Os prazeres do crime, e o crime fica!
 Deos, apaga em minha alma estes dous fogos:
 Não sou nem de um nem de outro. Henrique he morto,
 E eu ultrajei Henrique: Adolfo ao crime
 Me arrastou, e a ser sua oppõe-se um voio.

Leonor.

Senhora, eu não alcanço, mas tremendo
 Parece o vosso estado.

Ignéz.

E tanto e tanto
 Que se fôra sem fim seria inferno.

Leonor.

Mas por que não orais? O pensamento
 Voltado aos céos aclara-se, adormecem
 As penas, volve a paz, o somno, a esp'rança.

Ignéz.

Assim he para ti! Já houve um tempo
 Em que sentia o mesmo: era eu tão virgem,
 Tão pura como tu: corria á solta
 Como em largo jardim na vida alegre:
 Nem medo nem desejos me afanavão,
 Nem saudade ou remorso; em cada hora

Tinha a existencia toda: olhava a terra
 Com muito amor, os céos com alvoroço:
 Viver aqui ou lá, no meu Castello
 Com meu Pai, ou no Céu entre os mais anjos
 Erão dous bens, e eu não temia a morte.
 N'esses tempos orava: os meus affectos,
 Que inda então erão meus, minha pureza
 Davão á minha voz um certo encanto,
 E um vôo affeito a Deos: era um commercio,
 Entre uma filha e um pai; de amor fervendo
 Vcava o pensamento antes da frase.
 São hoje a frase a custo, e desleixado
 Ou tímido ou profano o pensamento
 De longe a segue, e em meio a deixa errante.

Leonor.

Mas oraí: a oração frouxa ao principio
 Póde-se ir pouco a pouco afervorando:
 Com Deos pedir-lhe a graça he tel-a certa.

Ignéz.

Sim, resarei: porém, Leonor, tão nova
 Ir da terra natal a um mundo ignoto?...
 Deixar tudo, prazeres, esperanças,
 Corpo, sentidos... tudo: e desvalida
 Pobre alma ante o Juiz chegar tremendo?...
 Ah! que o traço he de fel! Leonor, se eu morro
 Encommenda-me a Deos de dia e noite;
 Promettis?

Leonor.

Sim prometto: mas lembrai-vos

Que a noite e a solidão terror produzem,
E que o terror delira.

Ignéz.

Isto he delirio?!
Oxalá! são avisos do meu Anjo
Que me diz = Eis a noite derradeira =

Leonor.

Vede o mal que fazeis fallando n'isto:
Eis-vos ahí já pallida . . .

Ignéz.

Bem sinto;
Não importa. Aproxima-te, não quero
Contar isto em voz alta. Assim . . . mais perto . . .
Bem! Mas ouve e não falles. Antes d'hontem
Era sol posto, eu vinha do passeio . . .
Espera . . . que ouvi eu nos corredores?!
Leonor.

He vento a assoviar.

Ignéz.

O' minha amiga,
Corre outra vez as portas do aposento,
Vê se estão segurissimas.

Leonor.

(Depois de ter examinado tudo e ha-
ver-se demorado alguns momentos fôra da
porta do corredor.

Seguras

Quanto he possivel: o rumor que ouvistes
Eão no corredor pisadas leves

Do Senhor Conde; cauteloso vinha
 Ver-se dormieis já: não quiz turbar-vos,
 Sua benção vos manda e sonhos ledos:
 E agora, eis-me outra vez, sou toda ouvidos.

Ignez.

Voltava do passeio, era sol posto:
 Ao passar pelo templo namorou-me
 O murmurio dos alamos, que em roda
 Do adro quedo e hervoso se enerespavão:
 Parci para o gozar. Como o gozava,
 Lembrou-me Deos e minha Mãe; ajoelho
 Na relva, contra a porta então fechada.
 Levanto as mãos, o pensamento, os olhos,
 E torno a orar com jubilo; senti-me
 Transportada aos meus dias de innocencia!
 Leonor, que estrondo he este?

Leonor.

Eu bem dizia
 Que se armava nos céos horrenda noite.
 Os tectos tremem: muito ha já que ao longe
 Senti este trovão andar rolando.
 Que relampago, ó Deos! Tapai os olhos,
 E prosegui.

Ignez.

Abraça-te comigo:
 Sê meu Anjo da guarda: eu temo o raio,
 Temo tudo, Leonor.

Leonor.

Não temaes nada.

Ja cáe chuva em torrentes, foi-se o p'riço:
 Prosegui. Ante o templo orando estaveis,
 E depois?

Ignes.

Vi a porta abrir-se, e um pobre
 Sair co'os olhos humidos; saindo
 Sumio n'um capuz negro quasi inteira
 A fronte e as láces pallidas. Tão claro
 Como tu me estás vendo, inda o esteu vendo!

Leonor.

Mas que disse ou que fez?

Ignes.

Logo que a porta
 Como d'antes cerrou, sóta um gemido,
 Toma o bordão que ali deixára em terra,
 E ia partir quando me vio: turbou-se,
 Olhou-me fito, fito, e se eu não erro
 Tornou-se inda mais pallido! Chamei-o
 Para dar-lhe uma esmóla; a voz, o aceno
 Repeti, mas em vão. Quiz retiraf-me,
 Ficou-se, e deixou-me ir. Não era eu longe,
 Quando lhe ouvi bem claro estas palavras,
 Que o tom solemne me tornou mais negras:
 = "Vai, vai, os dias teus estão contados,

Aplaca o céo, que o tumulto te chama, =
 Julga ainda delirio os meus terrores!
 A idéa d'este pobre e d'estas frases
 Me assaltão de continuo, e me povoão
 A meza, o dia, a noite, o somno, a resa;
 Em toda a parte o fujo, em todas o acho.

Leonor.

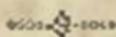
Senhora, inda uma vez, encommendai-vos
 A' Mãe de Deos, e aos Anjos protectores,
 E adormeei, que eu vélo os vossos sonhos.
 — Beijou-lhe Ignez, sorrindo ambas as faces,
 Contemplou-a e sentio purificar-se:
 Depois resou e adormeeço tranquilla.

O firmamento inteiro se desata
 Em torrentes horrisonas rojadas
 Dos curos com fragor contra as janellas.
 De altos tectos aos pateos espaçosos
 Vai sonoro, precipite diluvio;
 Pelas velhas vidraças arrombadas
 Do alto andar deserto entrão bramindo
 Os humidos tufões, batendo as portas,
 Anotinando os crmos corredores,
 E os quartos somnolentos: noite acerba
 Cerca todo o Castello. Eis dão tres horas!
 Donde vem que ao fragor dos elementos
 Se misturou voz de homem? gritos, gritos,
 E ao que parece naufragos! Foi barca

Temeraria que ou deo sobre os rochedos,
 Ou se afundou no encapelado abismo.
 Algum triste, ludibrio da tormenta,
 Nadando implora auxilio á margem surda.
 Decrescendo a distancia as vozes crescem:
 Crescem! Algum que as entre-ouvio n'um sonho,
 Desperta em sobresalto e acorda a casa.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

A NOITE DO CASTELLO.



Canto Terceiro.

Resoão portas , abrem-se janellas ,
 Vão e voltão reflexos , passos , vozes ,
 O portão range , desce a ponte , á margem
 Corre luz ... boião soltos remos , taboas.
 Dois pescadores , desiguaes na idade ,
 Relutão contra a morte : a vaga escura
 Os enrolz , os atira , á praiz os deixa.
 Pias mãos , pias fallas os levantão ,
 Lhes dão consolações , faver lhe off'recem.
 Exforçando a voz tremula — " Nós somos
 „ Pescadores , um diz , e adormecemos
 „ No batel fundeado ha poucas horas.
 „ Reventou-nos com os ventos o calabre ,
 „ Demos na rocha , o lenho espedaçou-se ,
 „ E despertámos a brigar co'as ondas.
 „ Como a noite vai tal , e nós molhados ,
 „ Se consentis que entremos no Castello ,
 „ Entraremos ; um tecto e poucas palhas
 „ Sobrão para quartel , e cama d'ambos ,
 „ Que logo que amanheça haremos de ir-nos. „ —
 Ja folgão sob a abobada hospedeira
 Recbidos sem custo. Observa Orlando .

Como religião, costume antigo
 Transmittido de avós: fechada e prompta
 De seu palacio a dentro se reserva
 Aos infelizes caridosa estancia,
 Refugio amigo a enfermo, a pobre, a velhos.
 Luz, fogo, refeição, leitos, vestidos
 Lá lhes mostrou benefica abundancia,
 E recac tudo em seu primeiro somno.

Só vigia Leonor! ja como a casa
 Jaz mudo o céu e a terra; apenas se ouve
 Macia devoção holer-lhe os labios,
 E como grão de mistica ampulheta,
 A conta a espaços no cordão descendo.
 Por não dormir, com a noite alonga as rézas,
 E offrece-as por Ignez. Pancada surda
 Como de mão defunta, eis bate á porta,
 Que da torre do norte ao quarto desce.
 Duas!.. tres!.. Que fará? não sentio passos,
 Falla não ouve, e d'um clarão funereo
 Reflexos nota. D'esta parte, o Conde
 Não pôde ser, nem gente do Castello.
 Forçada a porta, de violento impulso,
 Cujos tom vai reboando eseuo ao longe,
 Escancara-se, e hum vulto immoto assoma
 No limiar! D'um facho á luz mortiza
 Que lhe treme na dextra descarnada,
 Um pallor cadaverico, o medonho
 Deseconcerto do rosto claro abonão
 Annos bem largos de sepulchro e inferno.

Só parece reter da antiga vida
 O sorrir máo da asperrima agonia,
 E olhos que um fogo estranho accende agora.
 Entrou!.. Jesus Maria! exclama exangue
 A triste, e sobre Ignez se arroja ao leito.
 Vendo-a acordada e que o pavor lhe ha presos
 Os sentidos e a voz, com o seio os olhos
 Lhe venda, co' as mãos ambas os ouvidos
 Subito. Mas n'um impeto expellida,
 O que encobrio descobre. Ignez encara
 Aquelle rosto quedo: horror a assombra,
 Convulsa ondêa, géla, não se afasta,
 Mas com a mão repellindo a visão torva,
 Diz em voz rouca e morta — "He elle!.. o pobre!.."
 Manso e manso chegando o rosto ao leito,
 — Reconheces-me agora? — lhe pergunta
 Sumida voz.

Ignez.

Henrique! alma de Henrique!
 Bem te conheço, deixa-me, recua:
 Ah! da parte de Deos, torna ao teu mundo.

Henrique.

Vê, vê, como te punge a consciencia,
 Que até te apaga o siso: o que estás vendo
 Nada mais he que o corpo vão de Henrique,
 A sua alma tu mesma a assassinaste!
 Mulher, que he do teu voto? que fizeste
 De tanto amor tão puro? Anjo dos Anjos,
 Ai! quem te fez demonio? He pois verdade?

No exterior ésta infame inda he formosa,
 Oh ! que se o que anda dentro andasse aos olhos ,
 Cairá morto quem te olhasse o aspecto ! ,
 N'isto , afastando a vista, deu com o cinto
 E grinalda da festa : aos pés as flores
 Caleon rugindo, o cinto espedaçou-o.
 “ Vós vos perceereis , como os meus dias ,
 „ Eufiteis vis , que aos olhos d'outro a ornaveis. „
 Disse , parou , e n'um silencio longo
 Ficou fitando o chão ; depois erguendo
 A vista frouxa a toda a casa em roda ,
 — „ Nada mudou , prosegue : aquella entrada ,
 Estas janellas , estes quadros , todo
 Esse tapiz campestre a cujas folhas
 Diria o conto , e a cujas mil figuras
 Ideavamos em ocio a historia , os nomes ,
 Taes os deixei , taes os sonhava ausente.
 Como filho de Orlando cutão vagava
 Por todo este Castello , onde hoje a furto
 Entre como assassino ! Houve outro tempo
 Quem me aqui suspirasse ; n qualquer hora
 Sempre chegava tarde : ahno sorriso ,
 Doce aperto de mão , palavras ledas
 No meio ja da escada me aguardavão ;
 Era esperanza e prazer de amos e servos !
 E agora ... o que não sente existe intacto ,
 Mas tudo o mais passou ! Terror lhe infundo
 Como fantasma de sinistro agoiro !
 Este leito , este leito que anciavão

Como um céo, meus affectos respeitosa,
 Converteo-se em covil de atroz serpente.
 E inda me lembra um tempo, em que eu corria
 A contempla-lo a furto, e cá de longe,
 Berço em que amor e graças abraçadas
 Dormião branda paz, fraternos sonhos.
 Então não sei que nuvem o envolvia
 De religioso affecto e molle encanto!
 Era uma gruta mística, exhalando
 Rosas e cedro: um não sei que divino
 De envolta com o mais languido da terra.
 Oh! que entre auras bem doces, bem fugazes
 Já boiei tão contente á flor da vida!
 Desencantou-se tudo! E em sós vinte annos
 Cabe negrura assim, cruesa tanta?
 Folga, empregaste assás tão curta idade;
 Tornaste Henrique o mais feliz dos homens,
 Tornaste-lo o mais misero! Que paga
 Póde igualar teus meritos? — He sonho?!
 Ignez corar ainda! Ignez chorando!
 Quem ensinou a faces prostitutas
 Esta cor?! pranto cabe em olhos destes?!
 Se a falsa da fiel conserva um resto,
 Se tu da minha Ignez és sombra ao menos,
 Ouve, estremece, estala de remorsos.
 Em seis annos de ausencia, um só minuto
 Sem ti me não chegou: cáí nes ferros
 Por te amar, por te amar soffri-lhe o peso,
 Por te amar os quebrei. A qualquer hera

Que me ultrajasses cá, meu pensamento
 Impróvido, fiado em teus protestos,
 No altar do coração te dava incensos.
 De meu continuo algeoz na mão eruenta
 Beijos continuos dava! .. “ —

Ignez regando

Com hum diluvio de lagrimas o seio,
 Sem levantar a vista, assim murmura:

Ignez.

Desditosa! Cruéis que me illudirão!
 Maldita carta! Henrique inda era vivo! ...
 Leonor, Leonor, no choro das exequias
 Tu me ouviste em soluços; retumbavão
 No templo os cantos funebres, presente
 Sobre o tumulo-vão lia o seu nome ...
 Sim, tu me ouviste, = Não morreo, não pôde
 Morrer sem mim: ninguém, ninguém no mundo
 Ousaria cortar dias tão bellos,
 Um Deoz, que he justo e bom, nunca o soffrera =

Leonor.

“ E. entretanto, Senhora, eternas se ião
 Vossas noites veladas em lamentos,
 Vossos dias em lagrimas. Mil cartas
 O reputavão morto: Adolfo escreve,
 Diz que viu, narra o como, a esp'rança acaba...! ”

Pouco a pouco entretanto á caheceira
 Tinha, sem o cuidar, chegado Henrique,
 E de Ignez junto á mão pousava a sua.
 Olhando-a e commovido assim prosegue:

Henrique.

Ignez! foi na minha alma a tua idéa
 A maior do universo; obter-te esposa
 Julgava-o d'entre os bens o bem supremo.
 Vi meus annos em flôr, meu braço em ocio.
 He nullo herdado lustre onde outros faltão,
 Honra de meus avós não suppre á minha:
 Córei, e disse em mim = fugir-lhe ousemos,
 E para a merecer corra-se ás armas =
 Sede de gloria tua arremeçou-me,
 Com teu nome na boca e a lança em punho,
 No primeiro combate ao mais acceso
 Do revolto brigar; voei ceifando
 Entre searas de inimigos ferros.
 Quebrada a lança, o meu cavallo em terra,
 Partida a espada, um numero sem conto
 Me cercou, me prendeu lavado em sangue:
 Hia por minhas mãos troncar meus dias,
 Lembron-me Ignez, vivi! Meus pés rojarão
 Despresados grilhões, soffri o insulto,
 Comi o pão da dôr, dormi na terra.
 De um barbaro senhor tornado escravo,
 Perdi o ultimo bem do captiveiro,
 O prazer de fallar em terra estranha
 A propria lingua a socios de infortunio.
 Resisti; uma esp'rança, não a esp'rança
 Da patria, mas de Ignez me segurava,
 No mar da horrenda vida anchora extrema.
 Via-te a cada passo, e em cada objecto:

Era um rosa? as rosas lhe são gratas;
 Mar ao longe? era o lago do Castello;
 Na viração do occaso, a voz te ouvia;
 Na lua, os nossos olhos se encontravão.
 Se em longo, denso véo sumido o rosto,
 Não airozas Turcas, a saudade
 Lhes prestava o teu nome e teus encantos;
 Tu só me povoavas o Universo!

Ignor.

As tuas expressões, acaba Henrique,
 Lacerão-me.

Henrique.

Bem sei, mas he forçoso
 Que esgotes pouco a pouco até ás fêses
 Este calix amargo; bem o sabes,
 És tu não eu quem lhe empeçonha o leite.
 Ouve, e em nome de Deus não me interrompas,
 Que eu tremo do teu fim; não me recordes
 Que a um seio outr'ora meu jurei dar morte.,,

Depois de curta pausa recomeça
 Compondo aspecto e voz:

“ Milhões de estorvos

A fuga me tolhião. Não me pêsas
 De os haver affrontado: não, mas dê-me
 Que lhes não succumbisse. Para haver-te,
 Me expuz a tudo afoito; e ao dobro ainda,
 Só por lograr de longe e mal distinctos
 O teu lago sequer, sequer teus montes,
 Me aventurara e a bom mercado o houvera.

Não tens que agradecer-mo: seousei tanto
 Não foi por ti, foi por um ente amavel,
 De quem fui, que foi meu, mas não existe.
 Ao fim de longos mezes perigrinos
 Beijeí, cobri de lagrimas o cume
 Remoto, em que de subito dei vista
 Da tão sabida estancia, envolta em nevoa.
 Só ali respirei! Desei as serras
 Sempre cheio de ti, com os olhos longos
 Sempre cá, impaciente quando as voltas
 Do caminho ou as matas invejosas
 Vinhão cegar-me: o obstaculo fogia,
 E eu já mais perto ao mal bebia esperanças.
 Oh! que visões me namoravão a alma!
 Deixei-a flor crescente, acho-a pomposa,
 Ha seis annos que n'ella o céo se esmera,
 Dobrou graças que tinha e mil tem novas.
 Aprimorou-se Deos compondo o prémio
 Ao guerreiro da cruz: purificou-me
 No infortenio, e aos de um Anjo me os meus dias! --
 Outras vezes fingindo-te qual d'antes,
 Julgando-te por mim, cerria a miúdo
 Da tua ausencia a historia, e rasgo a rasgo
 Da minha a copiava: ahí meus olhos,
 Esquecidos do meu, ten mal choravão:
 Ah! choravão-te! em quanto os teus ardião
 Ebrios de novo incendio! Espedacemos
 Este fio mesclado, que teimoso
 Quer tecer-se ao discurso, e em vão desvio.

Então eu te suppunha as noites negras,
 A meza odiosa, os dias importunos:
 Da saudade os espinhos julguei ver-te
 Do coração com as fibras enlaçados,
 E o desconsolo enoitecer-te a mente.
 Sob a chuva das lagrimas, as graças
 Te merehãvãono aspecto, e era assim mesmo
 Que me abrasavas mais: por cada encanto
 Que te furtava a dôr, te achava eu novos.
 Oh! se quacs entre os ferros me nascerão
 Lhe visse eu cãs! se as rugas prematuras
 A sulcárão tambem! tudo amo n'ella!
 Se inda existe sou seu, mais seu se he morta.
 Assim corria a ti. Já claramente
 Fronteiro ao sol no occaso purpurado
 Se mostrava o Castello e o lago e o bosque,
 A saudar-me festivos: e eu correndo
 As filas das vidraças incendiadas,
 Buscava achar-te... ao menos o teu quarto.
 Fechada era a janella. — Está sósiuha:
 Pensa em mim: talvez borde n'outra charpa,
 Como esta que me deu na despedida,
 Motes de amor saudoso e emblemas tristes:
 Suspira pelo instante em que ma entregue:
 Résa por mim, e tem que inda ha de ver-me.
 Ai quando me ella vir!... — E aqui no seio
 Um fogo doce e trémulo que o aperta,
 Me correu: palpitavão-me as arterias,
 Senti cançasso insolito. Que planos

Fiz e desfiz ! Que imagens me enxameavão
 Na idéa susurrando ! Ora fingia
 Inesperado entrar, ouvir-te um grito ;
 Ora temendo o jubilo imprevisto,
 Me occultava a principio : agora a um servo
 Dava um recado, a charpa agora a um pagem ;
 Mendigo ia encontrar-te ; a um lado occulto
 Fallava com Lecnor. Qual foi o aspecto,
 Qual frase houve de amor que eu não tomasse ? !
 Compunha, destruia e recompunha
 Nossa conversa inteira, e claro ouvia
 A voz, as inflecções, a graça, o todo
 Que eu em ti decorei para mil annos.
 Pobre Henrique ! de tudo te lembravas
 Menos da ingratidão !.. Por senda obliqua
 Transviado entretanto, me entranhara
 Na ja deixada serra: acordo entre altas
 Rochas absorto, onde o caminho acaba:
 Caiu-me a alma em terra ! Ja dos cumes
 Descia noite: eu só, perdido o rumo,
 Onde iria tomal-o? grossa chuva
 Saltava pelas terras ; nem lembrança
 De achar um guia !.. Revolvendo em roda
 O consternado olhar, avisto ao longe
 Luz: corro, era uma choça.- " Entrai, me dizem,
 Enxugai-vos, ficai ,, - " Como ? lhes torno,
 Se ao Castello do Lago inda hoje heide ir-me?
 Mostrar-me-beis o camiinho?,, - " Oh! que he mui tarde,
 Prigoso e longo o atalho, diz um velho,

Na madrugada ireis, — “Por Deos, lhe torno,
 Ensinai-mo e ficai, — Vendo-me firme
 Cedeu, mandou seu filho a acompanhar-me;
 Foi meu primeiro algoz esse innocente!
 Calado ia ante mim a alumiar-me
 Os passos mal seguros, pelo crespo
 Dorso ingreme de undosos precipicios.
 Cem vezes tive os labios entre-abertos
 Para inquirir de Ignez, tremi cem vezes
 Quantos males conter seis annos podem!
 — “Menino, saberás se inda la vivem
 Uns cisnes do Castello?,, — “Sim,, — “Havia
 Bellos pavões por lá antigamente,
 -Inda os ha?,, — “Oh! bellissimos, responde.,
 Feliz presagio. pensei en calado!
 As aves que ella amava inda lá durão!
 Ousemos mais: — “O Conde Orlando he vivo?,, --
 - “ Sim, torna o conductor. ,,--“ E Ignez? pergunto
 Em voz sumida,, --“Ignez tambem” --Triunfo,
 Me brada o coração! Se he viva he nossa!
 Corro chego-me a elle e fallo afoito.
 -- “ Bem: que sabes tu d’ella? ,,--Encolhe os hombros
 E diz -- “ Eu nada: contão pela aldeia,
 Que vai casar com um Cavalleiro rico,
 Lindo e valente, não me lembra o nome,, --
 -- “ Mas ella vai á força, ella o não ama,, --
 -- “ Pois quem a obriga? O Senhor Conde a adora.
 Se ella dissesse não . . . olhai, he tanto,
 Que diz meu Pai, que se ella llo pedisse

O Senhor Conde mudaria os montes „ --
 -- “ Pois sim, sim. Boa noite: volta a casa,
 Eu já sei meu caminho. „ -- Instou, mostrando
 Co'a luz os precipícios -- “ Nada teño,
 Gritei-lhe: vai-te em paz, nem maiste eu veja. „

Qual eu fiquei não mo ouvirás, só podes
 E has de entendel-o em sendo já do inferno.
 Se o ten crime contigo lá me arrasta,
 Lá to direi bramindo, a revolver-me
 Contigo em fogo eterno, eternos ambos. „

Assim diz, e um revérbero do raio
 Que já na alma lhe ardia, lhe lampeja
 No fixo, torvo olhar; com os dentes cerra
 O labio desmaiado, e a fronte crespá
 De vinganças fervendo lhe pululla.

Ignéz conserva o estúpido silencio,
 Sem soluço, nem lagrîma. Que verso
 Pintaria jámais o estado de ambos?
 E ai de quem o entendesse! A muda estancia
 Nada ouve mais que anhelitos penosos!

Em pranto estrepitoso aos pés de Henrique
 Se atira em fim Leonor, que horrorisada
 Da última frase, por Ignéz treméra,
 E pela alma de Ignéz. Inda os ouvidos
 Lhe estruge o ultimo assento: não diversos
 Aos ouvidos de Mãi, que unico filho
 Visse com o raio em cinzas, rebramarão
 D'esse trovão os tétricos rebombos.

Leonor.

Cavalleiro do Céu, alma remida,
Tornai em vós, que o espirito das trevas
Quer arrastar-vos cego. Havéis de ouvil-a
Para a julgar; não tem remedio a morte,
Mas sempre lie tempo de arrancar-lhe a vida.
Vede-a, sentai-vos, socegai, ouvi-nos.

„Tem razão, diz Henrique, é cedo ainda.
Já que á boca lhe puz a taça amarga,
Beba-a toda primeiro. Eu sei que é ferreo
Esmagar o infeliz, mas tive o exemplo:
Não paro, o coração murmure embora!
Parabens! já la dentro a dilacerão
Remorsos quasi iguaes aos meus ciumes!
Prosigamos — Curti delirios vastos
Breve espaço pasmado, immerso em noite,
Entre tufões e abismos. Ora em gritos
Raios pedi aos céos, volcões á terra;
Caí-te aos pés as ver-te arrependida,
E suppliquei perdão no crime alheio;
Ora a espada, arrancando-a do teu peito,
Mergulhei no meu peito; ora vibrava
Rochia voadora sibilando ás cegas,
Que em teu leito baqueando ia esmagar-te;
E tudo isto calado, immovel, morto!
Tornado em mim, corri com passos leves
Direito á patria estancia, a ver se achava
Um coração sequer, um só no mundo!...
Pela primeira vez sem sobresalto

Bosques entrei que o berço me cercarão :
 Tudo era o mesmo , eu só mudci contigo !
 Vi Jorge , o servo ancião , que tantas vezes
 Nos trouxe ao cóllo , nos beijou , fallando
 Que Henrique era de Ignez , e Ignez de Henrique,
 Quam bem te adivinhava o pobre velho !
 Por meus rogos instado introduzio-me ;
 Ah ! sem me conhecer , em sala antiga
 A' espera do Senhor. Admiro o luto
 Das cortinas estranhas , leio acaso
 Sob um quadro o meu nome , e o mesmo em todos !
 N'estes paineis em cores verdadeiras
 Vi meu berço , encontrei a minha infancia ,
 Meu caro irmão Fernando , e Ignez comigo
 Brincando descuidados pela margem
 Do Castello de Orlando : vi seguir-se
 Do nosso amor toda a profusa historia ;
 Teu pai sorrir-nos facil : em teu dedo
 Enfiar eu o anel : a tua charpa
 Por tua mão cingindo-me de fogo :
 O ultimo abraço , o adeos , o voto , o beijo
 Da partida funesta ! Inda restavão
 Duas pinturas ; meditei um pouco
 E olhei : rasgado o peito ensopo em sangue
 Terra infiel entre infieis , que alegres
 A cabeça minaz no pó me rodão :
 Scena horrivel , mas céo junto á que a segue !...
 Um cavalleiro em face a Orlando aperta
 A mão de Ignez , e Ignez aperta a sua ,

E Ignez sorri, e o cavalleiro a adora,
 E o velho infame aplaude, e o anel da boda
 Lá está no dedo d'ella: em baixo escripto
~ Adolfo accita Ignez, Ignez e Henrique
Jurarão ser feis um do outro ás cinzas !!! =
 Em quanto assim mil furias apaseento,
 Fernando vem; Fernando irmão e amigo,
 Que nos fraternos titulos e herança,
 Como forçado entrára, ao caso acerbo
 Lagrimas dera, e cultos a meus maues
 Co'a vingança que pôde. Alma celeste!
 Se existe uma fiel, em prémio a gozes!
 Teu amor n'um momento desmentindo
 A antiga fama e um luto de seis annos,
 Reconheceu-me logo - Henrique és vivo?!
 Gritaste, e eu revivi entre os teus braços,
 Com que alegria ao teu lugar segundo
 Voltavas, salvo o irmão! que atropeladas
 Perguntas, chôro e riso te-alternavão!
 Nós, nós sem a jurar constancia houvenos!
 Como que em ti meu coração ficasse,
 Tu viras com horror de Adolfo a audacia,
 O perjurio de Ignez, de Orlando a insania,
 Ante a filha, ante o pai baldaste rogos,
 Humilhações, desprezo: ante o cobarde
 Ameaças que os teus annos relevavão.
 Viras a teu pezar crescer o crime,
 Ir-se de todo a esperança: injuria longa
 Esgotou-te a cançada paciencia.

Dêste pepétuo adeos do sangue aos laços,
 Ao uso antigo, aos muros do Castello,
 E á paz co' a raça vil; por monumentos
 Do nosso amor, seu crime, e meus desastres,
 Trouxeste á sala de honra o luto e os quadros.

Choroso, e a mão cerrando-me solemne,
 Por socio e vingador a mim se vota,
 Seja qual for o intento, embora occulto,
 Seja qual for o riseo. Infeliz moço,
 Nem com o morrer por ti, posso pagar-te!
 Instei-lhe que abafasse inda alguns dias
 O furor justo, e no intimo do peito
 Calasse a minha volta. Então me escondo
 Em capuz negro, em manto remendado:
 Tomo falso bordão, branqueio as barbas,
 E entro mendigo aqui: Meus pés tremerão
 N'este chão amoroso; em cada pedra
 Relia uma saudade, em cada folha!
 Tudo onde entrar foi licito a um mendigo
 Visitei, vendo em tudo a tua imagem,
 Bebendo em febre os sonhos do passado:
 Ao resto só chegava o pensamento.
 Oh! que se então meus olhos deparassem
 Co'o roubador algoz, fosse onde fosse,
 Armado, entre esquadrões, ao pé das aras,
 E eu desvalido e inerte, era eu bastante
 Para purgar de um vil Adolfo a terra.
 Mas sua hora não tinha inda soado!
 Nunca o vi nem te-vi, por mais que os sitios

Usados frequentei. A' hora antiga
 Hia esperar-te occulto entre as ramadas
 Da casa da cascata, entre as roseiras
 Do albergue dos pavões e ao pé dos cisnes :
 Bati á porta supplicando esmola
 Em grande voz, por intenção de Henrique,
 Nem Leonor vi, chorei sobre mim mesmo.
 Assim ja perto, e ausente como d'antes,
 Levei dias amargos: grande parte
 N'esse pateo sentado aos sóes e ás chuvas,
 Tragando a compaixão, tragando o insulto,
 Comendo um pão lançado com desprêzo,
 Té dos teus cães ludibrio: quanto fogo
 Sob essa capa me accendeu as faces!
 Que de lagrimas dei!... Por tanta angustia
 Quasi me achava pago, em tendo visto
 Dentro d'esta janella um teu reflexo:
 Quem isto faz que não faria amado?!
 Só hontem, posto o sol, ao vir do templo,
 Onde fôra implorar qual graça a morte,
 Te vi, e áquella vista as f'ridas todas
 No coração furioso me sangrãrão.
 Partiste: vim sentar-me ao pé da ponte
 Ante o lago profundo e a lua triste;
 Ahi me-têve a noite e achou-me o dia.
 A atroz confirmação da atroz noticia,
 Veio-me, ouvindo as fallas dos teus servos.
 Corro a Fernando, armas revisto. " He tempo,
 Arma-te e vem comigo; he hoje a festa

Da tigre desleal: vou por meus olhos
 O crime ver, por minha mão vingar-nos., -
 Vimos. Quiz tentar se ainda podia
 Não ser feliz nem teu, porem salvar-te.
 Achei na mente negra estranha industria,
 Mas teu crime a venceu, e a tua estrella
 Ja voava declive ao turvo occaso.
 Fernando insinuou-se não sentido
 Notemplo, á sala eu vim: co' a mão na espada,
 Fui de meu mal gelada testemunha.
 Inda esperci o agoiro: o horror do agoiro
 Que produziu? lembrarão-te os teus votos?
 Deixaste em meio o crime? os olhos d'ambos,
 Os teus ao menos, evitarão? . . . basta.
 Já vês que tudo sei, que fui comvosco
 Na sombra escandalosa; ouvi-te, ouvi-o! . . .
 Levei minha vingança ao meio apenas.
 Ja pressentes o fim que em vil disfarce
 Náufrago aqui me-traz! Por Deos, por tudo,
 Por ti, falla e confunde-me se podes. ,,

Com o silencio de Ignez, crescia o susto
 Na aia afflicta, que a fria mão lhe aperta.

Leonor.

“ Fallai, fallai, Senhora, explicai tudo:
 O que a mentira ordio dai-o á mentira,
 Ao tempo o que foi d'elle, a amor a astucia,
 Erro e fraqueza aos annos inexperos,
 Ao pai a autoridade, o resto ao fado:
 E que vos fica então mais que a innocencia?”

Fallai, que onde houve amor, perdão vem fácil.

Ignor.

Bem to disse eu, Leonor, tu não me-creste:
 Já vês se presenti, se era o meu Anjo,
 Ou delírio da noite. —

O horror e o susto

Fallando assim, lhe-treme em todo o corpo.

Momento foi, mas foi momento eterno

O que a viu n'esse transe: abraçeo tudo,

Porvir, passado, ceos, inferno e mundo!

O peso enorme das visões terríveis

Mais veloz que relampago, a derruba

Aos pés que abraça e beija e lava em pranto.

Do grão terror a subitas colhida,

Não sabendo o que faz, quem lie, quantoouse,

Tal se arrojára qual a tinha o leito.

Quem lhe lia de resistir? o alvo do linho

Que unico a envolve, e mal, cede á uerada

Cega brancura das traídas fórmias.

Por entre a chuva dos cabellos soltos

Realçado o candor transluz um collo

Digno de Leda, uns braços de Atalanta,

É um seio, um seio, oh Ceos! só digno d'ella.

Nunca lampada em camara de amores

Mostrou pasto a desejos voluptuosos

Em mais perfeitas perigrinas graças.

Nunca de Henrique os sonhos temerarios

A pintárão assim, pintando muito.

Tal se enleva culter de rico arbusto,

Quando em rosea manhã de inverno agreste
 Pela primeira vez o acha florido.
 Porém quando prostrando-se nas lajes,
 O corpo e os braços supplices erguendo,
 Da roupa com os joelhos destendida
 Quebrado o encantamento arfarão livres
 A palpar os geneos alabastros,
 Aqui foi o abraçar-se, o ver-se a pique
 De perdimento! Mas tudo isto he de outrem:
 Vendo está do desterro o paraíso
 Que perdeu formosissimo, e as espadas
 De fogo que a vingança ha posto em meio.
 Isto lhe acode e o salva. Ignez, ousando
 Tomar-lhe a mão, quebrada a voz a espaços,
 --“ Por essa dextra, diz, que já foi minha,
 Por estas minhas lagrimas, por tantos
 Dias de esperança e amor, se inda te lembras
 Do que eu te amei, se algum prazer te he dado,
 Tem dó de mim, de meus crescentes annos,
 De meu Pai, de ti mesmo, e de minh'alma,
 Que inda te não merece o fogo eterno.
 Se não vem tarde um rogo, ouve-me, expelle
 Tenção cruel, que ia infamar teu nome,
 E com meu mal perpetuo o teu comprára., --
 Mais ia por deante: mas Henrique,
 Que da humilhada Ignez teme o triumpho,
 Todo o fel da memoria ao peito chama.
 Desenlear-se do tenaz abraço
 Revolvendo-se busca: em vão, qua a rastos

O abraço, o amor, as lagrimas o seguem.
 Apesar seu, seus olhos se amollecem,
 Vai-lhe em fogo de amor morrer a injuria,
 Vai succumbir... tremeu, salvou-se a tempo!
 Mais um momento... e aos pés de Ignez caía!
 Arrojou-a, recua ao fim da estancia,
 E temendo-a, e temendo-se, procura
 De odios subito mar lançar entre ambos;
 E diz-- "Do que existiu ja nada existe!
 Foi tempo em que uma voz me-namorava.
 Vede quem sois, quem sou: ré e offensora,
 Estaes ante o offendido, o testemunha,
 Delator e Juiz: fallai, mas breve. ,, -

Mudo esperou vãmente; a sem ventura
 Embebria no leite o seio e o rosto
 Para afogar mil tremulos soluços.
 Leonor soltando iguaes, a afaga, a anima,
 Co'as mãos frias, sem voz: lida em beijal-a,
 E erguêl-a, porque falle e afaste o raio.
 Bate um quarto! e segundo!.. Henriquetreme!
 Que horas são? -- quatro e meia.-- Impaciente
 Que em demoras crueis lhe-escape a noite,
 Começa interrogando-a -- "Em vossa crença
 Existe um Deos, e os juramentos ligão? ,, --
 Nova explosão de chôro, eis a resposta.
 Prosegue -- "Deve o Cco dar ao perjurio
 A deprecada pena? ,, -- Igual resposta.
 -- "Mente a fuma? esses olhos não fallavão
 A Adolfo? não vi dança de assassinos

A respirar ternura? foi mentira
 D'essa boca, ou delirio em meus ouvidos.
 O que escutei no parque, e ouvirei sempre?
 Não devia este leito unir-vos hoje?
 Hoje, hoje mesmo unir-vos!., Jaz, nem ouve
 A dama fulminada: a serva acode,
 Fiel por ella ao risco da desfeza.

Leonor.

O cavalleiro Adolfo o-havia eserito,
 'Todos vos-crião morto, he d'elle o engano,
 E se ha traição foi d'elle. A desgraçada
 Chorou mais que ninguem, mais longo luto
 Quiz trazer, sua mão lançou cortadas
 Suas tranças ao lago: foi preciso
 De um Pai todo o rigor e todo o affago
 Para tolher-lhe asperrima elausura.
 Quem pôde oppor-se ás leis da Providencia?
 Veio Adolfo, adorou-a, instou, valeo-se
 Do Senhor Conde mesmo; o Senhor Conde
 Maduro em annos, proximo ao sepulchro
 Favoreceu, instou a alliança illustre;
 A infeliz resistiu, mas foi vencida.
 Ah! mil vezes lho-ovi, no cavalleiro
 Um não sei que de vós no olhar, nos modos
 Lhe-recordava Henrique: a não ser este
 Jamais outro prestigio a não movêra:
 Assim vos foi leal até na offensa!
 Invoco o Deos que me-ouve, e se isto é falso
 No livro eterno o assente. ,, -

Henrique a ouvira
 Entre attento e inquieto, e interrompendo-a:
Henrique.

— “ Mas o altar dentro em pouco os-aguardava,
 Este leito ia ser do embuste o prémio,
 Vai, desgraçada cumplice, vil manto
 De vergonhas mais vis, cala-te. Dize,
 E quando elle a gozou, chamou-lhe Henrique?
 Basta: quero em fim crer, foi minha injuria
 Crime alheio, não teu. Que nos merece
 Um traidor, não lhe chamo um cavalleiro,
 Um bandido, só forte em roubo e fraude,
 Que um nó dado nos céos soltar-nos veio?
 Justo não he que aos olhos te conduza
 Ja cadaver? tu juras-me calcal-o?
 Juras-mo Iguez? Tu calas-te? desmaias?!
 Ah! perdôa, eu deliro, exijo muito.
 Iguez! Iguez!... um véu sobre o passado!
 Relevemo-nos tudo, refloramos
 Aos dias do prazer! En te conjuro,
 Prostrado eu te conjuro, oh! vem ser minha!
 Minha só, minha sempre: esquece o monstro,
 F'oi a visão de um sonho affadigado.
 Volta ao meu coração, corre a meus braços!...
 Tudo he tentado em vão! as iras justas
 Mostrei, fingi-lhe amor: corri sua alma
 Por toda a parte, e em toda a parte he noite!
 F'ica-te pois com o teu silencio infausto,
 Ente perdido: pensa que este mundo

Já passou, que outro sol não tem de ver-nos.
 Volve ao teu Deus o espirito profano,
 E ajusta as contas breve; eu não quizera
 Dar-te um supplicio eterno. Sobre tudo
 Mudez! qualquer de vós chamando auxilio
 Punhaes attrairia ao seio de ambas. . . --

N'isto á fechada porta arranca a chave;
 Corre á escada que o trouxe (espiral immensa
 Que do fundo Castello ao rez do lago,
 Galga á Torre do Norte). Ali nas trevas
 Fernando o espera, ignaro dos successos.

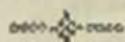
-- "Parte, Henrique lhe diz: franca a saída,
 Fóra da selva te pará não visto,
 D'onde guies caminho ao nosso aleuçar.
 Agora adeos, abraça-me. Não falles,
 Tudo he composto. Um dia nos veremos:
 Breve será. Não mais . . . O ultimo abraço,
 E obedece: urge o tempo um grão projecto."--

Subito aqui, troncada a despedida,
 Co' as escadas remette-- "Oh desgraçado!
 Desgraçado de mim! . . , vai com voz surda
 Repetindo, e co'as mãos serrando a fronte
 Pela atra, serpeante, esguia senda.
 Já se engolfa no Céu, já rege os ares
 De pé sobre a esplanada. Ah! possa a noite
 A abrasada tenção, fresca, apagar-lhe:
 Do Céu que o tem visinho a paz lhe desça.
 Tanto acima da terra, esqueça os homens,
 As paixões, o infortunio, o horror do mundo,

Ou o mundo imite em tão solemnes horas.
 Tudo o que o cerca em trevas se mergulha,
 Porém repousa e dorme: lago e bosques,
 Planice e montes, tacitos, desertos,
 Do movimento e luz se desfadigão
 A' mercê das estrellas, que esparsindo
 O orvalho e o somno a froxo pelas terras,
 Lá vão boiando a se perder no occaso.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

A NOITE DO CASTELLO.



Canto Quarto.

COM o remanso geral da natureza
 Só contrasta essa Torre, apresentando
 A' terra silenciosa o desesp'rado,
 Como a estatua da Dôr em base eterna.
 Obra do fausto de orgulhosos dias,
 Soberba lhe pousára os fundamentos,
 E hoje a é'roa a mais lugubre miseria:
 Vãos pensamentos! vãos destinos do homem!
 Entendêreis que o fado a sustentáva
 Como hastea de troféo n'aquella noite,
 Para abater as tumidas vaidades.

Mas que interruptos sons espalha a brisa
 De cima da esplanada? Não he este
 Seu fremito usual no antigo musgo,
 Ou resequidas ramas balançadas
 D'entre as fendas do marmore: de Henrique
 He essa a voz. A voz de Henrique!... embora:
 Mas para quem a s'olta, ou quem lha escuta?
 Quem? mui feliz se pódes perguntal-o!
 Henrique está n'esse auge de infortunio,
 Em que a alma, ebria de dôr, da dôr precisa,
 Tem de perder-lhe o alvo, e ao dom da falla

Acode como a um fio, que a conduza
 Fiel de horror a horror, de escolho a escolho.
 N'esse auge do martyrio em que trasborda
 De angustia o coração, quer, necessita,
 Ou por se alliviar, ou porque o chorem,
 Derramar uma parte: se lhe saltão
 Ouvidos de amizade ao ar a entorna,
 E ouvindo o proprio mal seu mal sacia.

Em pé na alta varanda, Henrique ondêa,
 Olhos pela amplidão do undoso espaço
 Que abaixo de seus pés se desenrola
 Profundo. A chave aperta, e assim profere.

— "Tudo que mais ameí, que mais odeio,
 O mais bello da terra e o mais corrupto,
 Fecha-o isto!... Fosse unica esta chave,
 Ao lago a dera, e em paz aqui morria.

"Lastimar eu (que opprobrio!) o captiveiro
 Do musulmano harem! Eunucos, chaves,
 Alfanges, tudo he pouco; os que chamamos
 Barbaros, ao seu bem melhor consultão,
 Melhor a raça perfida conhecem.

Nem para uma Iguez só me bastaria
 Prisão de quanto marmore munida
 De quanto ferro existe, occulta em cerco
 De mil montanhas, por leões guardadas.
 Péde agrilhoar-se o corpo, a mente he livre;
 E é essa a que assassina! Oh! que sciencia
 Que moral dictou leis na cega Europa,
 Que ao roubo dão a morte, e ao mais que roubos

Que incendios e homicidio, a morte esqueçam!
 Mas voto a Deos, que assim não seja agora.

“ E não poder eu mais ! . . . da injuria em paga ,
 Presental-a ás injurias do Universo,
 Bem prêsa , no sol , em praça populosa ,
 Na testa o crime e o nome, e em vil despojo
 O embaïdor cabello entregue aos ventos!
 Vê-la assim e acabar ! . . . E' bem verdade
 Que eu sou eu ? que ella he ella ? ou que eu não souho ? !
 He ella que o merece , eu que o desejo ? !

“ Insensato , cem vezes insensato
 O que arrisca um duello á vã defesa
 Da honra da mulher ! A mais amavel ,
 A mais amante é isto ! . . . Eu deveria
 Fogir-te , abandonar-te á tua estrella ,
 Não te estorvar no lúbrico declive
 Queda após queda , até cahir no abisino :
 De gôstos vis sempre ebria e sequiosa,
 Deixar-te na abjecção murchar teus annos ,
 E achar pasmada as eãs, e ás eãs sem honra
 Ver unidos a dor, o tardo pejo ,
 O remorso , e o terror da hora incerta.

“ Este meu coração que me murmura ?
 Que quer elle ? que quer ? Murmure embora :
 Hoje tinha eu constancia para vel-a
 Entre os braços de barbara quadrilha
 Soffrer-lhe o amor brutal : vel-a amarrada
 Depois a um tronco : provocar-lhe nua
 Riso feróz e insultos ! Vira tudo !

Vira-o, sem descravar da terra a lança.

“ Que vento este tão tepido, tão froxo!
 Quem me dera tufões, tufões gelados,
 Grossa pedra em torrentes! talvez fosse
 Um refrigerio á dor, sentil-as novas.

“ Por terra e céu não vejo uma esperança
 De tormenta! Só nuvens inconstantes
 A lua assombração! Nunca mais te eu veja
 Bello astro, que meus olhos envenenas
 Com memorias saudosas de alvas noites,
 Em que nos viste unanimes! agora
 Mais negra que os negrimes que te affrontão,
 Quanta amargura ésta razão me apaga!
 Penas, amor, prazeres, odios soltos
 Dão-se aqui dentro bem cruel batalha!

“ Oxalá que este siso atormentado
 Me expirasse de todo! Eu que perdia
 Se fosse como féra unir-me ás féras?!
 Sim, mas aí da mulher que na floresta
 Passasse então! com que ancia entre estas garras
 Moia um coração! como o trineava!
 E Ignez! . . . Ignez, a barbara, veria
 Se a quem foi mais que irmão, que amante e esposo
 Se antepõe Menestreis, de mãos affeitas
 Mais ás cordas que á lança! E todavia
 Forão essas as mãos que se encantarão
 No que ás minhas vedei! que um apoz outro
 Me lião profanado virginaes thesoiros! — „
 Aqui morren-lhe a voz, serrou com força

Dentes e olhos; a fronte contrahida
 Se abateo; seus joelhos se apertarão;
 Rángo-lhe o peito co' o cruzar dos braços;
 Com tal furia os cruzou, que julgarias
 Que sentira uma serpe nas entranhas
 E ia afogal-a, ou que temendo a angustia
 Mais ampla ja que o seio que a continha,
 Para não rebentar o abrange e opprime.

Dão cinco horas; acorda em sobresalto:
 He noite: „ Durará perpetuamente
 Esta noite de outomno?! „ A alma de Henrique
 Caiu no abatimento; reclinou-se
 Na pedra o corpo: os olhos se-lhe-molhão;
 Suspira e diz — “ Deichemol-a. Finjamos.
 Que morreo, que jamais na terra a houve,
 Que nunca eu fui feliz, que a vida inteira
 Levei n'um sonho. Se adorava Adolfo,
 Viva, e estou bem vingado; se o detesta
 Como um traidor, se torna a amar-me, viva
 Para morrer cem vezes cada hora,
 Pensando em quem matou, que tanto a amava.
 Assim não se dirá que um Cavalleiro
 Ferisse uma infeliz: basta que eu morra.
 Se o mundo esquece para lá das campas
 Esta dor grande expirará comigo,
 Se não esquece, lá me irão sens gritos
 Onde quer que lá esteja. O meu cadaver
 Será já pó, e as lagrimas da ingrata
 Ir-mo-hão inda regar! hade ver sangue,

Sangue meu , transsudando d'essa terra ,
 Que ante ella hade bofir, porque a assassina
 Foi ella, armou-me o braço e deu-me o golpe,
 „ Eu quedo !... eu mudo !... eu prêso sob a terra !...
 E ella viva ! ... ella sôlta ! ... ella podendo
 Dar-se a quem lhe aprouver ! .. Ignez e Henrique
 Em dois mundos , e em meio o esquecimento ? ! ..
 Tem de morrer : é força. Iremos ambos.
 „ Que vingança me-aguarda ao fim dos tempos !
 Ai do opprimido que não crê na tuba
 Do Anjo acordador , e não appélla
 De seus tirannos para o livro eterno !
 Esse dia é preciso : ó minha sede ,
 Na confusão de Ignez fartar-te espero !
 „ Juraria ésta noite durar tanto
 Como a minha afflicção ? Pobre Fernando !
 Deos sabe quanto a custo eu vou deixar-te
 Na desesperação ! Foi teu destino
 Sobreviver-me em pranto duas vezes :
 Fosse a primeira certa , poupar-te-hia
 Bastante dor , bastante a mim ; deveu-se
 Chorar quando voltei , não quando acabo.
 Em que derão tão ledas esperanças
 De tão fraterna infancia ! Aos teus se ajuntem
 Anos e bens , que o céu me tolhe avaro. „ --
 Então pela alma escura lhe-acordarão
 Muitas saudades dos passados tempos.
 De Imperio, que passou , taes fallão restos
 Em sêcco areal dispersos : tal nos enche

Commoção, deparando em pátrio monte
 Co' as ruínas de antigo Paço ignoto
 De Castello Mourisco, ou templo grande,
 De Romanos votado a Nume incerto.
 Talvez de um terremoto sacudidos,
 Vergando, a terra horrisonos vierão!
 Reliquias são formosas, mas contristão
 Olhos que as vem sem nexo, alma que as sente
 De honra e vida privadas: entre as pedras
 Saudosas cresce o mato, alça silvando
 Ativo cóllo a serpe, e os lobos uivão
 Pela alta noite, como reis do sítio.

Quem pudesse a memoria escurecer-te,
 Misero cavalleiro? esse teu pranto,
 Bem que a saudade o exprima, é corrosivo;
 Dobra teu mal o mui feliz que foste.
 Não mais compares tempos: se é possível
 Restaura o lasso espirito com o fresco
 Destas auras macias, volitando
 Neste eco ainda noite, mas já limpo:
 Não sentes como as lagrimas te furtão
 Ou tas seccão piedosas? Nem só uma
 Ave ainda acordou, não luz no oriente
 Albor de novo dia: apenas voga
 Calada barca ao longe, pelas agoas
 Espelhadas reflecte a mei formosa
 Estrella d'alva á borda do horizonte,
 A rir á flor do lago. Nada sente
 Henrique, mergulhado em seus abismos.

Olhando o campo undoso, que de vezes
 Por dentro o coração se lhe apertára
 Para precipitar-se! que de vezes
 Tremeu do temerario pensamento!
 Deos sabe o que faria, se aura leve
 Não viesse os ouvidos distrair-lhe
 Com os sons quebrados de um descante ao longe!
 — „ Na terra muda e erma ainda ha quem folgue!
 Lhe-exclama o coração! „ e attento bebe
 A toada campestre. Semelhantes
 Ao festão lá tecido em longes terras
 Para um nimo de amor, que vive em parte,
 Em parte ja vem murcho, mas nas flores
 Languidas que inda restão, se adivinha
 Que foi de amor lindissima grinalda;
 Semelhantes a ella, alguns sons fracos
 Lhe chegão sós, mas doces! Quem não ama
 De um máo souho acordar a ouvir um canto?
 O infeliz alegrou-se um leve instante,
 Porque na alma atenuada, essa harmonia
 Lhe apagou tudo. Ai! se elle presumisse
 A tenção d'essa festa! era o descante
 Dos vassallos que a fama alvoroçára
 Do casamento co'a esperada nova.
 Deixão no patrio monte aldéas ermas,
 Misturão sexo e idade, e vem nas sombras
 As deseidas atroadas inundando.
 Graças mil á distancia, Henrique o ignora!
 Co' a duvidosa luz mal começavão

A clarejar os altos do nascente :
 Vem feril-o outro som da opposta margem...
 Este conhece-o elle , é da sineta
 Que á missa chama na alva capellinha
 Da Magdalena ; o tintinar agudo
 Ondula amor e céo pelo ar ao longe ,
 E filtra um como balsamo orvalhoso
 No coração chagado. A esp'rança é morta ;
 Mas revive a piedade , e bem que tarda
 Na borrasca int'rior ja luz bonança.
 Infeliz, tem de a ser em quanto viva,
 Assassino ja não: de Ignez a morte
 Não virá ja de mãos que se-ajuntarão
 A orar com tal fervor. Prolonga a vista
 Humida , ás nevoas do sabido oiteiro ,
 Ajoelha e exclama da abundancia da alma:
 — “ O' tu, a cujo altar ja n'outro tempo
 “ Tanta vez me prostrei , se te foi grato
 “ Meu animo fiél, meus dons acceitos ,
 “ No favor que te imploro em fim mo prova.
 “ O pranto abriu-te os céos, mova-te o pranto.
 “ Se lá póde haver lagrima , renova-as
 “ A bem de uma infeliz , como tu bella,
 “ Perdida como tu no ardor dos annos.
 “ Tu que por muito amar ganhaste a graça,
 “ Influe-lhe igual amor; seus passos rege
 “ Na árdua via dos céos , pelos espinhos
 “ Saudaveis da virtuosa penitencia ;
 “ Do mundo as illusões n'um ermo enterre

" Se é tempo, e eu morra em paz. Deos lhe perdoe,
 " Como eu perdão, quanto mal me ha feito,
 " E a salve, que a sua alma era bem digna.
 " Eis meus ultimos ais, meu rogo extremo!,-

Cala-se, e perturbado da alegria
 Da luz que medra, o envolve e acorda o valle,
 De tanta ave com cantico festivo
 Fendendo o céu, de tanta voz que avança
 De instrumentos ao som cantando em chusma,
 Desceu. Que não daria por fugir-lhe,
 Podendo, sem a ver! ha tanto absinthio
 No ultimo adeos!... o fogo oppresso he tanto!...
 Ignez tão infeliz, tão nova e meiga!...
 Demais, já foi tão barbaro com ella!...

Assim palpita: desce ao quarto, inclina
 O ouvido explorador, que nada bebe
 Mais que mudez soturna. Apressa-se, entra;
 Vê-as aos pés da cruz, com o rosto occulto,
 Submersas na oração. Estremecêrão
 De ouvir passos, entre-olhão-se, conhecem,
 Gritão, desmaião; jaz Leonor por terra,
 Ignez de Henrique em braços: n'esses braços
 Outro tempo tão seus, que por instincto
 Inda quasi que a apertão mollemente!
 De ambos os desditosos em fim correm
 As represadas lagrimas, arquejão
 Estes dois corações outra vez juntos.
 Já o beijo do perdão volteava a medo
 Nos ultrajados labios: quem podia

Ver a face de Ignez e crer n'um crime?
 Sentir odio ou furor, unindo-a ao peito?
 Hia . . . mas as reliquias espalhadas
 Viu da grinalda e cinto; as chagas fundas
 De todo o coração verterão sangue.
 Abre-a dos braços e começa— " Amei-te
 De mais talvez, de mais, e o Céu me pune.
 Não tenho que increpar, nem que exigir-te.
 Nada arguo nem peço: o que me importa
 He saber da tua alma. Esses encantos,
 Da ruina de tres funesta origem,
 São terra, a terra os deu, tem de ir-se á terra.
 Mas não assim o espirito: formoso
 Saiu de Deos, a Deos formoso o deves. ,,
 -- "O' Henrique! bradou de Orlando a filha,
 Se lesses aqui dentro o entenderias,
 Não te mereço a morte, e sei que intentas....
 Porque heide eu illudir-me? intentas dar-mal!
 Vê-me a teus pés, sósinha, sem defeza:
 Já não invoco os titulos do sangue,
 O jus do antigo amor, as leis severas,
 Que professaste, entrando Cavalleiro;
 A humanidade invoco, os Céos, os dias
 De um velho, que te amou, que por mim vive,
 E morrerá comigo. Odeio o mundo,
 Mas a morte me aterra. Tu conheces
 Esse mosteiro austero, povoado
 Peñas filhas de Bento, e as leis e os bosques,
 Que as separão do resto do universo.

Desde que para mim te cri perdido,
 Affiz-me ao nome seu, ganhei-lhe affecto.
 Dá-me que ali meus dias se deslizem
 Só contados por Deos, que amadureção
 Meus annos para o Céu na paz do ermo.
 Se meu pai resistio á minha instancia,
 Vem, reforça-a com a tua: combatamos
 Com supplicas, com ais seu brando affecto:
 Obrigo-me a vencêl-o, e euste embora,
 Dar-me-ha como uma graça o meu desterro.
 Dir-me-has que protestaste a minha morte:
 Como! um perpétuo adeos aos meus e ao mundo,
 Não merece este nome? e se não queres
 Que me alumie o sol que te alumia,
 Cedo os meus males cumprirão teu gosto... --
 Henrique então: -- "Meu voto está e'roado.
 Não me entendeste, eu não pedi teu sangue.
 Apraz-me o que propões: quero ir eu mesmo
 Ao teu voto assistir, ver essa trança
 Cair-te aos pés cortada, olhar-te envolta
 Na mortalha entre os canticos da tumba,
 Juntar com a tua a minha despedida
 Aos prazeres e ao mundo, e ouvir tremendo
 O estrondo dos portões inexoraveis,
 Apoz o entrar fechados para sempre...
 Não importa: acharás serenidade,
 E eu descanso talvez: se delirámos,
 A razão vem com o tempo; estarás livre
 De seducções, extincta para a terra,

Ten próprio nome extinto. Este segredo
 Da nossa historia negra aqui se enterre:
 Mais int'ressa que á tua, á minha gloria.
 Vai pois, vai ser feliz, se inda he possível;
 Quanto a mim, Deos me ampare de mim mesmo,
 N'este mundo, mais ermo que o teu ermo.
 Vem, busquemos o Conde. .. - Vão-se mudos
 Ao remoto aposento, onde pernoita.
 Ao primeiro raiar tinha ido ao templo,
 Lhes disse um servo, e não tornára ainda.

La vão: precede Henrique os vacillantes
 Passos de Ignez, que o pranto engole e o segue.
 Ver para nunca mais o que em mil annos
 Viverá na saudade! olhar fugindo
 A casa paternal, o chão da infancia,
 E aquelles moveis mesmos, testemunhas
 De tanto gosto e dor, de tanta vida! . . .
 Bronzeo que fosse um rosto achára pranto.

Entrão no templo: um féretro enlutado
 Feriu primeiro a dama, e logo ao lume
 Das tocheiras nos angulos accesas,
 Viu sangue, viu Adolfo! . . . arranca um grito,
 Voa, abraça-se a elle, e jaz immovel.

No espectaculo atroz estuando Henrique,
 Arrebata-a, com ella ao velho corre,
 Que a encontra-a corria atropellando
 Os pés senis. Leonor que o busca em brados,
 Entra e a cerca de amor. O ancião e a serva
 Nos braços fracos a sustentão fraca,

Sob as trevas da abobada, no meio
 Das consternadas aras, ante o aspecto
 Daquelle eterno Henrique -- "He vinda a hora
 Propicia, ali tens teu pai, teu pai te abraça,
 Pedc-lhe o ermo, cumprirá tens votos.

-- " Que hei de eu pedir? exclama Ignez! vingança
 Vingança contra um perfido assassino!
 Aquelle sangue a brada, aos Céos a imploro
 Como ultimo favor. Vihora negra,
 Vinda do inferno a empeçonhar a terra,
 Profana os olhos meus co'os restos mortos
 Do que amei, do que adoro mais que nunca,
 Os de um pai com uma filha delirante,
 Com teu aspecto hediondo estes altares!
 Mas por estes altares, pelas auencias
 Que embebes n'este velho, pelos sustos
 D'essa infeliz, pelos meus proprios transes,
 E' inala mais por um sangue cavalleiro,
 Que á taição derramaste, aqui te voto
 Odio maior que todo o amor antigo!
 Para arrancar-me a vida que detesto,
 Que hesitas? queres mais?! precisas ver-me
 Cingir sobre este seio o esposo extineto?... ..
 Aqui morreu-lhe a voz n'um grito agudo,
 E o pé já para o féretro voltado,
 Den a passada extrema n'um relance
 Viu luzir o punhal na mão de Henrique,
 Descer o golpe, traspassar-lhe o seio,
 Que arroja em borbotões o sangue e a vida.

-- Viva Ignez! Viva Adolfo! Ao Templo! A' festa.
 Soa de toda a parte. O chão retreme
 Co'o tropel tumultuoso, que lá chega
 Com toda a pompa rustica: já largo
 Se espraia o céo de musicas, de versos:
 Já vem a dança, os mascarados, as c'roas,
 Os arcos de verdura, as mil off'endas.
 Já da primeira turba os passos trilhão
 O limiar ovantes! Como o raio
 Que atravessa um jardim cegando as flores,
 Voa fendendo o attonito tumulto
 O assassino com os olhos espantados,
 Eriçado o cabello, as mãos em sangue!
 Mas que sangue esparsiu?! quem era este homem?
 Quem lhe viu as feições? que fez no templo?
 Ninguem o adivinhára. E qual vereda
 Tomou? porque razão não foi seguido?
 Elle!! e quem ousaria ir-lhe no alcauce,
 Nem encaral-o em face?! era terrível,
 Terrível seu olhar, mais de fantasma
 Que de homem vivo! E aquelle todo, e a fuga!
 Era Lushel dos céos precipitado
 Ante a espada do Archaujo, entre coriscos.
 Passou, sumio-se o horrendo meteóro,
 Mas o estrago ali jaz! Todo o Castello
 Negreja em dôr e em luto: a torre atroa
 Chorosa este ar choroso, entre as pesadas
 Antífonas de dôr, austeros Psalmos.
 O altar que ia sorrir, enviando ao mundo

Mais um par venturoso, assiste ás preces,
 Com que a religião conjura os Anjos
 Que á alma solta acudão, conduzindo-a
 Ao conspecto do Altissimo. Já graças,
 Virtude, esp'rança, amor, audacia, brio,
 N'uma só hora aos olhos desaparecem,
 Aos olhos, que inda á cora debruçados,
 Vão dar-lhe o ultimo adeus, beber curiosos
 Toda a lição da morte, e horror da campa.

Paz áquelles que opprime a ferrea noite!
 Paz a seus restos! Quem dissera o mesmo
 Com supplica efficaz a bem de um velho
 Orfão de tanto amor, e pai sem filhos!
 Pela vida espinhosa, ir-se-hão desde hoje
 Semimortas, e soltas arrastando
 Suas horas eternas: taes da serpe
 Que em ocio ao sol dormia, e foi talhada
 De inopinado ferro em mão raivosa,
 Languídos, palpitantes, desvairados
 Os miserandos membros se procurão
 Sem nunca mais se unir no chão das sarças.
 Quem, senão elle, saberá quacs noites
 Lhe curtiu a amargura entre os fantasmas
 Do somno inquieto emáo! Quem, senão elle,
 Soube jámais o fundo ao sentimento
 Com que os dias levava, ora abraçado
 Ao altar, ora á campa, ora perdido
 Solitario nos bosques solitarios,
 Já meio nus, e pallidos do outomno!

Ai! que vezes mais pallido do que elles,
 A calva fronte oppressa reclinava
 De Leonor no regaço, e lhe pedia
 Algum dito de Ignez, uma lembrança
 Do seu genio benefico, um saudoso
 Cantar dos seus, cantar entre soluços
 Mal ordido, escutado entre soluços:
 E cedendo á illusão de voz, de idade,
 A abraçava gritando -- " Oh! minha filha!
 Filha! querida filha, não me fujas:
 Não me deixes na terra, ou vou contigo! ",
 Miseros! eis seu bem! carpir-se juntos
 E apascentar a dor nos sitios d'ella!

Mas d'outra sorte aprouve a Dees! Ouviu-se...

(Era uma antemanhã chuvosa, escura;
 A' hora em que mais fundo impera o somno)
 Ouviu-se horrendo grito, unico, estranho!
 Dondo? de quem? porque? ninguem o soube.
 E viu-se após, o Conde mal sustendo
 Na mão trémula a alampada nocturna,
 Suado, a pino as cãs, o andar incerto,
 Amarello, qual vindo do outro mundo,
 Correr com surda voz chamando á fuga.
 Já do Paço Feudal o espólio immenso,
 E a turba toda attonita, demandão
 Do lago verde-negro a opposta margem.
 Adeos eterno aos muros do Castello,
 Aos seculos de gloria, ás mil saudades
 Impressas por todo elle! Aspecto humano

Humana voz morrerão-lhe! silencio,
 Solidão e terror vão de ora ávante
 Ser da ponte, em vão baixa, e abertas portas,
 Únicas, invisíveis sentinellas!
 Do tã nocturno o atreador latido
 Não irá mais nas salas espaçosas
 Acordar um só echo; esse relógio
 Que inda numéra as horas da viagem,
 Vai deixar livre o tempo que adormeça
 Sobre o alto cume das marmóreas pompas,
 Que o peso estragador lhe irão sentindo.
 Da antiga, illustre, extinta Dynastia
 A residencia inteira se abandona
 Aos passaros da noite, ás plantas bravas.

A razão soube-a Orlando, e se elle a disse
 Foi talvez a Leonor, que surda a preces
 Jámais a não contou. O que foi certo,
 Foi que todo esse outomno e todo o inverno,
 Se via divagar nas horas mortas,
 Uma luz no Castello. O Conde e os servos
 Tremendo a olhárão da fronteira riba:
 Das aldêas do monte os moradores
 Derão a mesma fé. Correu boato
 Que era a sombra de Ignez, ou que era Henrique
 Vivo ou morto, que uivava no Castello.
 Contava-se tambem que uns ais soavão
 Na galeria e templo. Um veterano,
 Costumado a affrontar sem medo a morte,
 Curioso do prodigio, e á visinhança

Querendo dar socego, e obter mais fama,
 Baldando dissuações, instancias, choros,
 Só das armas e audacia acompanhado,
 Quiz ir lá pernoitar; foi: mas á volta
 Ninguem o conheceu! horas tão poucas
 Lhe tinham dado aspecto de cadaver,
 E encanecida fronte. O que elle ha visto,
 Ou perdeu a memoria ou juramento
 Fez de eterno segredo, inda é mysterio.

FIM DA NOITE DO CASTELLO,

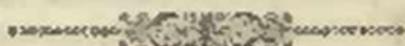
*Residencia Parochial de S. Mamede da
 Castanheira do Vouga 4 de Junho de 1830.*

The first part of the book is devoted to a general
 introduction of the subject, and to a description of the
 various methods which have been employed for the
 purpose of determining the true value of the
 different quantities which enter into the
 calculation. The second part is devoted to a
 detailed description of the various methods which
 have been employed for the purpose of
 determining the true value of the different
 quantities which enter into the calculation.
 The third part is devoted to a description of the
 various methods which have been employed for
 the purpose of determining the true value of
 the different quantities which enter into the
 calculation. The fourth part is devoted to a
 description of the various methods which have
 been employed for the purpose of determining
 the true value of the different quantities
 which enter into the calculation. The fifth
 part is devoted to a description of the
 various methods which have been employed
 for the purpose of determining the true
 value of the different quantities which enter
 into the calculation. The sixth part is
 devoted to a description of the various
 methods which have been employed for the
 purpose of determining the true value of
 the different quantities which enter into
 the calculation. The seventh part is
 devoted to a description of the various
 methods which have been employed for the
 purpose of determining the true value of
 the different quantities which enter into
 the calculation. The eighth part is
 devoted to a description of the various
 methods which have been employed for the
 purpose of determining the true value of
 the different quantities which enter into
 the calculation. The ninth part is
 devoted to a description of the various
 methods which have been employed for the
 purpose of determining the true value of
 the different quantities which enter into
 the calculation. The tenth part is
 devoted to a description of the various
 methods which have been employed for the
 purpose of determining the true value of
 the different quantities which enter into
 the calculation.

REPAROS

A cerca da invenção

DA NOITE DO CASTELLO.



De todas as presumpções vãs, qual mais vã que a de um poeta que se préza hoje de originalidade? Muita cousa haverá nova debaixo do sol, mas tantas são as de que já alguém por esse mundo tem tomado posse, que nem ha estudo que as abranja, nem memoria aonde tal deposito coubesse. Diz-se e he verdade, que os campos da fantasia não tem horisonte conhecido: succede eomtudo a quem por elles corre, por mais só que emprefenda ir, por mais transviados e virgens caminhos que julgue romper, encontrar sempre aqui ou acolá vestigios de outrem, antigos ou modernos, mais ou menos signalados.

Para a experiencia dos poetas e mais authores de litteratura appello agora; elles que digão que de vezes não deparão em livros que não havião lido, com as suas proprias idéas, com aquellas mesmas que mais lidadamente havião produzido, que tinham por mais reconditas, e de que mais sua vaidade se pagava. Na escolla classica, dizem os modernos, já não resoavão senão echos de echos: pois na romantica, apesar de tão recente ainda, parece-me que já tambem quasi tudo que se crê ver são refle-

xos de reflexos: e se me he licito em cousa em que me dou por mui pouco sabido, aventurar minha opinião, para mim tenbo que á mina romantica muito mais cedo se hade ver o fundo do que se ja vio á classica. Os que não gastão sua vida no officio de escrever são sempre prestes a taxar de roubo todo o pensamento que de outro deu ares, se esse outro logrou a boa estrêa de vir um dia mais cedo a lume. Não ja assim os que por uso escrevem, que muitas vezes antes de terem publicado, nem sequer mostrado suas obras, veem o seu thesoiro intellectual a brilhar por alheas mãos: e d'onde aguardavão os applausos da descoberta, só veem atirar as apupadas da gralha entre os pavões. Pela minha parte confesso que este desar e infortunio, se em cousas taes cabe esse nome, muito póde comigo, e tamanho dissabor me dá o encontrar até a mais leve parte de meus ineditos desbaratada em impressos de poetas, a quem eu tão pouco conhecia como elles a mim, que ja da poetica de Horacio risquei, por damnoso e traidor, o preceito de arrecadar e corrigir, quando menos por nove annos, os Poemas. Inventai e escrevei hoje, imprimi d'aquí a nove annos, e vos dou minha palavra de experimentado, que o Poema, que da vossa penna saio original, sairá do prelo traducção.

Um dos maiores pasmos que jamais em minha vida senti, foi depois de ter creado, executado e levado ao fim a Noite do Castello em 1830, ir encontrar a sua idea fundamental em uma ballada que pela primeira vez ouvi no Porto em março de 1834. Recitava eu o Poe-

ma ao meu bom Amigo Alexandre Herculano de Carvalho, môgo no qual não sei se mais he para admirar sua ja copiosissima erudição, se a grandeza de seu poetico ingenho, quando este me interrompe e me pergunta se por ventura tomei por assunto a Ballada Inglesza de *Affonso e Isolima* (*)? Respondi-lhe que nem sequer jamais tivera d'ella noticia. Então ma repetio, por elle vertida em quadras: e segunda e terceira vez o fez, sem que eu pudesse alcançar como em tão singular ponto do espaço infinito eu e *Lewis* (§) Author da Ballada, nos houvessemos encontrado. Quanta metaphisica revol vemos pa-

(*) A Ballada acha-la-ha o Leitor no fim d'esta prosa.

(§) *Lewis* forma na Litteratura Inglesza com *Radclyffe* e *Godwin* a escola dos romancistas, a que podemos chamar horribili-metaphisicos — O *Monk* he o romance (em prosa) em que vem inserido o *romance* (como chama João de Barros a estes pequenos contos populares em verso) de *Alonso and Imogen*. *Lewis* parece ter usado n'este pequeno poema um novo genero de versos de sua invenção segundo diz *Coleridge*. No meu entender o *Monk* he hum romance que nada vale e que ninguem hoje leria se não fosse o terror que inspira, sentimento que o homem procura por uma tendencia semelhante a da mariposa que proenra a luz que a destrôe. N'esta opinião que eu tinha accrea de *Lewis* fui ha pouco tempo confirmado pelo meu Amigo *E. Quillinan* (author do *Dunluce Castle*) que me disse tal era a opinião actual dos Litteratos Ingleses — (Extracto de huma Carta que em data de 1 de Novembro de 1835 me escreveo o meu Amigo Alexandre Herculano de Carvalho.)

ra solução de tão curioso problema, tanta desperdigámos: até que a final, não podendo eu negar a *Leois* a preferencia de idade, nem dissimular que o Poema viuha quasi tão contido na *Ballada* como uma arvore na sua sementinha, tomei por melhor partido suppôr que ja em alguma outra parte e ha largos annos, devia eu de ter ouvido ou a propria *Ballada*, ou alguma relação d'ella, e que apagando-se-me com o tempo o mais d'aquellas memorias, aconteceria que alguma sua amortecida idea se me apresentasse tão despida de accessorios de nomes e lugares, que pudesse parecer creação espontanea da fantasia, a qual julgando desenvolver aquelle primeiro germen, pouco mais fizera (o que ja então não era difficil) do que avivar algumas outras ideas associadas: e eis aqui como ás vezes o innocente se vê tão completamente enredado em apparencias de criminoso, que elle proprio começa de si a desconfiar!

Comtudo, se novamente me ponho a bem confrontar, e de espaço, estas duas tão parecidas invenções, e me recorde de que maneira a minha a fui eu fabricando vagarosamente, parte por parte, e entre o edificar mudando a miudo o proprio desenho do edificio, cobardia me parece que para arredar de mim uma suspeita desmerecida, revalide com o meu consento uma accusação que sei me não assenta: e vejamos se com pouco exame e reflexão, posso inclinar para a verdade os juizos torcidos pelas primeiras apparencias.

O fundamento commum dos dous Poemas he hum voto de perpetua constancia amo-



rosa em vida e morte. Certo que até aqui nem eu nem *Lewis* inventámos cousa alguma, e nem seria facil averiguar quem fosse o creador de taes protestos que sempre e em todos os amores se fizerão, ainda que raro e em bem poucas partes se hajão visto cumprir. Considerei eu, e considerou *Lewis*, e outro qualquer consideraria, que o quebrantamento de tão solemnes promessas era a maior offensa que a um amante podia ser feita: e que se o amante assim trahido pudesse achar modo de se vingar, não deixaria de com todas suas forças o pôr por obra; e um exemplo d'essa tarda, inutil, mas muito natural vingança, foi o que a ambos nós nos occorreu escrever. Necessario era pois que em uma e outra parte apparecesse um par de amantes bem amantes, votando-se mutua e perpetua fidelidade, que depois sobrevindo a ausencia, ou elle ou ella, preferindo o presente ao passado e ao futuro, caísse na fragilidade de deixar ir o coração para onde o chamassem caricias. Para ellas atirámos o peccado da inconstancia, não porque n'ellas melhor caiba do que em nós, antes bem do contrario me persuado eu, mas porque enfim enquanto o homem for pintor sempre o leão liade ficar debaixo. Cada um de nós poz por tanto em segunda mão a sua heroína, sem que para isso houvesse necessidade de copiar nada de ninguém. Seguindo o progresso usual das cousas, indo crescendo os segundos amores das nossas heroínas, devião chegar ao seu zenith, isto he ao consorcio, e isso se fez. A cortezia de todo o poeta que não fosse selvagem, requeria tambem que

para honra da Dama se houvesse de dar toda a possível desculpa ao seu perjúrio, a qual não podia ser outra senão a certeza de ter morrido o a quem de primeiro se obrigára, e essa cortezia ambos a tivemos. Importava que os offendidosolvessem á scena, quando menos esperados, a fazer o desenlace e a punir as ingratas, fim unico moral em que ambos nós pozéramos o olho. A occasião d'este repentino apparecimento não devia ser outra senão a epoca do noivado, porque então era que o crime se achava maduro para ser collido pela mão vingativa do ciúme, e ainda não consummado para não lançar no justo do castigo uma noção maior de atrocidade: apparecem pois no Poema e na Ballada os terriveis impedimentos quasi á hora da união. D'aquí por diante tudo he diverso. Affonso que de véras tinha morrido, apparece fantasma e leva consigo para o outro mundo a sua traidora em corpo e alma, deixando vivo o Infangão seu rival; Henrique volta vivo, e sobre o cadaver do competidor feliz dá morte á sua amada. Até aqui, parece-me, não ha encontro alguma que por uma derivação successiva e necessaria de idéas se não explique sufficientissimamente. O que um pouco mais embaraço poderia causar he a coincidência não de serem formosissimas ambas as Damas, que essa he condigão infallivel em poemas e novellas, nem tão pouco de serem ambas senhoras de alta linhagem, pois que a poetica ainda se não tem dignado de authorizar a tragedia plebea, podem sim a coincidência de serem ambos os deus, Henrique e Affonso, cavalleiros do tempo

das cruzadas, e ausentarem-se um e outro para a Palestina. Esta mesma já me não maravilha; empreendendo-se escrever um Poema romantico, vem forçosamente a idade media apresentar-se á imaginação, como aquella a quem só cabe o nome de romantica. Com as ideas essenciaes da idade media vem tambem forçosamente a das guerras nos lugares sanctos; e querendo-se um heroe d'esses tempos e havendo precisão de o pôr por largo espaço longe de sua terra, nada he mais obvio e nenhuma invenção merece menos o nome de invenção, que a de o mandar peleijar com os infieis ácerca do Sancto Sepulchro.

Temo que me arguão de que em assumpto de meu particular interesse tanto detenha aqui os meus Leitores, mas ao mesmo tempo entendendo que no ventilar esta questão alguma outra levanto geral, cujo exame e decisão não serião inuteis para a theoria ideologica da Litteratura. E de mais, por pouquissima que seja a vantagem que se pôde seguir do que n'este livrinho conversarmos em e meus Leitores, sempre eu deo que mais vale detemo-nos por algum espaço n'estas innocentes disputas litterarias, do que trazer sempre o espirito nos tratos da politica, de que tão pouco se sabe e tanto se falla; e assim continuemos ainda a tratar de invenção.

As *Bodas do Conde Rizzari*, que adeante vão estampadas, tem tambem sua tanta ou quanta semelhança, posto que muito mais remota, com a *Noite do Castello*. Conviria investigar se andou ahí alguma cousa mais do que méro

e muito possível acaso; muito fiz por isso, mas nada obtive. Esse quadro, não sem formosura, ainda que alias fraco e diffuzo em muitas partes, ahí appareceu pela primeira vez no Jornal Francez *Voltigeur* N.º 21 de 19 d'Abril de 1835, sob o titulo de *Historia Siciliana*. Os Redactores declararão no seu N.º 22 do dia 22 do mesmo mez e anno, haverem-no copiado do Jornal de Pariz *Le Temps* N.º 1582 — 16 de Fevereiro 1834: o qual o tirára de outro Jornal tambem Francez *Le Métropolitain*. Se de feito as *Bodas do Conde Rizzari* são uma historia, se as cousas apezar da inverosimilhança, se passãõ circumstanciadamente como se ali referem, o de que ninguem até hoje me zoubes dar a minima nova, claro está que o seu author, quem quer que seja, nada me deve. Se porem o todo ou a maior parte he ficção, e se essa Folha do *Metropolitano*, com que não pude deparar, he posterior ao anno de 1830, bem pôde ser que antes do author da chamada *Historia Siciliana* a ter escripta, houvesse conhecimento da *Noite do Castello*, de que ja então corrião copias em Pariz, por mãos de alguns meus Amigos, sendo até datada de anno de 1830 a carta com que á cerca do tal Poema me mimoseou o Senhor Briccolani. Que o citado N.º do *Metropolitano* não fosse antigo quando d'elle o *Tempo* extrahia um artigo, cousa me parece quasi certa, pois que um Jornal como o *Tempo* não usa de se sustentar com o facilrabusco de antigos periodicos. Como quer que seja, o exame das datas, que de certo ninguem fará, nem eu mesmo,

provaria irrefragavelmente que, se aqui andou algum plagiato, não fui eu quem o cometteu.

Para rematar esta já longa defeza com um documento de minha sinceridade, vou dizer o pouquissimo que sei e me lembra sobre a maneira como este Poema foi engeadrado. Não he este uso de Poetas, e com razão o não he, que se todos tivessem a demaziada franqueza de dar a seus leitores conta do como fabricáram cada obra, muitas vezes lá onde mais os admirão por sublimes e inventores, os virião a achar pobres e ridiculos. Que de vezes para um ingenho fecundo não he somente dos mais opulentos ramos o objecto mais trivial, o dito mais insignificante, e não raro o desacerto mais rematado! Já se disse que nenhum heroe o era aos olhos do criado que em seu quarto o serve; a dama que mais triunfa pelas salas e bailes não hade ser vista nas cangadas horas em que se prepara ao toucador; a comedia mais saborosa de ver e ouvir perde metade de sua graça para quem a ouve e vê pelo avesso dos bastidores; e rematado um edificio, o primeiro disvelo de seu dono he fazer desapparecer d'elle os andaimes e instrumentos. Assim são as laboriosas edificações do ingenho; e quem houvesse sido amanuense e confidente de Virgilio, não entenderia o porque tanto nos maravilha. Eis aqui vou eu agora, depois de ter mostrado a minha Noite do Castello, descobrir aos circunstantes parte dos meios com que produzi aquellas illusões opticas, os vidriuhos pintados, e o mesquinho coto da minha alanterna magica.

Passeava eu por um jardim em Lisboa no fim de março do anno de 1830, poucos dias depois de ter ouvido ler o primeiro tomo do *Fantasma profeta* de Schiller. Passeava sózinho ruminando um soneto que me haviam encommendado de queixumes e talvez imprecacões contra uma perjura. Era ao cerrar da noite, de uma janella sobranceira vinhão sons de piano, o meu espirito estava mui bem n'aquella solidão, quando nas baflagens quebadas da viração se começarão de ouvir uns sinos que ao longe tocavão a defuntos. Esses poucos elementos, e quasi todos pelo só acaso deparados e juntos, sympathisavão uns com os outros, e todos com a corrente que então levavão minhas ideas: e pois que me elles mesmos procuravão, de mais não tratei senão do modo por que faria um vinculo para prender estas diversas flores do meu passeio em um ramo convertado, e se possível fosse duradouro; e o primeiro embrião do Poema se achou concebido. Que leituras ou que outras circumstancias d'ahi para deante o desenvolverão e ampliãrão até sua cabal formação, nem o sei nem já isso importaria a ninguem; e porque he razão irmos já poudo em terra a proa, direi sobre a Invenção em geral duas palavras por despedida.

Parece-me que bem poucos serão os casos em que o estro tire de sua propria substancia as artificiosas cousas que produz. He quasi sempre a caprichosa fortuna quem por alguma via nos atira aos sentidos os objectos, cujas imagens depois aproximadas na imaginação do

porta, o convidão, como materiaes já reunidos, para d'ellas se servir em suas edificações. D'estes ajuntamentos de imagens recentes pelas quaes muitas vezes se nos despertão outras mais antigas, de todos estes ajuntamentos digo, muitos são inteiramente incoherentes, e esses tão prestes os rejeitamos, que nem leve consciencia d'elles nos fica. Outros, ainda que não de todo incompatíveis, tem comtudo mui pouca afinidade, e a facilidade de os conhecer e rejeitar constitue o que chamamos bom gosto. Outros enfim, com tanta força ou graça se adaptão, que o toma-los assim como vem casados, e compor-lhes digna roda e sequito se ha por muito grande felicidade de ingenho. Por aqui vem, que para que se consiga o que se chama inventar, nada contribue tanto como recheiar a fantasia já com a leitura, já com o variado traecto do mundo e formosuras da natureza. Tem todavia cada uma d'estas cousas seu desconto: a leitura tenta-nos nos furtos: e he o estudo dos homens e cousas póstas fora de nós, longo de si, cheio de confuzões e aborrimto, e tão azado para nos inspirar como para nos apagar a inspiração e dissipar-nos a alma pelos gostos das cousas frivolas e de nenhum proveito. O que por tanto melhor se hade fazer, he temperar um pelo outro: a solidão reflexiva da leitura com o bolicio e scenas move-digas de fora, e a agitação de fora com o remanso dos livros em que mais houvermos póstos nossos amores. Mas não se poderia idear algum meio artificial, por onde estas duplices vantagens se conseguissem reunidas e sem cus-

to? um meio de forgarmos todas as cousas do universo a virem procurar-nos em nossa camara, e variarem aos nossos olhos, e velocissimamente, todas suas possíveis combinações até as mais raras e disparatadas? siu existè: e com quanto a muitos haja elle de parecer ridiculo, zhi vai sem preambulos nem venias; proveu-no e talvez o dem por bom. Nome de *Cérebro artificial* lhe pôz seu Inventor (*) e com razão, por que esta machina não só se occupa de representar todas as ideas do universo, mas nos fórra o trabalho de as associar por todas as maneiras, submettendo-as á authoridade do nosso juizo, unico dote que lhe fallece, por não ser possível metter juizo em uma machina. Lançai em uma urna um grande numero de sortes, em cada uma das quaes se haja escripto o nome de uma cousa natural ou artificial, que pela

(*) Todas as mais maravilhosas cousas tem tido pequeno e rinde principio. Esta fonte de invenção que aponto, poderá ser ainda para o futuro e em mãos de mestre, origem de algum methodo amplo e mui util; pelo que me compraso de deixar memorado o nome de quem produzio ésta preciosa idea, a qual todavia nunca elle deu importancia, não querendo sequer que para mais valosse que para invenções narrativas, e em particular do genero dos contos orientaes, ou dos poemas de cavallerias, taes como os de Ariosto, e Fortígnerra. He a meu irmão Augusto Frederico de Castilho que devo, entre outros achados litterarios, este, do qual não sei porque razão me não tenho aproveitado, mas que nas tentativas praticas que d'elle fizemos, achei ser do grande socorro.

sua indole tenha bom cabimento no genero de Poesia a que mais vos afeiçoão vosso genio e estudo. Estes muitos nomes, quando a reflexão vo-los não suggerir ou a contemplação do mundo, subministrat-vo-los-ha a leitura de exemplares analogos. Revolvei ás sortes e tirai, procurando pôr entre as diferentes imagens que vos forem surgindo, o melhor nexo que poderdes. Pasmareis de ver como o acaso, só ajudado d'uma pouca fantasia vossa (sem a qual em vão tentaríeis ser poeta) vos offerece taes riquezas de originalidade, como talvez por nenhuma outra via chegaríeis a encontrar. Dirão que os partos d'esta urna menos vezes serão achados para aproveitar, que desacertos para rir. Não o nego, mas que mal vos faz o rir? e pelo contrario, esses thesoiros que a rir achareis de longe em longe, apreciá-los-heis por mui boa riqueza; e porei uma comparação, ainda que de não subido objecto a tire. Esses chamados oculos multiplicadores, os quaes com só sacudi-los e alterar a disposição das pedrinhas de diversas cores que andão lá dentro, vos amostrão figuras eternamente variadas, são poderosissimo subsídio para as imaginações exaustas dos estampadores de télas; nem todas suas vistas os contentão, mas com todas se divertem, até vir a que mais agradavelmente lhes encha os olhos. Ao menos n'esta loteria do Cerebro artificial as entradas são gratuitas, as sortes pretas valiosas, e ainda as brancas pela maior parte vos divertem. Repito que, porque esta proposta he nova e parece extravagante, a não

engente cada qual sem a experimentar. Porque não haverá uma *arte de invenção* assim como ha outra *de memoria* (a)? e se por meios mui-

(a) O fazer leve menção do que acerca da arte da memoria sabemos, não dirá muito com a materia especial que levamos tratada, mas não lhe repugna tanto, que muito bem não caiba em uma nota, que os curiosos de letras se não desdenharão de ler.

Em que lugares e tempos do mundo apparecesse a primeira traça de tal methodo, cujos fundamentos comtudo jazem em uma propensão natural a todos, cousa he que ninguem poderá affirmar. Volta de dous mil annos ha que

O Poeta Simonides fallando

Co' o Capitam Themistocles um dia,
Em cousas de sciencia praticando ;

Hum' arte singular lhe promettia,
Que então compun'ra, com que lhe ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia;

Onde tão sublis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.

Bem increcia, certo, fama e gloria,
Quem dava regras contra o esquecimento
Que sepulta qualquer antiga historia.

Esta arte de Simonides foi sempre depois aconselhada e recommendada por bons ingenhos, Aristoteles, Platão, Cicero, Quintiliano, S. Thomas, Leibnitz e varios outros: o que já por si bastaria para resposta aos desasiados que sem a conhecerem a escarnecem. Em todos os seculos tem ella sido por filoso-

tas vezes exquisitos e até jocosos, conseguimos decorar em uma hora o que em um anno não

fos levantada do esquecimento e de novo enterrada no desprezo pela ignorancia, impostura e má cobiça dos que a tomárão menos por assumpto de ensino do que por mercancia e trafico vergonhoso. Havião-na os Philosophos como chave a quasi todas as portas do alcacer das sciencias: havião-na os corretores de ingenho e bellorinheiros da litteraria republica como gazúa para abrir os cofres dos curiosos e enriquecer-se. Quem bem reparar em que passão de quinhentos em numero os escriptos sobre taes doutrinas, entenderá facilmente quão erectoras seião de apreço, estudo e adopção.

O principio grandemente filosofico em que esta arte estriba, na filiação das ideas está posto e na potencia imaginativa; substitue o mnemónico a noções simplicies outras noções variadas, que vem a ser os instrumentos e meios mecanicos de sua artificiosissima industria: envolve e conserva o que ignora dentro no que sabe: as ideas abstractas e descarnadas, e para que assim o digamos volateis, se llic transformão em positivas, sensiveis e faceis de gravar, assim como em um oleo se imbebe, prende e para largos annos se conserva o cheiro e fugitivo espirito das flores. A memoria, faculdade de seu natural quasi mecanica, remonta-se mais alta e cresce arrimada ao juizo, do qual o mnemónico mãe e filha a póde a um tempo chamar. Ao mnemónico pozerão nome os sabedores *omnidico*. As mais subidas leis do entendimen-

podéramos aprender, porque razão despresai-

to, e seus extravios mais desordenados, tem igual applicação pratica e bom prestimo nas confeições mnemónicas — A simplificação das sciencias, e especialmente da sua linguagem, he o passo mais alentado que ellas sabem dar para se irem á perfeição.

Outra cousa não he a mnemónica senão a algebra da memoria. Sendo a memoria rapida como o pensamento cuja ella se faz traductora, um oceano de ideas se entremette muitas vezes do primeiro ao quarto termo de suas proporções; essa associação de ideas he o seu fio. O fructo caindo da arvore de Newton lhe revela a gravidade; generalissima lei do universo era essa, mas discorrião longos estadios de raciocinios desde lá da grande lei até cá no tão pequenino exemplo, que pela primeira vez se encontráram fronte a fronte e maravilhosos, na alma de Newton — A muita simplicidade a que já hoje esta arte ou sciencia mnemónica he chegada, abre e franqueia ao estudo amplidão de campo sem horizonte para além das antigas metas, e concede ás retentivas mais tardas e rebeldes, varinha para tamanhos prodigios, como nunca as mais felizes os fizeram. Atirai agora lá com decifrar-me a razão porque sendo tão curta a vida, n'ella curtissimo o quinhão para os estudos, pouco o que o homem sabe, infinito o que ignorará sempre, sem numero o que importára que soubesse, se de-pré-ão meios que suavizão e abreviã o caminho, estradas de ferro e car-

riamos com tão leve fundamento a receita de crear com facilidade novos quadros?

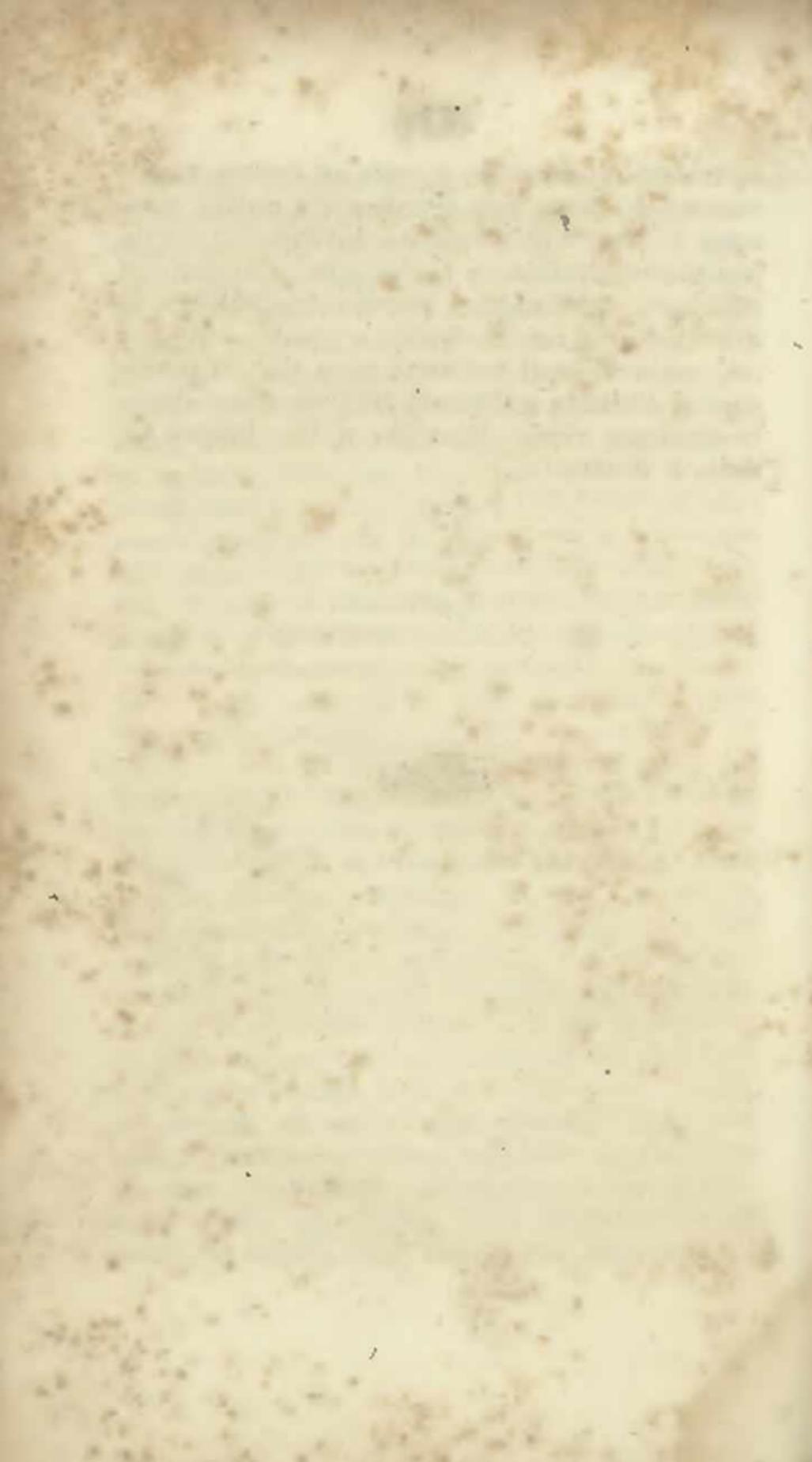
rungens de vapor para a intelligencia? Prejuizos, interesses, inercia? Tudo tem concorrido, mas n'este caso especial outros motivos houve, cujos principaes eu deo que a dous se hão de reduzir: culpados apóstolos da mnemónica, e falta de necessarios elementos. Quanto a esta segunda parte, em consequencia de um laborioso Dictionario Mnemónico Francez por meus Irmãos Alexandre Magno de Castilho, e José Feliciano de Castilho, mais aplanadas andão, senão de todo destruidas, as principaes difficuldades. Ninguem fez jamais tamanho damno á mnemónica como os proprios seus professores n'este nosso tempo. Feinaigle, a quem muito ella deve, requeria dos discipulos espantosos juramentos de segredo, com o que mui ruim fama deitou da sciencia, a qual em animos de quem a não conhecia, bem devia parecer indigna de lograr a luz. Um Aimé Pariz que a hoje professa em França e já em um pleito judicial foi por meus Irmãos convencido perante um dos mais authorizados Tribunaes de Pariz de ter saído á praça litteraria com albeas galas que mal cosidas e mal trajadas hia chamando suas, esse Aimé Pariz, digo, que a si se assoalhava despejadamente por author de um sistema em o qual nem um só principio havia inventado, tanto encareceo e tão sem consciencia nem pejo, as vantagens d'esta sciencia, e com ensina-la, tão longe andava de bem lhe alcançar a filoso-

O peor inimigo que por deante d'esta novidade se alevanta, he a vaidade. Todo o authorzinho mui presumido de si, cuidará que em a não combater com o esgarneo, dá mostras de se querer d'ella utilizar; e que se isso fizesse, provaria como o seu proprio cabedal lhe não era bastante. Não heide eu responder a este sofisma, por não repetir cousas que já atraz ficão ponderadas: mas para satisfazer a esses escrupulos que mais me cheirão a fraqueza que a valentia, recordar-lhes-hei um aforismo que certo não he novo, e vem a ser que não tanto consiste a originalidade no que se diz, quanto na maneira por que. Bem anciam cousa he o desererer a madrugada ou o luar,

fia e força essencial de seus elementos, que mais que Fenaigle a abateo no conceito de muitos. Seis diversos Tratados hão sido na França e em lingua Franceza publicados por meus Irmãos sobre a mnemónica, suas applicações, e sobre os meios de facilitar a composição de suas formulas. Espero eu que o mui particular e longo estudo que em tal materia tem feito, não venha a se valer entre Estrangeiros como até agora, mas que em fim, d'elles algum plante ca tambem em nossa terra esta arvore, que não da sciencia podem das sciencias poderemos chamar, porque se tomada só por só não alardea mais que esteril formosura, quasi que não ha com tudo ramo de humano conhecimento que enxertado n'ella não pegue, não vingue, não se arroje, e todo se não desate em ricos frutos.

e com tudo tal estillo e corés se podem ainda empregar n'isso, que grangeem a outros pintores e poetas os gabos de inventores; o que por tão sem duvida o tenho, que não temeria affirmar, que alguns poucos traductores se avantajão em originalidade a muitos authores originaes. E aqui me cetto para dar ja passagem á Ballada e História Siciliana que deante de si me vierão trazendo a tão longes rodeios e desvios.





AFFONSO E ISOLINA,

*Ballada livremente traduzida do Inglez de
Lewis, pelo Sr.*

**Alexandre Heroulano
de Carvalho.**

1

De Isolina a mui formosa
Já se parte o seu guerreiro.
— “ A Palestina me chama,
“ Adeos que sou Cavalleiro.

2

“ Sinto, Senhora, os teus choros,
“ E n'essas lagrimas creio:
“ Mas hei medo a novo amante,
“ De inconstancias me arreceio. „ —

3

— “ Affonso não te arrecêes
“ Não teus que te arrecear:
“ Juro amar-te vivo ou morto,
“ Mais ninguem me ha de gozar.

4

“ Tua sombra me appareça
“ Se eu quebrar o juramento,
“ Comigo se ponha á meza
“ No dia do casamento.

5

“ Ali declare em voz alta
 “ Que o seu direito requer :
 “ Para o sepulchro me arraste ,
 “ Gritando — és minha mulher. „ —

6

Largos annos são passados ,
 Quando estremado Infância
 De Isolina a mui formosa
 Se affoita a pedir a mão.

7

Graças e amores são prendas ,
 N'ella Isolina as vê todas :
 Finezas quebrarão juras :
 Grande turba acode ás bodas.

8

Rompem co'o banquete applausos ,
 Applausos á noiva bella ,
 Quando entra desconhecido
 Que vem sentar-se ao pé d'ella.

9

Seu ar de agoiro , armas negras ,
 Altura descommunal,
 Intimão geral respeito,
 Infundem terror geral.

10

Ninguém conhecêl-o pôde
 Que o elmo bem o encobria;
 Voltado contra Isolina,
 Immovei, nada dizia.

11

Isolina, a mui formosa,
 Convulsa esta falla fez:
 — “ Erguei, Senhor, a viseira,
 “ Deixai a triste mudez.

12

“ Em dia de regozijos
 “ Que vindes vós agoirar?
 “ Cavalleiro que assim usa
 “ Não sabe as armas hourar., —

13

Fez-lhe o incognito a vontade,
 Toda a sala absorta pasma!
 Que levantada a viscira,
 Se vio medonho fantasma.

13

Pallido, em pé, e crescendo,
 Diz á trémula Isolina: —
 “ Lembrada estarás de Affonso
 “ Que morreu na Palestina.

15

“ Fugir de novos amores
 “ Outr’ora lhe promettias,
 “ Juravas que, vivo ou morto,
 “ Leal te conservarias.

16

“ Tu me convidaste á boda,
 “ O teu convite acceitei;
 “ Palavras que me has dictado
 “ Palavras são que eu direi.

17

“ Meu fantasma aqui declara
 “ Que o seu direito requer:
 “ Para a cova me acompauha,
 “ Vem, vem, que és minha mulher.

18

Com a torpe mão arrasta
 A infiel que em vão bradava:
 Nenhum d’elles já se via,
 Seu clamor inda soava.

19

Em prantos de noite e dia
 Breve o Infanção se finou:
 Lá no Castello deserto
 Ninguém depois habitou.

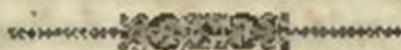
Salvo que nas longas noites
Noiva em pranto ali se via,
E traz ella hediondo espectro
Que nas garras a prendia.





AS BODAS
do
CONDE RIZZARI.
HISTORIA SICILIANA.

(Artigo traduzido do Voltigeur N.º 21.)



EM um Castello antigo, que entre Syracusa e Catana, não longe da akléa de Bruca, está formosamente situado, cincoenta annos haverá aconteeo uma lastimosa tragedia que vos ora contarei.

Tinha o Duque de Bruca uma sua filha donzella de dezoito annos, formosa em todo o extremo, futura herdeira de seus avultados cabedaes.

Todos os mancebos mais bem acondicionados d'aquelles arredores, a requestarão e pedirão em casamento: todos os filhos de casas principaes, que por seus teres e nobreza podião abalançar-se a tão alta pretensão, contendêrão fervorosos pela mão de Leonor de Bruca, que este era o seu nome. Outorgou o Duque á filha que a seu proprio contento escolhesse um de tantos

e tão honrados pretendores. Já porém não era Leonor dona de seu coração, que uma affeição incontrastavel a trazia de ha muito inclinada para o mancebo Rizzari, filho segundo do Conde Rizzari de Catana, o qual do Duque de Braca era intimo amigo. A idade d'este amante predilecto orçava pela de Leonor; ao que de mais accrescia o terem sido parceiros de infancia: casal-a porém com um filho segundo, classe por via de regra pouco abastada, não era isso para a soberba do Duque. A este obstaculo outros mais ponderosos se ajuntavão; por quanto o triste do mancebo estava destinado para o estado ecclesiastico. O verdadeiro motivo d'aquella muita aversão de Leonor contra todos os ricos de quem era pedida; pouco se passou que a ambas as familias não fosse notorio, as quaes se desvelarão uma e outra por acabar com uns amores, que outra cousa não podião dar de si a não ser a desventura d'aquelles dous innocentes. O Conde Rizzari determinou arredar o filho de uns lugares aonde uma affeição que já lá viuha da infancia o tinha arraigado, e aonde mal era de esperar que seu animo juvenil, de continuo perseguido pela presença de quem o trazia enfeitado, podesse já mais senhorear os seus affectos.

Mandou-o para Roma concluir os estudos, e travar relações com as pessoas principaes e que maior influencia tinham na Igreja. Vocação para a vida ecclesiastica sentia-a o mancebo fallecer-lhe totalmente, e no fundo de sua alma assentou por cousa certa e votada que nunca e por nenhum modo se havia de a tal estado sujeitar. Appellava para o futuro, e para si tinha que pelo tempo adiante alguma cousa poderia acontecer por onde melhor fortuna viesse a favorecer seus designios e levar a bom porto suas esmorecidas esperanças. Mais cedo do que o presumia lhe chegou o mudar a carranca de sua má fortuna: o morgado, que já depois de sua partida se casára, falleceo sem deixar herdeiro. O nosso Rizzari carpio amargamente esta desgraça, porque emfim amava deveras a seu irmão: mas a transformação total que por ali vinha á sua má sorte, fez com que melhor resistisse á mágoa, que a vir-lhe desacompanhada e estrême por ventura o houvera assoberbado. Escreverão-lhe os parentes a pedir-lhe que se tornasse logo para entre elles; e recusado he dizer que não esperou por segundas instancias; poz-se com toda a diligencia a caminho da Sicilia.

Não era licito aos herdeiros das casas

fidalgas adoptar, nem a profissão das armas, nem o estado clerical; e se acontecia cair em filho segundo um morgado por morte do primogenito, os votos com que aquelle se houvesse por acaso ligado, annullavão-se mediante dispensa da Santa Sé. E assim, por modo tão pouco esperado, desapparecêrão de todo os dous principaes estorvos ao consoreio do novo Conde com Leonor de Bruca. O proprio pai do afortunado maucebo, movido das supplicas do filho, foi-se logo propôr ao seu amigo Duque o casarem entre si seus herdeiros, com o que em mais particular tracto e amizade se enlaçavão as duas Casas. Com alegria accitou o Duque de Bruca este partido, e Leonor com muito grande alvoroço.

Estipulon-se para as bodas um praso muito proximo. Foi gosto do Duque vel-as celebradas no seu solar de Bruca. Mandá-rão-se convidar quantos fidalgos havia na vizinhança até distancia de muitas milhas. Quem houvesse de julgar pelos aprestes, dissera que a função havia de desbancar as mais grandiosas que de ha muitos annos se houvessem feito por aquelles sitios.

Não houve canto nos arredores d'onde não viessem parabens: bem se dava a ver como toda a vizinhança tomava parte na

boa ventura dos dois amantes. Os amigos do Duque manifestarão todos cordial contentamento, afóra um, e este era o Cavalheiro *** (Não lhe poremos aqui o nome, por ainda existir sua familia.)

Ora o Cavalheiro *** assaz era nomeado por opulencia, dotes corporaes e mais partes de sua pessoa. Como manecbo, que iuda era, podia ser um dos primeiros que aspirasse a genro do Duque de Bruca, e certo que em lhe adorar a filha nenhum outro lhe levava a palma. No tempo que o joven Rizzari se dilatava em Roma, havia este Cavalheiro pedido ao Duque a mão de Leonor. O Duque sim lhe apreciava a muita riqueza e bom nascimento, mas tendo já uma vez magoado o coração da filha na mais sensivel parte de seu querer, entendeu que pelo menos lhe havia de deixar em seu alvedrio esta segunda escolha. Com dar ao Cavalheiro todas as mostras de por sua parte o aceitar gostoso, pediu-lhe que se fosse elle proprio ter com Leonor, de quem importava recebesse o sim. Porem ella lhe deo um não tão redondo e desenganado, que outro qualquer paralogo houvéra de todo esmorecido: não era porem a sua paixão de tão leve força, que á primeira repulsa se rendesse. Prosequio

por suas instancias, pondo-a de dia para dia em mór aperto; o secreto motivo dos desdens de Leonor muito bem o conhecia elle, mas para si tinha que tempo e ausencia sempre a final lhe apagatião do animo as poderosas memorias de Rizzari. Tanto subirão de ponto suas impertinencias, que a indiferença da donzella prestes degenerou em aversão rematada.

Imagine cada um quão burlado em suas esperanças e quão damnado ficaria o Cavalheiro, tanto como soube haver morrido o primogenito do Conde Rizzari, a breve tornada do filho segundo e o proximo casamento d'este com Leonor. Quantos rigorosos tratos pôde padecer um amante mal galardoado, e por tanto os zelos raladores, de improviso lhe enfurecêrão o coração, já de seu natural vingativo. O amante favorito lhe ficou desde essa hora alvo de implacavel odio, em mais não cuidando o Cavalheiro senão em como tomaria uma cabal e estrondosa desaffronta.

Nas vespervas do casamento o nosso Cavalheiro desaparece de Catana. Correm a este proposito varias balelas, todas de pouca monta. Ha quem diga que se foi metter em alguma das quintas visinhas: presumem outros que para estranhos reinos se

ausentou. A verdade he, que ninguem pôde saber ao certo do seu destino. Os noivos, de cheios que andavão de sua dita, não se embaraçarão com tal, e aguardavão a hora do desposorio, mal cuidadosos de nenhuma desaventura.

Essa hora suspirada chegou: na capella da aldêa celebrárão o recebimento. Todo o espaço estava apinhado de povo: ricos e pobres, fidalgos e rusticos todos concorrerão fervorosos em acto tão affectuoso e magnifico.

No instante do esposo enfiar o anel symbolico no dedo da esposa, eis que rebenta na capella uma gargalhada sardonica; e tão aguda, que por cima do susurro d'aquella multidão, clara e distinctamente se deo a ouvir, até nos ultimos recantos. Mas de tão estranha maneira era esta gargalhada, que mais pareceo grito de uma Furia que riso de humana creatura. Uma cousa tão fóra do natural arrebatou a attenção de todos os circunstantes; e o que mais os maravilhou, foi o não ser possível descobrir-se d'onde saíra aquella infernal gargalhada. Atou-se porém de novo o fio á cerimonia, e com quanto fosse para notar o acontecido, pouco tardou que não deslizesse dos animos entre pompas de solemnidade tão apparatosa.

N'aquelle dia todo o interior do Paço de Bruça, afóra a alcova nupcial, esteve patente aos innumeraveis convidados. A todo o custo fizeram que respirasse esta festa a maior magnificência, como a ambas as familias convinha. Mezas e aparadores vergavam com os mais exquisitos manjares e frutas: e lá pelas relvosas alcátifas do parque senhoril todos os aldeãos, e todos os paniguados de um e outro solar lográram não mesquinho quinhão na geral folgança.

Ao cabo do dia accenderão-se custosas luminarias no palacio: e dando logo fim o banquete, começarão as danças tanto fóra como dentro das opulentas salas do Duque.

Leonor, feliz e desvaneccida com pertencer a um marido de sua escolha, não disfarçava o seu entranhado contentamento: por todo o parecer lhe respirava o alvoroço, donde se diffundia por todos os nobres assistentes a mais sôlta alegria.

Em meio do baile, e quando tudo nadava em satisfação, entrárão pela sala dois mascarados á moda dos aldeãos da terra, e travárão mui graciosas danças, meneando suas grinaldas de flores.

Ora na Italia, assim como na Sicilia, prevalece o uso de que todo o mascarado

para sêr n'um baile recebido, se dê primeiro a conhecer ao dono da casa: d'esta vez não andou observado tal requisito, nem tambem era aquella funcção baile de mascarar. Mas aquelles dois estranhos significarão com tão claras mostras o gosto que trazião de ser partes na festa, que sem o minimo estorvo forão n'ella accitos: até a maior parte dos presentes ficou entendendo não andar ali mais nenhuma cousa senão idéa do dono da casa, para divertir a seus hospedes.

Os donaires e destrezas d'estes dois individuos excitão a geral admiração: todos se lhes apinhoão em deredor, e lhes offerecem refrescos. Mas apenas chegou a haver certeza de que ninguem os conhecia; advertirão varias pessoas ser enfim razão que se descobrissem. Ao principio responderão por signaes que o não farião, por signaes porque voz ninguem lha ouvia. Todavia, como de toda a parte os apertassem, derão a entender que era tenção sua manifestarem-se sómente ao heroe d'aquella festividade, ao joven Conde Rizzari. Este, deixado por um momento obrago da bella esposa, veio com toda a cortezia juntar com as instancias dos seus amigos as suas proprias. Tornarão os dois in-

coznitos a mostrar seus desejos de só perante elle se descobrirem. Com isto se forão desviando, e o Conde os foi seguindo de apoz, até que todos tres se ausentárão.

Eis que a interrompida musica outra vez ressoa, dando novo rebate á dança e regozijo. Em geral ninguem fez reparo na ausencia do Conde, só Leonor por muitas vezes o procurou com a vista, como quem se admirava de o já não ver tornar.

Serião passados uns vinte minutos, quando vél-os que outra vez apparecem os dous mascarados: já não trazião o mesmo traje; vinhão sim vestidos de dô, porém a despeito da mudança, bem se alcançava serem ainda os mesmos desconhecidos dançarinos. Traziaõ mais consigo outra pessoa envolta em panos brancos. Com vagaroso e compassado andar vierão vindo por meio da turba pela sala dentro.

Esta appareçãõ agoureira, em lugar e hora de tão alvoroçadas alegrias, não deu de si muito boa opiniãõ nos animos dos assistentes. Como porém se cuidava que o proprio dono da casa o permittira, ninguem quiz interromper a scena, por mais insolita e despropositada que parecesse. Chegados como forão os mascarados ao meio da sala, pousárão a carga que trazião, e

lhe bailarão em roda suas danças lugubres e grutescãs.

Pasmada Leonor de ainda não ver seu esposo, não podia atinar com o sentido d'este entremez ao funebre. Acomettida de um sobresalto interior, lançou em deredor os olhos, e perguntou a tremer por seu marido. Uma das irmãs de Rizzari que primeira notou como Leonor se tornara pallida, veio logo para o pé d'ella, perguntando-lhe se por ventura se sentia mal. Respondeo-lhe Leonor que tinha em cima do coração um peso que ella propria não entendia.

N'aquelle instante tinhão os mascarados concluido a descomunal pantomima. Para Leonor se encaminhárão, e d'elles um, puxando-lhe pela manga, lhe disse em tão alta voz, que boa parte dos assistentes o pôde ouvir:

Venite a piangere le nostre e le vostre miserie!

que quer dizer

Vinde chorar as vossas e nossas misérias!

Como estas palavras serão ditas, logo a Dama, gelada de terror, se deixou cair sem sentidos em braços de sua cunhada. Alevanta-se pela assembléa um susurro geral. Deirão todos por certo que dos mas-

carados provinhão as angustias da noiva: já porêm então se erão elles idos.

Maravilhados estavam todos de ver como o sujeito, que por terra jazia envolto em seus alvos linhos, continuava a representar o seu papel de defuncto: não bolia musculo; e até parecia ter tomado a si o folego. Alguns de curiosos lhe levantarão um braço: mas apenas lho deixárão, recaiu com pesada inercia para o chão, e essa mão era fria! Presentimentos desastrosos vierão logo senhiorear os animos dos presentes: descobrem de improviso o rosto d'este mysterioso individuo... Oh! justiça Divina! he um cadaver, he o Conde Rizzari!

Quem pintaria a mui pavorosa scena que foi no palacio! Confusos e aterrados erão todos os assistentes; de toda a parte saião exclamações de espanto e gritos de corações apavorados; aqui homens puxando pela espada e clamando vingança; alem mulheres em desmaiios umas, outras fugindo para todas partes. Mais cabal espectaculo de consternação nunca o houve.

Ainda Leonor não era tornada em si: ainda não sabia quanta fosse sua desaventura. Os amigos do Conde a levárão para a camara nupcial.

Vio-se então que fôra aquelle mesmo o sitio aonde se o crime perpetrara. Na desordem dos trastes se lia que ali se andarão em encarniçada luta; no chão jazião os mortiferos instrumentos, e sobre o leito conjugal pousava uma hastea de cipreste, claro documento de premeditada vingança.

Todas as pesquisas e diligencias foram baldadas. Não houve atinar com o minimo rasto do attentado inaudito. No Cavalheiro caíram as principaes suspeitas, e dentro em pouco se soube que se havia da Italia expatriado: nem volvêo a pôr lá seus pés.

Leonor nunca mais se restaurou de tamanho abalo. Retiram-se a final para um convento, aonde a morte, unica amiga efficaz para desgraçados, pôz breve remate em seus desgostos.



OS CIUMES DO BARDO.

P O E M A.

*Ao sem ventura, que entender meu Canto,
Meu Canto e minhas lagrimas envio.*

A Mr.

FERDINAND DENYS.

AO AMIGO DA LITTERATURA
PORTUGUEZA
E DOS

PORTUGUEZES:

Como Portuguez e Poeta,
Em tributo de respeito e gratidão

OFFERECER

A. FELICIANO DE CASTILHO.

FERRDINAND BRUNY

AO AMIGO DA LITTERATURA

FRANCOESA

E DOZ

TORTUGUEIRAS:

Como Tortugas e Iboas
em tribuna de respeito e gratidão

DESCRIÇÃO

A. FERREIRO DE CASTILHO

PREAMBULO.

DEPOIS do muito que de ciúmes deixámos escrito, não me atrevêra a apresentar já aqui o seguinte Poema, que na mesma fôrma do coração foi vasado, se me não fosse licito explicar primeiro os meus porquês.

Fôra empenho meu em outro tempo tecer uma ordenada collecção de poemas sobre todas as principaes paixões: *Alibert* (*) e a *Baroneza de Stael* (**) havião comettido, como bons philosophos que erão, analiza-las em abstracto, para d'essas analyses concertarem um sistema de moral. A minha idea era menos sôbida, sendo-o todavia tanto, que por me sentir desigual, a desamparei: era tornar-me, para que assim o digamos, o

(*) O Doutor *Alibert* accrescentou na sua mui formosa Obra, a que pôz por titulo *Fisiologia das Paixões*, algumas anedotas de rematada belleza poetica, refeitas de boa philosophia moral e de muito affectuosa eloquencia: não foi contado seu sum pôr exemplo de todas as paixões.

(**) O tractado da *Baroneza de Stael*, que traz por titulo *Da influencia das paixões*, he quasi inteiramente theorico, e apezar do fogo d'aquella ma-

Fabulista das paixões, restringindo cada uma d'ellas em uma ou mais hypotheses, historicas ou fingidas, que eu tomaria para assumpto de outros tantos paineis de poesia. Com o ciu-me encetei a tarefa.

Trez diversos caracteres de zelosos me occurrião para retratar. Primeiro, um amante que da injuria que lhe foi feita toma solemne vingança; segundo, um que, depois de trahido, foge sem deixar de amar, antes amando mais do que nunca, e com voluntaria morte põe remate em suas penas; e ultimo, um a quem uma ingratição e perfidia apagam o lume do entendimento. Saio o primeiro na *Noite do Castello*: sae o segundo no *Bardo*; e sairia o terceiro em um Poema que já andava riscado com o titulo do *Hermitão da Arrabida*, se eu não tivesse, como já disse, renunciado tão altivas presumpções.

ginação, das côres e vernizes d'aquelle singular estilo e da muita profundeza de ingenho da escriptora, parece-me que não descompemha cabalmente o assumpto; que não tem em muitas partes, nem a desejada clareza, nem a verdade necessaria; que ás vezes nos dá por oiro e pedraria fina de razão, meros reflexos de fantasia; que enfim não raro acouteceo deixar-se aquella grande mulher nos seus extasis ir sem saber por onde nem para onde, atraz do agradável som, gentis imagens e admiraveis audacias de sua inspiração.

Acerca do Poema do *Bardo* conversarémos aqui o nosso pouco. Tenho eu para mim que he este de mais algum preço que a *Noite do Castello*: e por esta só razão assim o conceituo; que o trovei com impeto, e com a alma cheia e repassada do seu assumpto. Este porque, não ha porque o eu diga, nem mo perguntem: confissões publicas, se já as mereceo a Santo Agostinho a piedade, e a philosophia a Rousseau, tamanha authoridade não a ha de ter pelo menos comigo a poesia, e só mencionarei o quando e onde o compuz.

Era cerca dos fins do outono do anno de 1829: havia-me eu por necessidade arrancado do meu saudoso ermo de S. Mamede da Castanheira do Vouga para o seio d'esta mui prosaica, e mui tumultuosa, e então mui terrivel Lisboa. Aqui, na terra de meu nascimento, e cercado dos passatempos que nunca em uma cidade fallecem, nem aos que os fogem, perseguião-me memorias do muito que lá deixára n'aquellas brenhas salvadoras; de um Irmão que foi sempre o melhor e o mais amado dos meus amigos, de meus livros e estudos em que o sempre tive por camarada, em fim dos meus passcios livres como o vento d'aquellas serras, e do meu ninho domestico tão

abrigado e seguro. Terra de meu segundo e melhor nascimento era aquella; e o meu coração andava falto do seu ar, e meu espirito melancolico carceia de uma solidão. As aguas são tambem uma solidão para quem a não póde ter melhor: das entranhas de Babilonia saía o Hebreo captivo a assentar-se pelas margens dos rios para chorar ausencias de Sião. Já margens me não bastavão a mim que folgava de me afastar d'ellas e de me embrenhar pelas ermos d'esse Téjo, que ali hia e vai tão escaldado de suas antigas e rumorosas selvas de navios. Sem mais companheiro que meu só pensamento, havia não sei que secreto gozo em me deixar levar n'um barquinho pequeno, ora á escolha dos remeiros, ora á micrecê caprichosa do vento que por ali soprava, n'aquellas tardes do outono, fresco e desabrido. Tomára que algum engenho agudo me atinasse uma explicação clara e cabal do porque em dias desamparados do contentamento tanto nos tentão e nos aprazem os abalos do perigo. Certo que não desejava eu, nem havia porque desejasse, o ser submergido; e contudo levava postas minhas delicias no desconhecido balançar da embarcação, no seu pender até metter o bordo pelas aguas.

no fracasso da onda que remettendo com a prôa se desfazia n'uma rajada chuvosa por cima de nós e por uma e outra parte em carneiros de espuma. Por que razão he jogo saboroso para Inglezes o fugir em arrancado galope, antes voo de seus cavallos, pelas boleadas e escassas veredas, pendentes sobre os mais temerosos precipícios? por que razão a caça dos animaes ferozes, por que razão as batalhas, por que razão o correr dos dados onde embarcamos toda nossa fortuna, attraem tão poderosamente as vontades? outrem que o diga; o que eu sei he que aquelle meu navegar por cima de escarceos, entre ventos impetuosos, e por baixo de muitas nuvens, me agrada ainda agora e me encantava então. D'esta sorte, e no meu Tejo, compuz, se inteiro o não achei, o Poema do *Bardo*: o qual pois se não he todo historico, tambem não he todo ficção.

Em quanto ao seu titulo, não será despropositado advertir que o nome de *Bardo* não vai tomado no seu rigoroso sentido, como a algum desattento já pareceo, mas sim e sómente como synonymo de Poeta.

Não faltarão máis que notem aqui ou acolá sobejidão de beijos e branduras: e por outra parte, não faltarão filhas que

hem accusem e detestem o Bardo pela estranhissima descortezia com que remette como lobo contra todo o seu sexo. Ora pois, com umas e outras espero que ficaremos d'esta vez em boa paz; e comecemos pelas primeiras.

Não tomarei para thema de minha defesa o que já em mais apertadas circumstancias de si disse um poeta Romano

Escrevo desenrolto e casto viro;
darei porém, que havendo de compôr um Poema com o particular intuito que já mencionei, essencialmente importava representar o ciuime pelo natural: ora entendendo eu que, se ha paixãõ sensual e voluptuosa, essa he o ciuime, com o qual n'esta parte o proprio amor ditoso nada tem que ver; sim se pascẽ o amor nas saudades e esperanças de seus deleites, mas o ciuime ceva-se em muito mais largo campo, porque tem por alimento não só os seus passados e futuros gosos, senão tambem os alheios que elle mesmo cria, multiplica e engrandece: os bens o inflammão, os males o inflammão ainda mais, e a inveja que d'elle faz parte lhe mette pelos olhos visões que o endoidecem com venenosas delicias. (*)

(*) - Não posso resistir á tentação de reccordar

Quem representasse casto o ciúme, e se-
cer-lhe-hia uma de suas principaes feiçõs.
Mas se não duvidei figurar todos seus desor-
denados furores, puz-me por mui severa
lei, e inteiramente a cumprir á risca e sem-
pre a cumprirei, que onde por necessidade
houvessem de ficar imagens menos modes-
tas, abí a frase tecesse um como véo, não
tão tapado que as encobrisse ante olhos ex-
perientes que em as ver nenhum perigo
correm, nem tambem tão raro que a vis-
ta da innocencia o traspassasse; se me

aqui, como em favor do meu dito, um excellento So-
neto do nosso, em muitos particulares inimitavel.
Bocage; poeta que tão sobrejamente anda hoje esque-
cido, como em sua vida se vio idolatrado.

Nos torpes laços de Belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento,
E, forçada a servil abatimento,
Contra os sentidos a razão murmura.
Eu, que outr'ora incensava a formosura
Das que enfeita o Pudor gentil o isento,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura.
Se a vejo repartir prazer, e agrado
A'quelle, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado.
Céos! Quem me reduzio a tal baixeza?
Quem tão cégo me pôz?... Ah! foi meu fado,
Que tanto não podia a Natureza.

não engano, consegui-o. Pelo que, já digo que nenhum damno pôde d'esta leitura resultar: e temos satisfeitos os escrúpulos das mãis.

Mas como apoz as mãis poderãõ vir atravessar-se-me n'este caminho alguns outros d'esses moralistas que sabemos, para quem he mais alto escandalo escrever um beijo (*) do que tomar cento, razão he que os despeçamos tambem com duas palavras de cortez argumento. De barato se lhes concederá que não somos ainda cá chegados; como o são já hoje em França, a cabo de longo combater de todos os systemas e theorias possiveis, áquelle ponto de chamada civilisação, em que cada alma tem já formada para si uma opinião, da qual se não demove; ou, o que he mais

(*) Uma entre muitas me lembra aqui acerca dos taes por cujas mãos regio-censorias corria o entendimento portuguez. Metteo um Poeta ao exame de um d'esses Aristarcos authorisados um voluminho de Sonetos, suado fructo de suas vigílias amorosas. Havia por desgraça um, cujo ultimo consoante era *beijo*, e logo n'essa palavra acertarãõ de cair os olhos do Jniz, que em taes particulares, segundo dizião, mais era que simples curioso; o qual accesso no sancto desejo da pureza do seu proximo, logo ali fulminou o pobre do verso com esta côta: "*Risque beijo e ponha osculo*."

certo, todas as almas de puro costumadas de verem, a revezes, triunfar e perecer as crenças e princípios mais oppostos, adormecerão no regaço do septicismo, para ali sonharem á larga nos delcites de que se mais contentão. Não; os sofismas do latrocinio, do adulterio, da ingratição, e de todo desenfreamento de paixões, são, mercê de Deos, mal acceitos ainda aos ouvidos de nossa terra, e nunca se dirá que eu dessirva, sabendo-o, á verdadeira pureza de costumes. Mas, pelo contrario, utilidade grande me parece que vai em pintar, como eu procurei faze-lo, os affectos fogosos da mocidade com todas suas verdadeiras cores naturaes, para se bem conhecerem, uma vez que, segundo o eu tambem diligencieei, se acrescente ao debuxo das flores que aprazem, o retrato feio dos aspides que por entre ellas crescem. Parecco-me que sendo n'estas nossas partes do meio dia tão geral enfermidade os zelos, não se havia de a um poeta tomar a mal que em seus poemas tratasse as tragedias que d'ella se podem originar; por quanto, ainda que pouco houvesse isso de aproveitar directamente aos malfadados em quem uma vez esta febre d'alma pegou, algum proveito poderia trazer, se

pelo aspecto de tão graves consequências, persuadissem a algumas inconstantes o quão feia deshonra lhes he, e o quão perigoso vicio se pode tornar a sua deslealdade em amores. São os amores, como já alguém escreveu, o capitulo mais cheio da vida humana, são na vida da mulher o capitulo unico; e com quanto se finja have-los nas conversações publicas por cousa de mero passatempo, e até de si por um certo modo vergonhosa, nem por isso deixa de ser esta a paixão conservadora do mundo, a unica universal, e a fonte particular de toda a domestica felicidade: pelo que, o estrema-la de toda a liga e fézes, acto he de mui pura e generosa vontade.

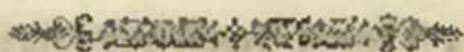
Agora diremos ás filhas, que das espietadas solturas de lingua do Bardo contra a infidelidade femiñil se derem por offendidas, que essa opinião do Bardo não he por nenhum modo a minha, nem a de nenhum homem cujo animo andar desassombrado e assente. Já eu disse que em lealdade amorosa muito melhor conta faço das mulheres que de nós outros; mas para que eu desse a um zeloso o seu verdadeiro estillo, cabia-me que, porque sua amada o atraicôira, ella de quem mais alto apreço fazia no mundo, perdesse elle todo o concei-

to do sexo, e contra todo elle saísem da desordenada tempestade de sua alma raios e coriscos. São seus ditos injurias, atrozes blasfemias lhes chamaria eu de bom grado; mas vós que ali vos derdes por injuriadas e blasfemadas, mettei a mão pelo peito do vosso offensor, palpai-lhe o coração, e entenderéis que só muito vos offende por que muito vos ama: em quanto em labios que afagárão, durarem impreeações e affrontas, sinal he de que ainda la por dentro lavra o antigo incendio. Todavia quem tanto ousou contra a melhor metade de nossa especie, tanto he réo em meu tribunal, que para desagravo das queixosas, logo ali lhe impuz não qualquer pena, senão pena de morte; e não qualquer morte, senão afogado depois de padecidos os tratos do ciume.

De outra materia tencionava eu fallar aqui, a qual sem falta alguma era importantissima, a saber, a Declamação Portugueza. Tinha n'este particular reflexões, que de recitar os *Ciumes do Bardo* me vierão, e em cuja publicação algum bom serviço pôr ventura faria ao nosso Theatro: mas tenho por mais acertado o calar-me com ellas, já que, a despeito de todas minhas antigas diligencias e trabalhos, o Gover-

no inda não quer Theatro: e se alguma coisa n'essa parte se vier a fazer, será unicamente, segundo entendo, a obra material, aquella para a qual basta gran- gear dinheiro emprestado; a parte litteraria será deixada ao acaso ou dirigida por quem Deos for servido, provavelmente pelos ignorantes e presunçosos, a quem se fia o mais das cousas, em vez dos des- validos e desprezados cultores das letras. E a mim que me importa nada? tomára eu apagar todo meu zelo para com as le- tras, n'esta terra fecunda e inexgotavel de Sármatas. Já quasi o tenho conseguido; e se de hoje em diante estudar e compo- zer, será só para me distrair e esquecer do nojo que me elles causão.

Lisboa 6 de Janeiro de 1836.



OS CIUMES DO BARDO:

POEMA.

.. “Soltemos esta barca. Ao lago, amigos,
Ao lago, e breve! .. —

Assim dizia o Bardo,
Do manto escuro sacudindo a chuva.
Os pescadores no rochedo immoveis
O escutavão sorrindo: o pégo escuro
Começava a bramir, troando os ventos;
Negro era o ceo, e proxima a borrasca.

— “Ao que ousar dar á vela! .. — E n’isto, á areia
Manto, bolsa arrojou; e apoz instantes,
Com mais afoita mão, retrato de oiro
De formosura estranha —

“Ao lago, amigo,
Ao lago! .. diz um velho, e sóta a barca.
“Onde iremos? .. —

— “Afasta-me da terra.
Abre a vela aos tufões: o resto á sorte! .. —

— “ Vê quão sinistro o sol transluz no occaso!
Do sul a escuridão, o horror das vagas!
Cantor, não se resiste a iguaes tormentas!..—

— “ Velho, dás nimio apreço ao ar da vida!
Morrer aqui, além, agora, ou logo...
Que importa?! he sempre um sonho esta existencia,
Um sonho horrivel, que se esváe na morte.
Tu que dos annos teus colheste á farta
Flor e fructo, hoje o resto de teus annos,
Espinhos só, com tanto amor afagas?
No mundo envelhecer, e amar o mundo!...
Delirios vãos! delirios vãos dos homens!..—

— “ Mas Bardo, e a terna esposa? E os filhos tenros?
Vivem por mim, adorão-me, sou d'elles ..—

Nos labios do mancebo, a taes palavras,
Luzio fugaz ironico sorriso.
Apoz silencio curto alevantou-se,
E, abrindo todo o pano aos ventos bravos:
— „ Pódes nadar quando o baixel se afunde,
Volver á praia, á esposa, aos filhos; toma
O timão, volve o leme, evita as rochas:
Morte, que odeas tanto, ali reserve,
Em vagas doidas horrida espumando
Do relampago ethereo á luz medonha.

— “ Revolto o undoso abismo! O céu fechado!
N'este theatro inhospito de horrores

Corra indomito e cego o amor trahido.
 Sumão-se á vista os ultimos oiteiros
 D'essa terra fallaz, terra maldita,
 Que deo, que nutre, que não sorve o monstro!
 Vede o immovel das barbaras encostas!...
 Que paz desesp'radora entre as borrascas!
 Comtigo, insano pelago, comtigo
 Simpathisa, atormenta-se, rebrama;
 Ferve, arqueja, combina-se minh'alma:
 Sobre ambos pésa o Céu, vai morte em ambos,

“ Podésse eu pôr na voz do odio a furia!
 Mudado em turbilhão, lançar meu grito
 Por lago, serras, bosque! de repente
 O Tigre fulminar, tranzir a Ingrata!

“ Velho, alem... sob a extrema do horizonte...
 Lá onde mais negreja... he lá o Inferno.
 Ah, á luz de horóscopo maligno,
 Nasci, amei, amarião-me, fui morto.
 Ai de hora a hora o sou, de instante a instante!
 Agora mesmo que me crês comtigo,
 Lá me estão novamente apunhalando.
 Tu nada vês... e eu vejo tudo! oh tudo!!!

“ Em vão lhes muge o bosque ameaças torvas,
 Debalde treme o valle, os Ceos retrão;
 Lá vai o impio feliz... lá chega occulto...
 Bate; ninguém o ouviu; ouviu a Ingrata.

Volveo-se a chave cúmplice no crime...
 Entra... fechão-se! ... Os passos tenebrosos
 Lhes guia amor nefando ao leito horrível!..
 Longe o pudor e os véos!.. cresce o delírio!..
 'Tervem beijos de furias e demonios!...
 'Tornou-os um do crime a simpathia!!
 A tela sotoposta ao jogo infame
 Cobre este coração que espesinhado,
 Veneno, sangue, e lágrimas escorre.

"Julgão-se immunes, sós, n'este universo
 Insensatos! meus olhos os contemplão, ;
 Os meus ouvidos por seus labios roção,
 E eu vago, inteiro, pela mente de ambos

"Deos, que a vil, como a mim trabio jurando,
 Não mos fulminés, fôra leve a pena:
 'Torna-os immoveis, sem tirar-lhe a vida;
 'Tectos, muros subverte, expostos jazão
 Por toda a eternidade exemplo ao mundo.
 Em quanto olhos e mãos houver na terra,
 Bons e máos apedrejem-os passando;
 Vendo perpetua a dôr, sem fim o ultraje,
 Surdo o Ceo, surda a morte, o amor convertão
 Em maldieções de fel, em mutuos odios:
 Parecendo gosar mordão-se uivando,
 E engula um do outro os olhos desvendados!
 Ai perfida!.. Oh vingança!.. Oh minha sede!!...
 VÍras se pungem nas entranhas da alma
 Punhaladas de mão que se adorára!

"Mulher ! quanto eu te amei, quanto has perdido,
 Não o sabias tu nem o eu sabia !
 Veio a voz do teu crime revelar-mo ;
 Era amor, qual meu odio, amor sem termo !
 Sim, n'esta hora solemne inda o confesso :
 Qual mil vezes mo ouviste inda mo ouviras,
 E houvera em repetir-to acerbo gôsto ;
 Meus primeiros, meus unicos amores,
 Tu, tu foste, só tu : mudada a essencia,
 Pensamento, querer, memoria, vida
 Tudo em mim foi paixão, ternura, incendio.
 Menor quinhão que o teu n'esta alma tinha
 Eu mesmo, o mundo inteiro, o Deos que o rege !
 Vê se eu te amei ou não ! Guarda-os na mente,
 Merecem plena fé taes votos hoje,
 Guarda-os na mente, e morrerei vingado !

"Deos, Deos! accito o calix do infortunio,
 Bem que anargoso, e trasbordando o encheste.
 Castiga meus sacrilegos affectos :
 Dei á perversa amor, que te bastára !
 Ultragei-te. Mas ella ! ella opprimir-me ?...
 Que lhe fiz eu, senão ama-la, e muito ? !

" Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas !
 Precisava de vós, tardaveis tanto !...
 Bom velho, foi-se o p'riço, o vento afrouxa.
 Toma a flauta, e modula-ma saudosa,
 Que eu fico em teu lugar voltendo o leme.

Vai fugindo a tormenta : em vindo a lua
 Será todo pacífico este lago ;
 Só para a minha dor não ha bonança !
 Não, não !... jamais, jamais !... Houve contudo
 Um tempo, em que os seus labios me sorrião ;
 Em que um seu volver d'olhos me entranhava
 Pela alma um Céu de amor, um Céu de esp'rança.
 Ah ! sonhava eu então ? ou sonho agora ?

“Não, não sonhei: presentes m'estremeem
 Inda agora no ouvido os seus protestos.
 Que protestos ! que voz ! Inda palpita
 Sobre este peito o seu n'um meigo abraço !
 Indá ésta dextra está sentindo a sua !
 Inda esses olhos languidos me escaldão
 Com lagrimas de amor !... e hoje he perjura,
 Hoje zomba de mim nos braços d'outro !!!
 Rouba-me um coração que era o meu tudo,
 Encantos que erão meus, palavras minhas,
 Os meus beijos, meus extasis !... Perdóa :
 Não, não me roubas nada, era impossível,
 Creio em ti, só em ti : que importão vozes ?
 O mundo mente sempre, e os Anjos nunca.
 Eu te estou vendo ! esse ar não he de um tigre ;
 Não me horroriso olhando-te ; meu peito
 Pulsa a teus pés, como pulsava outr'ora.
 Vem, senta-te outra vez nos meus joelhos !...
 Assim !.. assim ! reclina-te em meu seio ;
 Cinge-me ao collo o braço do costume ;

Aperta a minha mão; mais forte . . . muito . . .
 Esconde-ma em teu seio . . . Um beijo agora . . .
 Deixa que o manto meu nos roube á lua . . .
 Bom! N'este estreito escuro sanctuario
 Somos só nós e amor; ninguem mais cabe .
 Não se quer mais ninguem. Toma outro beijo!
 Mais dez . . . mais cem . . . mais um . . . paga-mos todos
 Com um só d'aquelles, que resumem centos!
 Une o teu rosto ao meu, fallemos baixo:
 — Minha Irmã, Filha, Mãe, Amiga, Esposa,
 Anjo, Ninfa, Mulher! vem nos meus braços,
 Voemos d'este mundo a um mundo novo.
 D'esses astros do céu algum vagueira
 Aureo e fecundo, á espera de habitantes;
 Ao Planeta de amor, amor nos leve.
 Teu fui, sou teu, tu minha foste, és minha,
 Sêl-o-hemos sempre. Unidos se embalarão
 Nossos berços; cresciamos unidos;
 Foi uma a nossa infancia, e iguaes os gostos.
 A luz do mesmo céu, na mesma quadra
 Nos floría a razão, medravão forças.
 Nenhum amou primeiro, em nós o affecto
 Foi uma idéa innata, um sentimento
 Que não pôde ter fim não tendo origem.
 Pelo vago de anciosas incertezas
 Corrêo nossa infantil curiosidade
 Sempre igual, sempre a par: communs nos forão
 A duvida, a suspeita, as descobertas.
 Mestre um do outro, e discipulos a um tempo,

Pouco a pouco avançavamos na vida
 Da natureza aos ultimos mysterios.
 De longe em longe a fonte dos prazeres
 Nos vinha em sonhos leves revelar-se.
 Mais sábios, mais audazes de hora a hora,
 Mais transparente a venda da innocencia,
 Voavamos, beijando-nos, ao termo.
 Da natureza o véo rasgámos juntos,
 Juntos entrámos por um céo de amores!
 O affago, a dôr, as lagrimas, as queixas,
 Transporte, peijo, esperança iguaes nos forão...
 De nossa vida aos nos côr de rosa
 Deo um nó n'esse instante a natureza:
 Testemunhas o Céu, a Lua, a Terra!...
 Vai traidora, vai perfida, eu te arrojô
 D'este seio não teu; desaparecc
 De chôfre entre essas ondas. A eseritura
 Do nosso ajusté está rasgada agora.

"Vem, seductor malvado; impuro verme,
 Já que da rosa empeçonhaste o seio,
 Morre com ella... Tu não te oppões a um Tigre:
 Pela boca fallaz heide arrancar-te
 Um coração, que palpitou como este:
 Voa apoz ella ao fundo dos abysmos!...

"Velho estolido, e algoz, cala essa flauta:
 Não vês que as minhas lagrimas seccarão?
 Cala-ma, ou toca as musicas do inferno.

“ O inferno todo, todo, anda n'esta alma.
 O infeliz sou só eu na natureza ;
 N'esta hora mais ninguém! Quanto eu daria
 Por me ver onda, ou rocha, ou tronco, ou vento !
 Vento, eu fôra no seu bosque, .. Eu lhe fugira ;
 Que iria eu ver ao bosque ? eu sei já tudo :
 Não he profeta um coração zeloso ?

“ Pescador , quando a lua descobria ,
 Saião do seu lar ; vinhão cobertos
 De suor e rubor. Quando esta nuvem
 Cobrio a lua , entravão no arvoredor.
 Agora, entre arguições, desculpas, beijos,
 Raspão do olmeiro os versos, as promessas,
 As cifras qu'entalhavamos ; não querem
 Testemunhas incommodas. Oh ! louca !
 Onde irás tu , que o meu amor não vejas ? !
 Se podes tanto , da memoria risca
 A infancia , a mocidade , e ficas sóta !

“ Versos , que ella inspirou que ella cantava ,
 Que tinheis de viver morrer comigo ,
 Sahi, despedaçai-vos ! Tu com elles
 Vai-te ao lago e perece , indigna trança !
 Não poder eu dos labios meus cuspir-vos ,
 Beijos d'aquella infame, e aos pés calçar-vos !

“ Mulher ! que mixto horrendo és tu na terra ,
 Para unir crimes taes com tantas graças ? !

Que nome te convém? é cruel, perjura,
 Impia, blasfema, algoz, monstro dos monstros?...
 Ah! são tudo vãos sons que exprimem nada!
 Amor como eu senti, não tinha nome,
 Qual posso eu dar-te? O teu só o ha no abismo;
 Nunca foi revelado, o mundo o ignora.
 Um ha, que abjecto e sordido, reúne
 Vicio, frieza, amor, traição, mentira:
 Os mais te dem, não te darão meus labios.

“De que céu em que bátratro caíste,
 Bella estrella de luz! Tu mesmo, eu mesmo
 Procuro n'este instante aborrecer-te.

“Pobre infeliz! miserima innocente!
 Recebe as minhas lagrimas, recebe-as,
 Outras talvez não mais verão teus olhos.
 Pobre infeliz, quebraste perjurando
 O talisman que te encantava o mundo,
 Do futuro os jardins trocaste em ermos.
 No so amor correria na existencia,
 Como candida vela em mar tranquillo,
 De zefiro enfunada, ao som de cantos,
 - Affunde-se - disseste, e jaz no fundo!

“Na estação em que tudo ressuscita
 Para gozar de amor, o amor suave
 Que respirar no halito das flores,
 No murmurinho d'agoa, ou da folhagem,
 Ou da rola fiel no arrulho meigo,

As brandas noites, o luar saudoso,
 Não de affrontar-te; sentirás em tudo
 Da Natureza amargas ironias!
 Sim, tudo isto era bello e bello achámos,
 Mas não ha para ti já dias bellos,
 Não juntos co'os meus, e os meus são mortos.

“ Se n'este horror profundo um raio ao menos
 De esperança nos luzisse!... E inda era tempo;
 Inda este coração te perdoava;
 Fôra inda teu! Vem: solta-te dos laços
 Com que essa astuta serpe te rodêa:
 Vem desgrenhada, trémula, chorosa,
 Toda acesa de amor e de vergonha
 Arrojar-te a meus pés, beijar a terra,
 Pedir perdão, jurar... Jurar!... quem! ella?
 Já nem juras, nem lagrimas me bastão;
 Quero, preciso, deve-mo, derrame
 O sumo vil do coração perverso,
 A morte a purifique, e serei d'ella.

“ Mas, se tu eras pura; se pensavas
 N'este momento em mim! se em quanto verto
 Contra ti maldicções, tu solitaria
 Benções pedes aos Céos, que me protejão,
 Me afastem todo o mal fóra as saudades,
 Me conservem fiel, te dem já ver-me!
 Se era falso o teu crime! Ah! que se o fosse!...

“ Consultemos a sorte: em se inclinando,
 Dê-me esta barca oraculo infallivel:
 Se á direita he fiel, se á esquerda... Oh! Furias!
 Caio á esquerda. Um raio te sepulte
 Comigo para sempre, infausto lenho. „ —

Aqui se ergueo de subito; uma hora
 Correo no lago os olhos taciturnos,
 Immoveo, quedo. Algum feroz projecto
 Indecifavel nas feições do Bardo,
 Lhe andou pela alma turva revoando.
 Ninguem lho soube. O pescador á volta
 Só contou, que ao luar, de tempo em tempo,
 Vira em seu gesto um riso tenebroso,
 Mas sem frase, nem som, e novo, e estranho.
 Que depois, assentando-se tranquillo
 E apertando-lhe a mão — “ A’ meia noite
 Inda eu velava, disse, e amor comigo;
 Remoto era o lugar, a ausencia larga.
 Ao pôr do sol chegára um mensageiro;
 Saudades d’ella, um ramo, e boas novas.
 Dormia a somno sôto, e eu contemplava
 Estas flores de amor: nas graças d’ellas
 Via a mão que as mandou, nos seus perfumes
 As virtudes da bella, os céos gosava.
 A’ meia noite, á hora dos demonios,
 Voz mal distinta murmurou seu Nome;
 Bateo-me o coração fatal pancada:
 Aproximo-me, escuto. O nuncio dorme,

Mas vela-lhe na mente a atroz verdade.
 Como forçadas por potencia occulta,
 Vem-lhe do intimo peito interrompidas
 Frases que tremo ouvir, e ouvir desejo.
 Emprego apezar meu, sabido encanto;
 Co'a mão tremula o peito lhe comprimo
 Por sobre o coração; " Falla, lhe digo,
 Quanto sabes expõe,, - Vês tu serpente
 Cingida ao pé do collo em mão segura,
 Revolver-se, silvar, cuspir veneno,
 Que chaga, rói, lacera a mão que a affronta?
 Tal era o morto a revelar meus fados,
 Os crimes d'ella, a infamia do universo.
 Acordei-o. Dir-to-hei? pallido, frio,
 Repetio ponto a ponto a infanda historia,
 Comprovou-na; e fugio, que o assassinava.

" Fé, bom Velho, virtude, amor, constancia
 Fugirão d'este globo indigno d'elles:
 Mulher pura e fiel não ha, nem houve;
 Crês tu, que a tua o seja? Aos lares corre,
 Entra imprevisto, e lá verás se eu erro.
 Todos nós somos victimas incautas,
 Todas ellas... verdugos. As meliores
 Com flores o punhal disfarção rindo.
 Credulidade em nós, astucia n'ellas
 Ao Pudor feminil alçárão templos.
 Em vão zeloso amante as fecharia
 Do mar no fundo, ou no amago da terra;

Adultera lá mesmo ardêra a mente.
 E tão celeste a voz, o olhar tão puro,
 Tãomeigo oriso, as lagrimas tão prontas!...
 Raça infame de viboras dolosas!
 Podesse uma só náu contel-as todas,
 E o piloto fosse eu: triumpho eterno!
 Livre era o mundo e os seculos vingados!
 Desejos sempre vãos!... reacs só dores.

“Anceão, c'roão-te as cãs; essa a grinalda
 De que orna o tempo as victimas da morte.
 Vão meus annos crescentes, immaturos,
 E eu morro ao meio dia da existencia:
 E tu cá ficas, nos serões do inverno
 Do pobre Bardo o fim narrando aos filios.

“Cêdo bata essa hora, aos mais tãonegra:
 Enchi em curta idade e instantes poucos
 Longa vida de amor, mais longa em penas.

“Quem soubera dos tumulos o arcano!
 Se alem d'esta outra vida nos aguarda,
 (E aguarda, igual paixão morrer não pôde)
 Se livres d'este invólucro terrestre,
 De puros ares habitantes puros,
 Póde a justa vingança inda abraçar-nos,
 E o que o vivo soffreo puni-lo o morto,
 Juro vir cada noite ás mesmas horas,
 Fantasma nebuloso envolto em nuvens,

Pairar da infame pelo céu turvado.
 Se uma janella abrir ver-me-ha fronteiro,
 Encostado sobre a borpa vaporosa,
 Mudo, choroso. Se vagar na selva,
 Sobre a selva serei: se a vir sosinha,
 Ajoelharei, e as mãos alevantando,
 Perdão para a infiel aos Céos supplico.
 Mas se ourein a acompanha, a affiga, a anima,
 Se lhe diz -- " Vãs imagens não te assustem;
 Nuvens são, vem com o vento o vento as leva. --"
 Se lhe falla de amor, se ousa um suspiro!...
 Ai d'elles, ai! Tartareas Potestades,
 Espiritos de luz, amor, pureza,
 Elementos indomitos, Abysmos,
 Noite, Cahos, e tu Divina Essencia,
 Vós sereis meus; do meu conjurio ao grito
 Rebentareis vingança, igual da offensa.
 Embora para a haver, para forçar-vos,
 Vos dê portroca o meu futuro inteiro.
 E ai d'elle! e ai d'ella! ,, —

Aqui tremendo o Velho,

Hia do Bardo interromper os Sonhos;
 O Bardo o presentio. -- " Cala-te e dorme,
 Lhe disse; he tarde, tudo jaz em calma,
 Todo o céu vai já liapo; eu vélo a barca,
 Tu ferra a vela e dorme com descança).
 Adeos. -- " Reina o silencio. Ouve-se apenas
 Da proa na caverna o Ancião dormindo.

No outro dia, ao sol fora, os pescadores
 Virão volver o lenho aventureiro.
 Um só vem dentro. Em que rochedo ou praia
 Ficou o joven Bardo? O velho o ignora,
 Ninguem o sabe. O lago o sabe e he mudo.

Alguns dias depois, entre uns penedos
 Se encontrou a boiar já pasto aos corvos
 Um corpo morto. Se o Cantor esse era,
 Ninguem pôde affirmal-o; alguns o crêrão,
 Mas nem feições nem vestes lhe restavão.
 Se ha prova, jaz do pelago no fundo.

FIM DOS CIUMES DO BARDO.

Tejo: Dezembro de 1829.

A CONFISSÃO

DE

AMELIA:

Poema

TRADUZIDO DE M.^{elle} DELFINE GAY;

E por ella dedicado

Ao Sr. Visconde de Chateaubriand.

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM THE FIRST SETTLEMENT
TO THE PRESENT TIME
BY
NATHANIEL BENTLEY
IN TWO VOLUMES
VOL. I.
LONDON: Printed and Sold by
J. BARNES, in Pall-mall; and
J. MASON, in St. Dunstons Church-yard.
1786.

CONVERSAÇÃO PRELIMINAR.

Pôr em um tomo original, por ultimo remate e coroa, uma traducção, e essa pouco primorosa, bem deve a muitos parecer notavel desacerto; contudo não o fiz eu sem razão. Costume he de quem regala a seus amigos (e n'essa conta me praz a mim ter meus leitores) deixar para o fim do banquete as viandas mais delicadas e mais generosos vinhos, porque essa derradeira lisonja dos paladares absolve o menos apuro que no demais houvesse. Dos tres Poemas que tinha para offerecer, os dous primeiros, tendo-os eu mesmo preparado, bem podia ser que não respondessem ao conecito em que os eu tinha; e assim me importava reservar para a segunda meza este, que podia não me dar gloria, pois que sendo fructo de alheia arvore só me custára o tempo de o andar colhendo, mas ao menos hia seguro de contentar, se já passando por minhas mãos não perdéo o sabor que tão geralmente o fez gabado. E a mais chegavão ainda meus bons desejos, que era a par com a traducção estampar o texto francez, no que então nenhuma duvida

me ficaria de despedir contentes os meus hospedes: mas tão generoso não sou, que ás suas delicias haja de sacrificar de tolo a minha vaidade, confrontando as minhas pobrezaas de traductor com as galas e riquezas da Authora. Não he a cópia digna do original, e aqui o declaro já, primeiro que ninguem; nem sequer he a melhor que eu podéra fazer: de um folgo se escreveo, e ha tantos annos, que nem espaço houve para desvelos, nem os eu conhecia n'esse tempo, nem soffreria sua demora no poctar. Devêra sim ter agora melhora-do, mas fallece-me a vontade, e tambem para que servira tal fadiga? quantos lerão isto? e d'esses, quantos lhe apreciarião o esmero? Se ainda canto n'esta noite tempestuosa de Portugal, he por me distrair, que não por enidar que alguém me ouvirá em minha vida. Oh! se eu quizesse dar largas aos pensamentos que da raiz d'este me vem rebentando, se eu quizesse justificar aqui, já hoje, os Mecenas á moderna, que em outra parte e em outro tempo talvez condemne a longo viver por sua e nossa vergonha!... mas recolhamos por ora esse processo, e em vez de guerrear Vandalos, vamos tratando nossas letras, em quanto de todo nos não decepão. E as-

sim digo, que um dos principaes defeitos da presente traducção me parece estar em que, com o ser mais derramada que o original, não tem assaz euho de nossa lingua. Sim; entendo ser pura a frase em que a escrevi; mas se o carecer de vicios he começo de louvor, outras e mais assignaladas virtudes se requerem para merecer a estima.

N'esta era em que he cabal o esquecimento dos nossos bons livros patrios, forçoso o uso dos estrangeiros, generalissima a conversação do idioma que mais tem contaminado o nosso, sem limites o despejo com que os mais nescios traduzem, compõe, e imprimem, espantosa a torrente de deslavadas semsaborias causada de uma chuva miuda de periodicos, a qual n'este reino vai acabando de assolar costumes, amor á verdade, esperanças do bem, juizo e gosto seguro, e a formosa a formosissima lingua portugueza, n'esta era emfim que a historia tem de signalar com ferrete de presumçosa e estúpida, em consciencia deviamos nós, os poucos que ainda somos Portuguezes, pôr peito a por todos os modos salvar tal lingua do naufragio. Já hoje o estrangeiro que pelas obras de nossos antigos a houver aprendida, não

a poderá ouvir, entrando por nossas cidades e villas; só lá pelos reconditos fraguedos de alguma serra do norte, debaixo dos tectos de colmo de alguma aldêa sem nome, a irá tarde desencantar; e certo que sorriso de desprezo lhe acudirá aos lábios, quando ao fim de não ter entendido os *legisladores* e os *guias da publica opinião*, só entender algum descalcinho que ande por entre moitas pascendo suas ovelhas. Como religião perseguida e malquista, chegou pois a se refugiar por desertos lingua que a nenhuma cedêra, se o nós quizessemos. Oh! que o queria eu, se essas fossem minhas forças! e agora me dóe do muito tempo que pela não conhecer desperdicei para o seu cultivo. Pelo que, se em meus antigos escritos não posso acabar comigo que me resolva ao fastio de inteiros os derreter, para novamente os vasar em fôrma d'aquelle estillo dos nossos bons tempos, que todo espira singeleza, brandura, e innocencia, ao menos me obrigo que nos que de ora avante traçar e escrever, levarei todos meus sentidos postos em tão louvavel diligencia. E se já por ventura parecer a alguns que a sobeja antiguidade proeuro levar a linguagem, a qual pelo muito que desceo já se não pode subir tão

alta, não terei com que os refute, mas lhes direi por boa resposta, que pois que a excessivo ponto de corrupção nos vão levando, he de mister guindar para excessivo ponto de pureza, para que contrastando-se uma por outra cousa, a final nos possamos ao menos ficar em meio termo. Em muito mais encarecido auge, e de todo impossivel e ridiculo, pôz a mira e a elle tirou sempre com todas suas forças Francisco Manoel do Nascimento; e mais he indubitavel que n'este particular mereceo muy bem de nossa litteratura. Reclamemos pela dívida de dez se quizermos que ao menos os cinco nos venhão pagos. De presumptoso taxaráo meu empenho não poucos d'esses que mais podem criticar e empecer do que accender-se em fogo de generosa temeridade: pois seja assim como elles quizerem, e nem por isso ficaremos mal avindos, porque me não podem tirar a satisfação e gloria, que sempre levarei, de atravessar por um seculo barbaro, sem que n'elle me contamine.

Caudal e impetuoso entra o rio Rhodano pelo lago Lemano, e tão determinado com sua carreira o atravessa, que se o não altera, nem com o cristalino das proprias agoas lhe desfaz a baça e terrena côr, tambem d'el-

la senão deixa enturvar, nem vencer da inercia de tão ampla e dormente superficie. Não me comparo eu com o Rhodano, que bem entendo não passo de manso regatinho por entre viçosa mas rasteira grama, e só noto ésta imagem para exprimir o que eu folgára de ser, e o quenão menos folgára que de si emprehendessem os pouquissimos bons ingenhos que ainda ha em Portugal, não afogados na geral brutesa.

As traducções de lingua franceza, a que pouco ha attribuí parte da culpa no estrago de nosso idioma, e pelo demais tem sido feitas por ignorantes movidos pela cubiça do lucro, por duas vias damnarão a sincera e nativa pureza de nossa lingua; já cobrindo-a com o voraz e feio musgo de estranhos vocabulos e frases, já principalmente quebrando-lhe o estillo proprio, a interior contextura, e desgastando-lhe, sem o euidarem, a vida e espirito semi-romano, com que tão fera e poderosa andou sempre entre as de Europa.

O primeiro mal, com quanto seja grave, não he sem remedio, bastando para a vir a lavar d'esses envenenados e nojoses arrebiques, haver quem leve por diante as mui preciosas diligencias do Senhor Bispo D. Francisco de S. Luiz. A peor en-

fermidade he a segunda, se mais que enfermidade não he ella já morte, pois que não acommetto pelo exterior, nem he, para que assim o digamos, patente aos olhos, senão que por todas as entranhas lhe anda lavrando. Fallar portuguez com palavras francezas he imecomparavelmente menos máo, dado que mais ridiculo parece, do que pensar em francez e muito embora exprimir-se em palavras patrias. Não euido eu que haja lingua que mais diste por indole da nossa do que a franceza: apesar de terem uma e outra boa parte de sua origem na latina; apesar de terem sido francezes os rudimentos de nossa monarchia, e muitos os d'essa nação que por cá desde esses tempos se ficárão; apesar em fim do muito e mui intimo tracto que sempre nas duas gentes durou e grande conversação que de seus livros tivemos, permanecêrão distinctissimas, direi até contrarias em seu character as linguas, até que o troço dos traductores aventureiros nos invadio, venceu e talou a nossa. Para bem verter do francez, mais cabedal se requer do que para escrever de proprio moto, porque no segundo basta seguir a queda dos proprios pensamentos que todos vem trajados do idioma vulgar, e não assim

no primeiro caso, aonde a linguagem sobre que navegamos, nos faz continuamente força; e mal que um instante a inspiração deixa de nos favorecer, ou descançamos no remo, em vez de contrastar e subir a corrente, com ella descemos precipitados. E tantas partes felizes, como as de que para isso se precisa, quem as deu ou dará jámais aos presumptuosos que por hi nos inção de traducções, de que todo o reino vai raso, como parede branca salpicada de vareja e outras peores immundicias de insectos na força do estio.

E porque a materia he de tamanha utilidade, e nós estamos, não em um Prologo, mas sim em uma Conversação preliminar, continuaremos por ella, e os enfastiados que voltem folhas e vão lá adiante tomar pé onde melhor lhes parecer.

Duas causas tambem já mencionei, por onde nossa lingua se tem ido e vai pervertendo; são o necessario e forçado estudo de livros francezes, e a leitura dos periodicos, que para muitos não menos he necessaria e forçada. Aconselhar que uma e outra se renunciasssem fôra absurdo. Aos periodicos dei eu costas, que não pertencço a este mundo; mas que amador de letras podéra soffrer esbulhar-se das Obras que

ahi estão já com tamanha felicidade trasladadas para verso portuguez pelo Senhor Antonio Luiz de Seabra, que de outro modo não folgára de as ter escritas o filosofo cortezão, se Portuguez houvera nascido em vez de Romano. Oxalá que tanta fabrica de esperanças não fique só pela primeira traça, como pelo demais se lamenta em cousas nossas!

Mas tornando-me ao d'onde me desviei, por querer dar uma vista d'olhos a estes não jardins sim pomares de muitos frutos, repito que não vai a *Confissão de Amelia* tão portugueza como pedéra, e conceda-se venia a quem não inquirido confessa o delicto.

Agora razão he que da Authora se dê alguma noticia a minhas Leitoras, mais que leve seja e por alto. Não sem boa razão se ha por começo de louvor em qualquer vida, o lustre da origem e claridade do lugar natal, porque dado que da fortuna sejam ambas essas cousas e não do sujeito, como bons auspicios usamos de as acolher quando de meritos pessoas as vemos depois ir seguidas. Franceza nasceo Delfina Gay, e filha de uma Senhora por nome Solla Gay, mui nomeada pela excellencia

de seu ingenho. (*) Com todas as boas fadas veio a lume esta menina: a natureza, sobre dar-lhe com profusa mão graças corporaes, lhe hafejou espirito raro, abraçando assim n'um só composto o que para ricamente prender a duas mulheres houvera bastado. Entre seus penates achou já a gloria cuja tinha de ser, e em sua Mãi a mestra e o exemplo vivo para imitar; vantagem grande no juizo dos que bem alcançarem quanto por negação e rudeza de pais se inalogrão bem a meudo preciosas e nativas qualidades de filhos. (**)

(*) M.^{me} Sophia Gay he em França tida na conta de mui distincta por merito e modestia, d'entre as Authoras de Novellas: em nenhuma das suas pôz seu nome, com quanto a isso a provocasse a boa acollida que todas ellas tem logrado: intitulão-se *Laure d'Estelle*, *Leonide de Montbreuse*, *Anaisole*, *Les Malheurs d'un Amant heureux*.

(**) O Abbade Dubos, de quem Voltaire faz muito honrada menção, diz nas suas *Reflexões Criticas acerca da Poesia e Pintura*, que nenhum verdadeiro talento deixa de encontrar modo de se ir ao paiz que a natureza o destinou; e para si tem, que em nenhum usa a desventura de se mostrar tão constante, que já nunca lhe abra por entre seus espinhos, uma vereda para a gloria. Esse dito, que alias poderamos confirmar com centenaes de exemplos, tem contudo soffrido muitas excepções, e mui para sentir; porquanto umas vezes a obscuridade e penuria do berço impedem futuros vãos para região mais

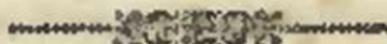
mais instruem e divertem? De tudo leia embora o animo do curioso, mas como houver acabado cada uma de suas leituras, corra a se purificar nas fontes vivas e copiosas de nossos classicos; não perderá a substancia do que houver recebido, mas se livrará das nodos que no tragar esse mantimento lhe caissem. Não forão os nossos classicos homens de que nos hajamos nós outros de desdenhar, nem em só escrever portuguez se cifra seu merito. Se os que hoje os desprêsão e menoscabão se quizessem ao menos aventurar a lê-los, quam prestes mudárão de conceito, deleitando-se em seu tracto! Por desconhecidos são despreciados, por não frequentes desconhecidos, e por dispendiosos não frequentes: d'onde, serviço grande será para as letras e lingua portugueza o que a tão recente e tão esperançosa Sociedade dos Amigos das Letras, commette e levará a effeito, se a fortuna a ajudar: com os lucros do seu promettido Jornal de Sciencias, Letras, e Artes, he proposito seu ir a pouco e pouco reimprimindo os melhores de nossos antigos livros, para os derramar na maior copia e pelo infimo preço que possível for. Não basta porém este só remedio contra enfermidade tão geral e profunda, senão.

que todos serão poucos e bem empregados: pelo que me praz confiar, em que todos meios serão tentados, taes como um Dicionario amplo e cabal, premios annuaes ás Obras que em cada um anno venhão a apparecer em melhor linguagem escritas, desvelo em prover de bons Dramas, Comedias e Tragedias o Theatro, e a final versões esmeradas dos Romanos authores, mormente dos poetas, que por serem leituras para maior numero, mais larga enra podem fazer. N'este ultimo ponto insistiria eu, se fosse este lugar para dissertações; mas sempre direi, que por quanto forão traducções as que já nos arruinárão, a traducções cabe reparar o destruido. E certo, que o mal que nos as francezas por sua natureza hão feito, o podem pela sua mui bem vingar as latinas. Este alvitre tanto agradou a alguns de meus amigos, assim como lho propuz, que espero que de bom desejo passe e se converta em obra. Já, mercê de Deos, para começo de tão grandioso edificio algumas poucas pedras estão cortadas. De Ovidio não fallo, porque de seus *Amores* e *Metamorfoses* fui eu o traductor, nem de Lucano de que um de meus Irmãos já tem uma boa parte; mas mencionarei Horacio, cujas *Satiras* e *Epistolas*

ra enfim tomar descanso, que assaz he tempo. —

São os seguintes Fragmentos extrahidos do segundo Tomo do Genio do Christianismo do Senhor Visconde de Chateaubriand.

Lisboa : 12 de Fevereiro de 1836.



portanto o seu correr para a perfeição litteraria com declivio de corrente e vento gabelno, desde os primeiros dias. Com a applicação aos muitos dotes com que uma donzella bem nascida tem de apparecer no mundo, no mundo d'este nosso seculo e d'aquella grande Pariz, forão-se travando os bons estudos das Linguas, Philosophia, Historia e Poetica, o que tudo a grande madrugada de seu entendimento lhe tornava claro, facil e formoso.

Em annos mui verdes, em que já não fóra pouco o apreciar e entender cabalmente os bons Poetas, saio-se forte e valorosa a ganhar palmas de talento nas justas

alta; outras a propria condição elevada tolhe descer para Artes, que bem que de si formosas, estão por leis do mundo assentadas humildemente: e d'isto darei por exemplo o meu amigo, o Sr. Joaquim Larcher. De sua propria boca, e perante bom numero de testemunhas lhe tenho ouvido, que a sua verdadeira vocação era toda para Autor e Architecto. Fê-lo a Sociedade um excellento Governador Civil; mas se o acaso lhe houvesse dado inferior condição, sei que nos teria sido um mestre e creador da scena, como confissão quantos o virão representar n'aquelles nossos bons e sanhosos tempos de Coimbra. Quanto a Mestre de Obras, não sei, mas f'igarei que assim seja, para que, ponda em effeito sem empenho, nos dê breve o prometido Theatro, decente, e digno de actores taes como elle.

e torneios litterarios; e deu materia, com o deixar que seus Ensaíos se imprimissem, a que seu nome se espalhasse ao longe, e de toda a parte os animos ficassem attentos aguardando o muito que tão felizes commettimentos denunciarão.

O Livro de Obras suas recentemente publicado, preencheo as esperanças geraes, e para sempre lhe deu praça e fóro entre os optimos Poetas seus conterraneos d'esta idade.

Outra de suas fortunas, que certo não he para omitir, he ter-lhe o céo concedido, alem de uma digna Mãe, um digno Esposo, qual he Mr. Girardin, litterato a cujo bom zelo muito deve a França, e que sobre ser tão proprio para bem avaliar e incitar por si esta musa creadora, até pelas suas numerosas relações com os escriptores mais abalizados a cérca de um cortejo condigno e poderosissimos incentivos.

Troncando por aqui esta noticia mal encetada, por me falleerem informações, de que para a levar por deante precisaria, bom será que se indique a fonte d'onde lhe manou o Poema que verti, e melhor ainda que indica-la será pô-la patente aos olhos dos curiosos; e a isso nos vamos pa-

FRAGMENTOS

do Episodio de Rene.

.....

Ainda Amelia não tinha feito os votos ; para morrer para o mundo , primeiro tinha ainda de passar pelo sepulchro. Lá se estira minha irmã nas lageas ; por cima lhe estendem a mortalha ; aos cantos lhe accendem quatro tocheiras. O sacerdote, de livro na mão, e estóla, levanta o Officio de defuntos ; côro de moças religiosas n'elle prosegue ; com muito espirito e devoção. O' deleites da religião , quam grandes, mas quam terriveis não sois ! A mim me haviam posto de joelhos bem ao pé de todo este apparatus lugubre ; senão quando, sáo debaixo da cobertura sepulchral um sóido afogado e confuso. Inclino o ouvido, e n'elle me screm as seguintes palavras, só de mim percebidas: " Fazei , ó Pai de misericordia , que nunca mais me alevante eu d'esta jazida funebre ; e prodigo derramai todos vossos favores a um irmão , que em meus criminosos affectos não foi cúmplice.

.....

Vagueava eu continuo á volta do mos-

teiro levantado ao rez do mar. A mudo enbergava a uma janellinha de grades, que contra o armo do areal olhava, uma religiosa assentada em acto de mui pensativa: em profunda abstracção se embevecia na perspectiva do oceano, por onde lá fugia de tempos a tempos algum navio singrando para as extremas do mundo. Muita vez ao luar tornei a ver aquella religiosa ús grades da mesma janella; contemplava o mar alvorecido do astro das noites, e toda parecia attenta n'aquelle ruído das vagas, que tristemente vinhão quebrando ao longo das arêas e sáfaras, pela costa solitaria.....

.....

Como René pôz fim em sua historia, sacou do scio um papel e o entregou ao Padre Suel; e logo deixando-se cair em braços de Chaetas, e afogando os soluços, deo ao Missionario espaço de pelos olhos correr a carta que lhe fiara, a qual era da Prelada de... Encerrava a relação dos ultimos momentos da Sor Amelia da Misericordia, que, pelo estramado zelo e caridade com que tratou de suas companheiras em uma enfermidade contagiosa, fallecera: inconsolavel jazia toda a Communidade, e tinhamo Amelia em conta de Sancta.

A' M.^{elle} DELPHINE GAY(M^{use} Girardin)

ENVOI.

Sous le ciel d'Occident j'ai redit le trépas
De cette malheureuse et touchante *Amélie*;
Ma muse a su charmer, par la votre embellie;
Pour plaire il faut avoir un peu de vos appas.

J'ose donc de vos vers vous adresser l'hommage
Quoique trop affaiblis, ils vivront plus d'un jour,
Puissiez-vous dans le mien retrouver votre ouvrage;
Qu'un Sourire lui soit le gage
D'un materuel, et d'un constant amour.

Jadis l'homme des champs apportait en offrande
Four prix de leurs bienfaits, aux Nymphes des hameaux,
Des fleurs qu'elles font naître une simple guirlande,
Qu'il suspendait à leurs rameaux.

Grossièrement tressés par des mains si fidelles,
Les lys étaient moins purs et les roses moins belles:
Mais si le don perdait en parfums, en couleur,
L'œil toujours bienveillant des Beautés immortelles
Y mettait quelque prix... ce don venait du cœur.
Ah! quand on a leurs traits, on doit être comme elles!

Antonio Feliciano de Castilho.

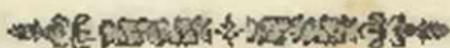
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..



A CONFISSÃO DE AMELIA:

P O R M A.

*Dixi: confitebor adversum me in-
justitiam meam Domino; et tu
remisisti impietatem peccati mei.*
Ps. 31.

RESOA a espaços no Convento annoso
Sino funebre; he toque da agonia.
Em transes do affrontoso passamento
Alma christã lá pena. Ao locutorio
A grade abrindo, —“Entrai, diz a Abbadessa,
Correi á nossa Irmã, que vos suspira:
Jaz nas ultimas; vinde a prepara-la
Antes que o grão Juiz a chame a contas,, —

O Sacerdote ancião que isto lhe ouvia,
Sáe da capella accelerando os passos;
Leva o Oleo sagrado, o Pão Divino
Holocausto que ao mundo os ceos promette.
No longo escuro véo sumindo a magua,
Co'a tocha em punho tremula, precede-o
Presto presto a solícita Abbadessa,

Por sobre as campas do sonoro claustro:
 Pelas arcadas tacitas apenas
 Gigante a propria sombra os vai seguindo.

Já subirão as humidas escadas:
 Proximos quasi ao lugubre aposento,
 -- "Sentis algum rumor?," diz assustada
 A piedosa mulher. -- "Não,," -- torna o velho.
 -- "O' meu Deus! he talvez já tarde!," -- exclama.
 Em quanto assim dizia, eis mansamente
 Se abre uma porta ao fim do dormitorio,
 E se ouve em baixa voz "Inda respira:
 (Era a Irmã que velava ao pé da enferma)
 Já não ha que esperar, não percais tempo,
 Que no apartar-se da alma entra em delirio:
 Chama não sei por quem, que eu não conheço;
 Entrai logo., -- A Abbadessa á porta odeixa;
 Escrupulo lhe impõe que se retire:
 E entra só do Senhor o ancião Ministro.

Brandão que já do altar se honrou nos cultos
 Na estreita cellasinha agora empresta
 Funebre claridade á muribunda.
 Do tormentoso leito em frente, aberta
 Mostra a janella o mar e as praias ermas,
 Quadro umbroso que attrae de Amelia os olhos,
 Por entre o grão fragor do vento e vagas
 A misera aterrada escuta o sino,
 Que em pesado vaivem brada por ella.

No carcere onde jaz não jaz sua alma:
 C'os desvairados olhos no horisonte,
 Das grades atravez e á luz dos astros,
 Parece andar buscando ao longe as velas
 De suspirado, prófugo navio,
 Em quanto o furacão revolve o pégo,
 E avé triste do mar, fugindo á noite,
 Attraída da luz cega esvoaça,
 Fere os duros varões co'as azas duras.

Pronto a fallar dos Céos, em tanto o Vellho
 Volvia olhar piedoso á triste Amelia.
 Oh! e que alma provada escapa á força
 Que faz presenciar n'um rosto bello
 Lucta cruel de mocidade e morte!
 Sobre o corpo abatido o antigo traje
 O traje luctuoso, a Irmã conserva;
 Asp'rosa que ao sepulchro ha de segui-la.
 Transluz por olhos seus delirio torvo,
 E a custo envolta em pranto a voz despega:

-- "Será elle?... René?... meu Deos! que digo!
 Jaz ermo todo o mar... René não volta!...
 Não ha mais vê-lo, ai morro; adeus esp'ranças!
 Aquelle sino me annuncia aos mortos:
 Vou expirar sem vê-lo, estou punida.," --

Treme o sancto Varão de ouvir taes frases,
 E em nome de um Deos bom perdão lhe off'rece.

— “ Confiai-vos n'um Deos que ama seus filhos ;
Esp'rança de ir aos Céos alegre essa alma ,
Os braços do Senhor de já vos buscão , —

— “ Não, o inferno me aguarda , —

— “ A vós o inferno ?

A vós que tantos olhos enclugastes ?
Amelia , crede em mim , crede-me , ó filha ;
Bemfazer só pertence aos innocentes ,
E nunca ás almas que remorsos ralão .
Se fosseis ré da colera divina ,
Como terieis balsamo tão doce ,
Tão eficaz ás chagas do infortunio ?
Calmai terrores vãos : o Céo bem sabe
Que padeceis por victima espontanea
Do mais nobre valor . Qualquer peccado ,
Morte que a vossa iguale assaz o expia .
Vossas jovens Irmãs , se vós não fosseis ,
Ao contagio voraz succumbirão .
Mais que irmã , mais que mãe , christã sublime ,
Dos p'rigos atravez , correis , salvai-las
A existencia das mais remis co'a vossa . , —

— “ Essa morte gloriosa ah ! não me absolve !
Euscava o p'riço entre ellas , Deos o sabe .
Dando a vida a seus labios muribundos ,
Affrontando o pestifero contagio ,

Corria por me expor, não por servi-las,
 E roubar-lhes a morte era o meu gosto.
 Um cego amor, no mundo começado,
 No sacrosancto claustro entrou comigo.
 Aos pés do Salvador em vão prostrada,
 Das esposas de um Deos zelozas, puras
 Imitava o fervor, a ingenuidade.
 Quando, em face do altar ajoelhadas,
 As devotas Litanias modulavão,
 Errantes olhos meus, ah! vós não lieis
 Não lieis mais do que um nós nomes sanctos.
 Meu véo manchavão lagrimas impuras;
 N'este borel grosseiro amortalhado
 Um coração sacrilego batia., —

— “Mas filha, que poder vos constrangia
 De votar-vos ao céo, fugir ao mundo?
 Viria do infortunio essa imprudencia?
 Esse, cuja lembrança vos captiva,
 Lançou-se por ventura em braços d'outra?., --

-- “Em vão pedi aos céos que a outra o dessem;
 Aquelle por quem morro, amou-me sempre.

-- “Mas que mão desunia os vossos fados?
 Lembra-me ouvir da boca da Abbadessa
 Querendo encarecer vossa piedade,
 Que havieis ás delicias transitorias
 Preferido sem custo a paz do ermo:

E que um vosso parente (irmão supponho)
 Fundado nos direitos da amizade,
 Longo tempo se oppoz ao vosso intento,
 Quem pois vos obrigava? — “Elle”
 — “Elle mesmo?”
 Grande Deos! —
 — “Não culpeis quem não tem culpa,
 Meu Irmão nunca soube os meus reinosos,
 Os meus crucéis, meus intimos debates,
 Longe de suspeitar meu mal terrivel,
 Que vezes de frieza me arguia!
 Cancei-me de esperar contra delirios,
 Soccorros que a razão nem sempre ou recei,
 E dar-lhe eterno adeos achei forcoso,
 Meus tormentos calar já não podia:
 Mais que friezas, receando extremos,
 Criminoso terror sentia ao vê-lo,
 Erão-me pejo os oculos fraternos,
 O' vinganças de um Deos, fataes vinganças!
 Em propria, sem querer, soprava o fogo,
 Verdugo e ré no barbaro martirio,
 Sim, sim, lá n'outro tempo, em quanto angustias
 Não me haviam murchado a flor das graças,
 Meu semblante era o seu, seicões as mesmas,
 Mesmo brando sorrir, presença grave,

E sobre tudo o olhar, o olhar materno.
 Tentadora illusão, memorias ternas
 Andavão de continuo a perseguir-me;
 Até na minha voz suppunha ouvi-lo.
 Baldado era o fugir, que hião comigo
 Em meu rosto o meu crime e a tua imagem, --

Assim diz: busca o Vêlho conforta-la;
 Mas ella impaciente, ella em delirio,
 -- " Falta o mais, falta o mais, ouvi-me, exclama.

Quando nas aras proferi meus votos,
 Não se rotas traças me cairão soltas,
 A' hora em que estendida sobre a pedra
 Fatal mortalha me escondia ao mundo,
 Do templo na mudez se ouvem gemidos:
 No suave da voz René conheço.
 Novo crime presinto, horror me inspira
 De seu amor a criminosa idéia.
 Criar, quizes tinha em mim, ferre-ohe angustias
 Na mente oppressa de pesar saudoso.
 O René!.. dia atroz!.. funestos votos!
 Eu chamei sobre ti de um Deos as iras, --

-- "A vossa confissão me explica tudo,
 Exclama o Sacerdote, apasiguai-vos:
 Só René foi culpado; esse nefando
 Amor que encheo de lucto os vossos dias,
 No peito de René principio teve.
 Primeiro do que vós soube elle o arcano --

Aos males que heis soffrido, acerbos males,
 E os quiz, e se paseeo no proprio damnó.
 O' miseria do pó! o homem vaidoso
 Com um tormento demais só dado ao homem,
 Procura novidade até nas dores;
 Compoê seu infortunio; aos céos o imputa.
 E desgraça apellida o que he seu crime.
 Mas vós, cujos piedosos sentimentos
 Me edificárão tanto, vós Amelia,
 Pela mão do Senhor trazida ás aras,
 Capaz não sois de vergonhosos crimes;
 Se peccastes, foi só por de sobejo
 Vos pôr medo uma sombra de peccado.
 Deos vos ha visto o pranto, efforço, lidas;
 Pezou vosso remorso; a penitencia
 Lhe prende as mãos da imparcial justiça;
 Uma lagrima só lhe apaga o raio.
 Amelia, a vossa morte he prova d' isto:
 Se lá vos chama a si, quer perdoar-vos.

Na anciada confissão da moribunda
 Vago rubor as faces, lhe arraiára.
 Chamada pelo Velho, entra a Abbadessa
 A quem tóca o materno, o amargo officio
 De lhe erguer, sustentar-lhe a fronte exausta:
 Poem-lhe os olhos; um raio de esperanza
 Lhe diz na côr de Amelia = Amelia he salva, =
 Do Sacerdote a voz desfaz o encanto,
 -- "Apresemos-nos," diz. N' isto em joelhos

Se arroja; sobre a enferma a cruz estende,
 Recita as orações d'essa hora incerta,
 Orações, que a infeliz escuta apenas.
 Da-lhe sublime as ternas despedidas,
 O adeos consolador: co'a mão tremente
 Empunha o calix d'oiro; um pouco a virgem
 A pesada cabeça a custo alçando,
 N'um derradeiro esforço accita a hostia.

Em quanto a Sacra Uneção lhe tinge a testa,
 Chega o praso, aniquila-se o universo,
 Já noite perennal cerrou seus olhos!
 Sólta do térreo manto a luminosa
 Joven alma feliz, lá foi juntar-se
 A' Sempiterna Essencia, origem sua.
 Já no seio dos Céos purificada
 Do involuntario amor, que a profanára,
 O perdão de René a Deos supplica.

Só ficou a Abbadessa ao pé da morta
 Velando em oração. Saíra o Velho
 Para ir depôr no altar o vaso d'oiro:
 No abrir da porta o vento que gemia
 No esguio dormitorio, entra revoltado,
 E co'a brisa do mar travando embate,
 Quebra da cella o funeral silencio;
 Do pendente rosario agita as contas,
 Curva o ramo do hissope entorna as agnas,
 Confunde, espalha os funebres aprestes.

A Abbadessa a chorar ficou-se orando
 Em trevas; porque o negro e longo fumo,
 Da freira na agonia ultimo adorno,
 Erguendo-se, apagára a debil tocha,
 E sôbre o rosto quedo esvoaçava.

FIM

DA CONFISSÃO DE AMELIA

*Composta na choupana de Lormois em
 Julho de 1824. Traduzida na Residencia
 parochial de S. Mamede de Castanheira da
 Vouga em Setembro de 1828.*



INDICE.

<p>A Noite do Castello. = Poema. = Ao Cavalheiro Antonio Briccolani</p>	<p><i>Dedicatoria.</i></p>
<p>Prefacio da Noite do Castello, pag.</p>	<p>ix</p>
<p>Noite do Castello = Canto 1.º</p>	<p>1</p>
<p>Canto 2.º</p>	<p>21</p>
<p>Canto 3.º</p>	<p>51</p>
<p>Canto 4.º</p>	<p>77</p>
<p>Reparos ácerca da Invenção da Noite do Castello.</p>	<p>97</p>
<p>Affonso, e Isolina, <i>Ballada li- vremmente traduzida do Inglesz de Lewis, pelo Sr. Alexandre Herculano de Carvalho</i></p>	<p>117</p>
<p>As Bôdas do Conde Rizzari, Historia Siciliana (<i>Artigo tra- duzido do Voltigeur n.º 21.</i>)</p>	<p>123</p>
<p>Dedicatoria dos Ciumes do Bar- do a Mr. Ferdinand Denys.</p>	<p>139</p>
<p>Preambulo dos Ciumes do Bar- do.</p>	<p>141</p>
<p>Os Ciumes do Bardô = Poema =</p>	<p>153</p>

Conversação preliminar da Confissão d'Amelia.	171
Fragmentos do Genio do Christianismo.	187
Envoia M ^{lle} Delphine Gay.	189
A Confissão d'Amelia = Poema =	191

F I M.

